Revista da Semana

ANNO XXIX
N. 49
24 de
Novembro
de 1928

Visitem a linda Exposição na PERFUMARIA NUNES -- Largo de S. Francisco, 25

ESTE NUMERO CONTEM 52 PAGINAS

ANNO XXIX || Rio de Janeiro, 24 de Novembro de 1928 || NUMERO 49

A Senhora Butantan

por SAUL DE NAVARRO

DEPOIS da sessão de cinema no quarteirão dos arranha-céos, entrei numa casa de chá, não tanto pelo desejo de tomal-o como para matar o tempo, emquanto esperava o meu amigo Hilario Veiga, joven millionario paulista que, apezar da fortuna enorme, não era pobre de espirito.

Veiu o *garçon*, um espanhol de linha, que já fôra anarchista em Barcelona, cabelleireiro de senhoras na Broadway e pelintra em Palermo, e que, depois de ganhar e de perder cem mil pesos, se tornara pauperrimo, obrigado a servir os outros, a mim inclusive. Alonso é, além de serviçal, um perfeito cavalheiro. Demais, gosta de mim e procura sempre agradar-me.

— Que manda? — perguntou sorrindo.

— Chá com torradas.

Fiquei á espera de que m'o trouxesse, verificando no relogio si o Veiga já estava atrazado: faltavam cinco minutos para as seis horas.

O Alonso voltou com o chá e o sorriso. Emquanto me servia, curvado sobre a mesinha, segredou-me:

— *Ojo! Hay una linda mujer en su camino...*

O diabo do espanhol tinha razão: estava diante de mim, tomando sorvete, uma deliciosa creatura.

— Quem é?

— Madame Butantan...

O *garçon* afastou-se com discreta rapidez e eu puz-me a deleitar a vista, emquanto sorvia, com lento prazer, o chá aromatico.

A senhora Butantan? Que nome ironico e tentador ao mesmo tempo! Devia ser de S. Paulo, a julgar pelo appellido. Só o Hilario Veiga poderia satisfazer a minha curiosidade, aguçada pela presença sideral daquella mulher elegantissima, flexivel e adoravelmente bella, de uma belleza morena, cheia de malicia e de mysterio.

Continuei a minha viagem ocular de fauno indiscreto, deslumbrado pelo encanto paradisiaco do que ia descortinando. E, pelo espelho, lobrigava todos os accidentes maravilhosos daquelle turismo ineffavel...

Só ao cabo de alguns minutos é que dei pelo Hilario Veiga ao meu lado, viajando commigo, como passageiro clandestino.

— Estavas aqui?!

— Estava no céo...

— Conheces a senhora Butantan?

— De corpo e alma...

— Petulante!

— A moda nos faz iniciados nos segredos da belleza feminina, que já não é um thesouro escondido aos olhos ávidos do homem. E, como tenho a felicidade de a conhecer pessoalmente, penso que te respondi sem inconveniencia ou petulancia.

— E' paulista?

— Paulistana.

— Por que lhe chamam a senhora Butantan?

— Por esta simples razão: é a tentação em pessoa. Não ha quem resista ao seu encanto de serpente.

— Mas ha, por certo, outra causa.

— Corre uma lenda a respeito. Sabes que a mulher gosta de mysterio.

— Que lenda é essa?

— Dizem que nasceu sob a influencia ...daquelle ophidio symbolico que tentou e perdeu a Eva no Eden. Dão-na como filha de um hindú, encantador de serpentes, apparecido em S. Paulo e que passou parte da velhice no Instituto de Butantan, na faina de extrahir o veneno das serpes, vindo a morrer depois no officio ingrato de cobrador de um medico celebre, cuja clientela, quando não ia para o céo, ficava sob o supplicio dessa visita infernal... A filha passou a infancia em Butantan e, aos quinze annos, foi exhibir a sua belleza serpejante nos theatros e nos *cabarets*, como bailarina e domadora de serpentes, que se lhe enroscavam pelo corpo admiravel. Dahi o seu nome. Fez furor e tornou-se uma tentação irresistivel. Um fazendeiro de café, a quem a valorização do producto proporcionou uma existencia de Creso, não sabendo o que fazer de seus milhares de contos de réis, apaixonou-se por ella, indo a sua prodigalidade ao exaggero sentimental do casamento em communhão de bens. Começou, então, o luxo asiatico dessa creatura fascinadora e terrivelmente bella, cujos olhos parecem reter a luz de um sortilegio de bayadera sagrada e em cujo corpo ha o colleio de todas as serpes do peccado — Salomé de olhos negros, tendo a magia do Oriente e a volupia tropical, como rosa de sol e capricho de um sonho das mil e uma noites.

— E o marido?

— O marido morreu, ha dois mezes, num desastre de automovel, quando vinha á noite para aqui, onde deixara a mulher no seu palacete da Tijuca.

— A utilidade das rodovias!...

— Não gracejes, Henrique, com a morte accidental dessa nova incarnação tragica de Othelo: matou-o o ciume. Tinha pela esposa magnifica um culto fanatico mas, tambem, um ciume que raiava pelo paroxysmo da loucura: desconfiava de tudo e de todos. Gastava rios de dinheiro para manter um serviço secreto de vigilancia em torno da mulher, cujos desejos, por mais absurdos, realizava.

— Mas que vida de tormento chinez seria a desse marido ciumento!

— Um supplicio, que ultrapassa qualquer imaginação pôesca! Basta que te diga isto: tinha um ciume morbido, que chegava ao delirio de desconfiar do mar, quando a via banhando-se entre as ondas, numa alegria de Venus; quando ella dava o seu passeio matinal pela floresta, julgando-se trahido pela astucia do vento ou pela caricia dos cipós lascivos, chegando a ver num raio de sol um olhar de concupiscencia ou de indiscreção... Em sua casa não admittia a presença de homem: elle era o unico que ali entrava. Todos os serviços eram feitos por um sequito de mulheres: da cozinha ao parque, da copa á garagem.

— Curioso typo!

— E morreu em consequencia desse ciume teratologico. Estava no Automovel Club, na Paulicéa, jogando *poker*, com uma sorte rara: já havia ganhado cem contos. Num momento dado, depois de ter feito com exito um *four* de azes, veio-lhe á lembrança a perversa ironia do adagio — Feliz no jogo... Deixou a mesa de um salto e despediu-se dos parceiros attonitos. Entrou rapido no elevador e, na rua, despertando o *chauffeur* (eunucho que emigrara de um harem, depois da dictadura de Mustaphá Kemal), deu ordem para a partida vertiginosa, na ansia de chegar ao Rio, onde, áquella hora da madrugada, a serpente dormia no seu ninho alpestre da Tijuca...

O pujante Packard corria a 100 kilometros por hora, emquanto o marido, trabalhado pelo ciume delirante, ordenava, exigia maior velocidade, com a pressa de vencer a distancia e chegar ao seu destino. Numa curva, já nas proximidades da serra das Araras, o possante carro emborcou, matando-o quasi instantaneamente, tal a violencia do choque traumatico.

— E agora, que faz a senhora Butantan?

— E' uma viuva consolada pelos vinte mil contos de herança...

E, olhando através do espelho, para a nudez esplendida daquella mulher fascinante, não vimos a senhora Butantan, mas uma serpente magica, que se movia e retorcia como symbolo supremo da tentação.

SAUL DE NAVARRO.

O ETERNO SARCASMO

POR ANTONIO GUARDIOLA

TRATA-SE de uma dessas recordações infinitamente dolorosas que se gravam para sempre no fundo da alma. Passaram-se tantos annos, tantos! — e não se apagou a sua imagem no meu coração, nem essa inexplicavel ternura que a mulher que nos estava destinada faz brotar das nossas entranhas, e dos olhos e do peito. Outras muitas passaram pelo meu coração; só ella, porém, ficou em mim para sempre, com o perfume extranho e penetrante do amor espiritual e verdadeiro do amor da alma, esse amor que espiritualiza e eleva, e nos dá a sensação de que a creatura querida é um pedaço da nossa vida, uma parte do nosso proprio sêr que, por um milagre de Deus, se separasse de nós e vivesse por si...

Ah! o amor verdadeiro!... Que Deus e a existencia vos livrem delle!... Nós, que o experimentámos, temos a sensação de que voou para outro mundo mais perfeito e espiritual o melhor, o mais carinhoso e o mais bello da nossa alma, e sentimos eternamente uma tristeza irremediavel, um immenso vacuo, como se estivessemos realmente sózinhos no mundo... A vida e os homens e as cousas parecem-nos já imperfeitos e absurdos, como se o amor da alma tivesse queimado e destruido em nós, ao illuminar tão maravilhosamente o nosso espirito, o melhor que em nós houvesse...

. .

Tinha eu então trinta e cinco annos e acabava de regressar da America, aonde me levara um destino implacavel. Ahi, á força de heroismo, de paciencia e de trabalho, conseguira reunir uma pequena fortuna. Quero, antes, dizer que, como quasi todos os protegidos da sorte, fôra muito desgraçado em amores. Amei, por duas vezes, na minha juventude, e tive a desgraça de me defrontar com mulheres vulgares e egoistas, uma dellas *perigosa*, no peor sentido da palavra... E como, além disso, tive de lutar muito com a vida desde creança a minha alma ensombrara-se e emmudecera... Mas tenho um orgulho: o de haver sabido conservar, em todos os transes e em todas as tristezas da vida, um recanto da alma que contiNúa cheio de belleza e de bondade... E' uma especie de altar do meu espirito que só eu vejo e que me faz commungar com o infinito sem necessidade de sahir de mim mesmo...

. .

Eu guardava, como todos os que teem soffrido muito, como todos os que teem sentido a alma sacudida por todas as iniquidades e injustiças, um rancor mudo e muito profundo pela vida, que parece comprazer-se em destruir as mais lindas flôres da nossa alma.

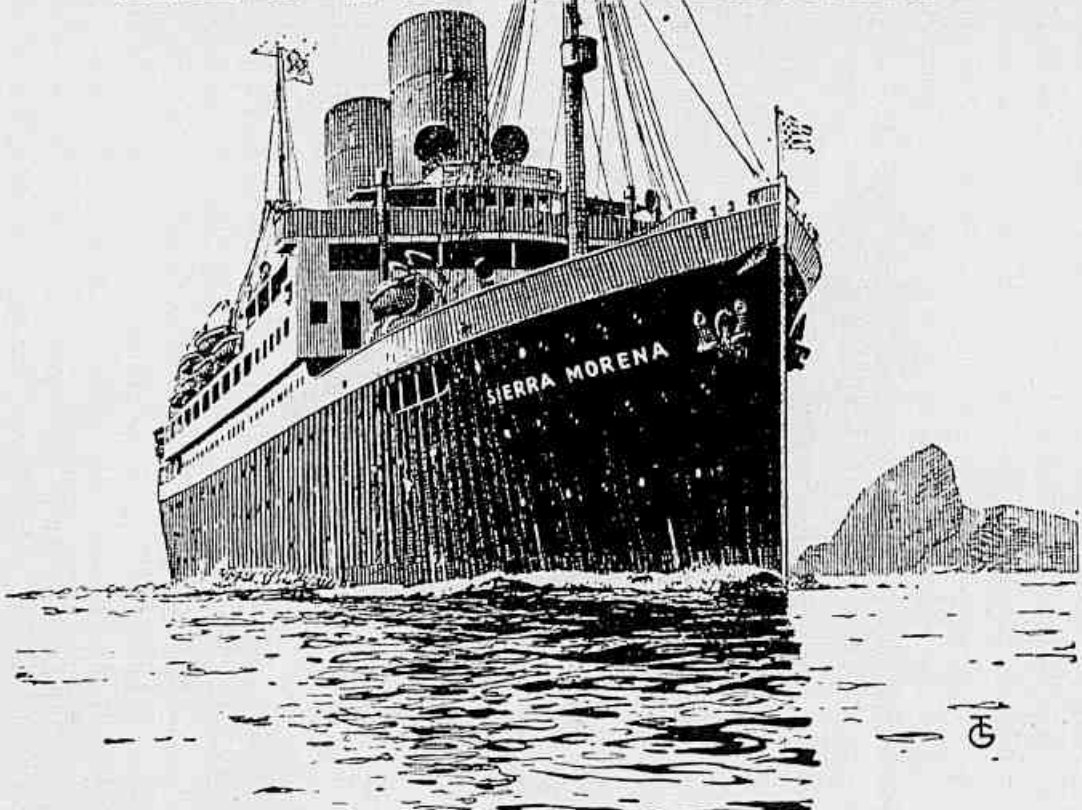
Agradava-me voltar a cabeça para trás e fazer esse balanço do passado, que só surge diante do pensamento do homem quando elle passa dos trinta e cinco annos...

Recordava-me, então, dos meus horriveis desenganos de amor, e julgava, com uma tristeza que teimava em qualificar *pensada*, que um sarcasmo supremo parecia presidir á minha vida. Mas... á minha vida só? ... Quem sabe se um sarcasmo brutal, cruel ou ironico, como se fosse um espirito zombador, presidia, da sombra, a todas e a cada uma das vidas dos homens?... Encerrariam acaso as dos outros, como se dava com a minha, o grande desencantamento de haver esperado tudo e só haver encontrado o vasio, o odio ou a indifferença em torno?... Guardaria então cada homem, como eu, ao chegar á maturidade, um pezar infinito no coração, pelos sonhos que não se realizaram, pelas illusões brancas que a vida destruira em nós, pelas esperanças fallidas, pelas almas encontradas que julgaramos irmãs a principio, e que depois nos trahiram, nos venderam ou nos odiaram?... Seria verdade estarmos todos sós em meio do mundo? Não nos comprehenderia alguem?... Não nos amaria alguem verdadeiramente?...

Ah! Com que angustia, a um tempo mortal e doce, puz tudo em seu logar quando conheci Mercedes... Comprehendi então que, como eu sempre pensara, ha sobre a terra uma alma irmã da nossa alma e que toda a nossa tristeza, toda a nossa inquietação e a nossa dôr nascem da nossa solidão e do nosso afastamento dessa alma presentida... Essencia pura do amor mais puro, sopro divino de belleza e de ideal, fonte de ternura que abrasa o nosso coração e que até ao peor dos homens faz que se sinta, um instante que seja na vida, bom e innocente como uma virgem! Mas havia, sim, um espirito zombador que nos afastava eternamente da alma presentida, que nos distanciava do unico coração talvez que, na immensidade do mundo, teria comprehendido e amado o nosso coração... fazendo-nos conviver, em troca, e partilhar as nossas palavras, os nossos pensamentos e as nossas paixões com sêres estupidos, alheios ao nosso mundo interior, ou com sêres brutaes e egoistas, com essa turba de gente ignorante que se chama *o vulgo*, que ri sempre, que não pensa e que é feliz...

Mas estou divagando. Perdão! Quiz apenas dizer do meu estado d'alma quando conheci Mercedes. Conheci-a por acaso. Um dos meus melhores amigos da infancia, emquanto eu colonizava terras da America, chegara a ser capitão e estava de guarnição em Toledo. Chamava-se Carlos, e era desde menino um temperamento violento, egoista e rude, mas com esse espalhafato antipathico que costumam ter as pessôas pedantes. Confesso que fui vêl-o muito a contra-gosto, e só depois de varias cartas em que me reiterava fosse á cidade imperial. Recebeu-me em pessôa na estação. Estava gordo, enorme e tinha uns gestos de dragão prussiano. Achei-o muito antipathico, mais do que outróra. Pelo caminho falou-me muito de si, muito, e afinal, como de uma cousa sem importancia, de sua mulher, que eu não conhecia. E...

Estava gordo, enorme, e tinha uns gestos de dragão prussiano...

Encontrei-me com uma dessas mulheres de olhos e cabello negros, de tez branca, e que tinha no corpo uma especie de graça, que sobre ella cahia das alturas. Não foi porém a sua belleza physica o que me reteve tres mezes em Toledo, mas as suas attenções, o seu espirito delicado e exquisito, a sua alma ingenua, profunda e pensativa, que a tornava inesquecivel. Dir-se-hia que daquella mulher brotava uma fonte de belleza e de ternura, e que estava rodeada de um nimbo de luz. E por isso o seu esposo se tornava intelligente, delicado e bom,

Concurso Sabonete EUCALOL

(MENÇÃO HONROSA)

Olha que velha bonita!
Olha que velha catita!
Olha que velha de escol...
P'ra ter tanta mocidade
Em tão avançada idade
Só mesmo usando EUCALOL!...

Arthur de Almeida Brandão
Rua G. Bellegarde 98 — Engenho Novo.

tudo o que não era. Tinha uma palavra de perdão para cada rudeza sua, um sorriso para cada injustiça, um gesto bondoso para cada descuido ou cada brutalidade... e era, emfim, uma dessas extranhas almas femininas que teem e põem na vida algo de divino.

Contemplava-a e ouvia-a tão solicita, tão attenta, tão nobre e tão amante sempre para aquelle marido brutal, que apenas lhe dava um pouco mais de importancia que ao seu cavallo, e, sem querer, sem que se misturasse ao meu sentimento a mais leve sombra de algo menos nobre, o meu coração ia-se prendendo e ajoelhando diante do seu. Recordava com immensa tristeza os amores da minha juventude, que me haviam dilacerado o peito... e pensava em que aquella mulher era talvez a unica que teria comprehendido as delicadezas do meu coração e as ternuras da minha alma de creança, e sentia um fundo rancor pela vida e pelo destino cruel que me havia destruido a existencia. "E' ella, ella! — dizia de mim para

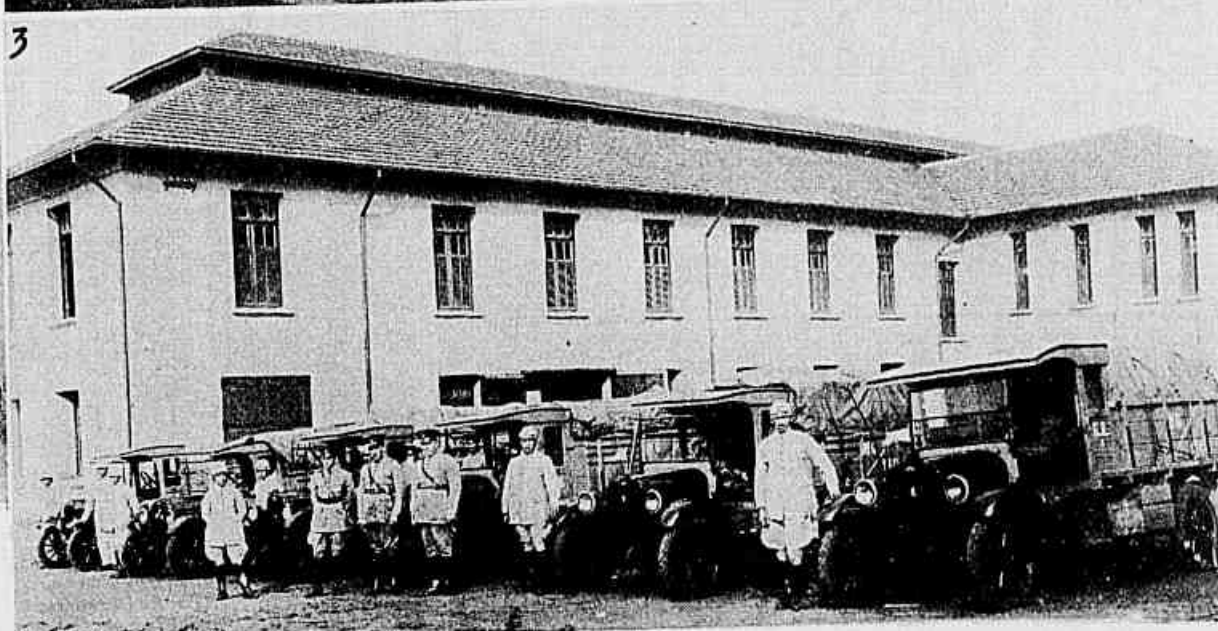
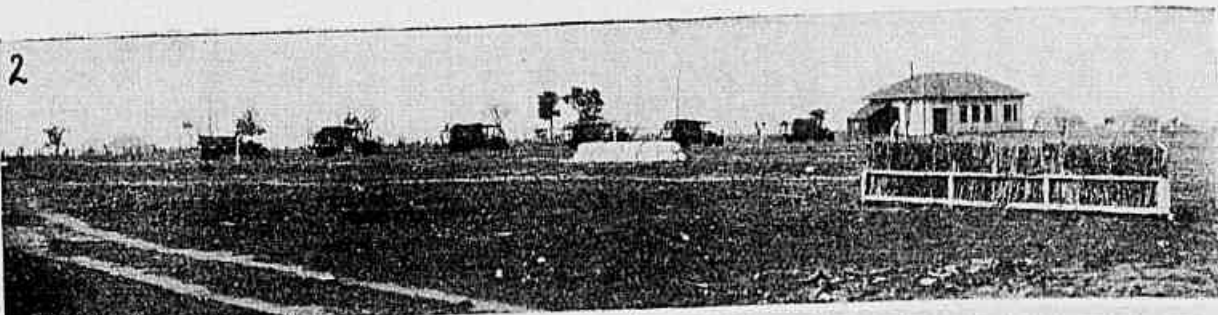
E... que olhos me deitou!

mim. — Essa mulher é a que teria alegrado a minha vida e as minhas horas, aquella em que repousaria o meu coração, a companheira de todas as alegrias e de todos os pensamentos, a que — no dizer do poeta — nos envolve, ao querer-nos, em todos os amores, porque nos quer como uma mãe e como uma irmã, e ao mesmo tempo como uma amante e como uma amiga doce que se prende ao nosso espirito por toda a vida!"...

Quanto soffremos!... Ella tambem, porque, com a sua subtileza feminina, percebera a minha adoração quasi sagrada... Por fim, um dia, comprehendemos os dois que eu devia partir. Pude despedir-me della a sós, na ausencia do marido. "Adeus, Mercedes, e perdôa, se a culpa foi minha"! — disse-lhe, tratando-a por tu pela primeira e unica vez na vida.— E... que olhos me deitou!... Pareceram dizer-me no longo olhar toda a tristeza da sua vida e do seu destino, partilhados com aquelle homem barbaro e brutal, que não sabia apreciar as bellezas de seu coração tão formoso... Depois, os dois, em silencio, baixámos os olhos ao chão, e ella fugiu, a esconder-se na alcova nupcial, onde a despedaçou um soluço terrivel... Eu sahi.

E não tornei a vêl-a. E nunca mais a vi. Comprehendemos ambos que o sacrificio de nos separarmos para sempre era mais lindo e maior do que se tivessemos cultivado aquelle amor que nos fez aos dois arder na mesma chamma... O barbaro do marido, que era além

O SERVIÇO DE SUBSISTENCIAS MILITARES NA CIRCUMSCRIPÇÃO MILITAR DE MATTO GROSSO

O general Aranha da Silva, commandante da Circumscripção Militar, cercado de officiaes da guarnição no dia da visita á Secção Automovel do serviço de intendencia. 2 — A partida do comboio militar com destino a Ponta Porã, cidade situada na fronteira com o Paraguay, afim de abastecer o 11.º Regimento de Cavallaria Independente. 3 — O comboio militar que faz o serviço de reabastecimento dos corpos da fronteira paraguaya, formado antes da partida para Ponta-Porã, á espera da visita do sr. general Aranha, commandante da circumscripção. Em frente ao mesmo encontra-se o coronel Souza Docca, chefe do Serviço de Intendencia e Subsistencias da Circumscripção, tendo á sua esquerda o capitão Alcides Richter, gerente do Deposito de Subsistencias, e á direita o 2.º tenente Mattos Maia, chefe da Secção Automovel.

disso conquistador, jogador e ébrio, quando me deixou na estação naquella tarde, recommendava-me que, logo que chegasse a Madrid, fosse vêr, no Maravilhas, a "Nieviecitas", "uma gitana azougada, que era de endoidecer".

E eu, emquanto o trem corria, pensando nella, tão delicada, tão perfeita, tão espiritual e tão sublime, sentia, considerando o marido, um odio profundo, um odio louco por esta vida, de eterno sarcasmo e de eterna imperfeição...

AS ORIGENS DO GUARDA-CHUVA

O guarda-chuva, traste tão accentuadamente democratico, é de origem real. Quem o diria?

Entre os Assyrios, era um accessorio de grande pompa exclusivamente reservado ao soberano.

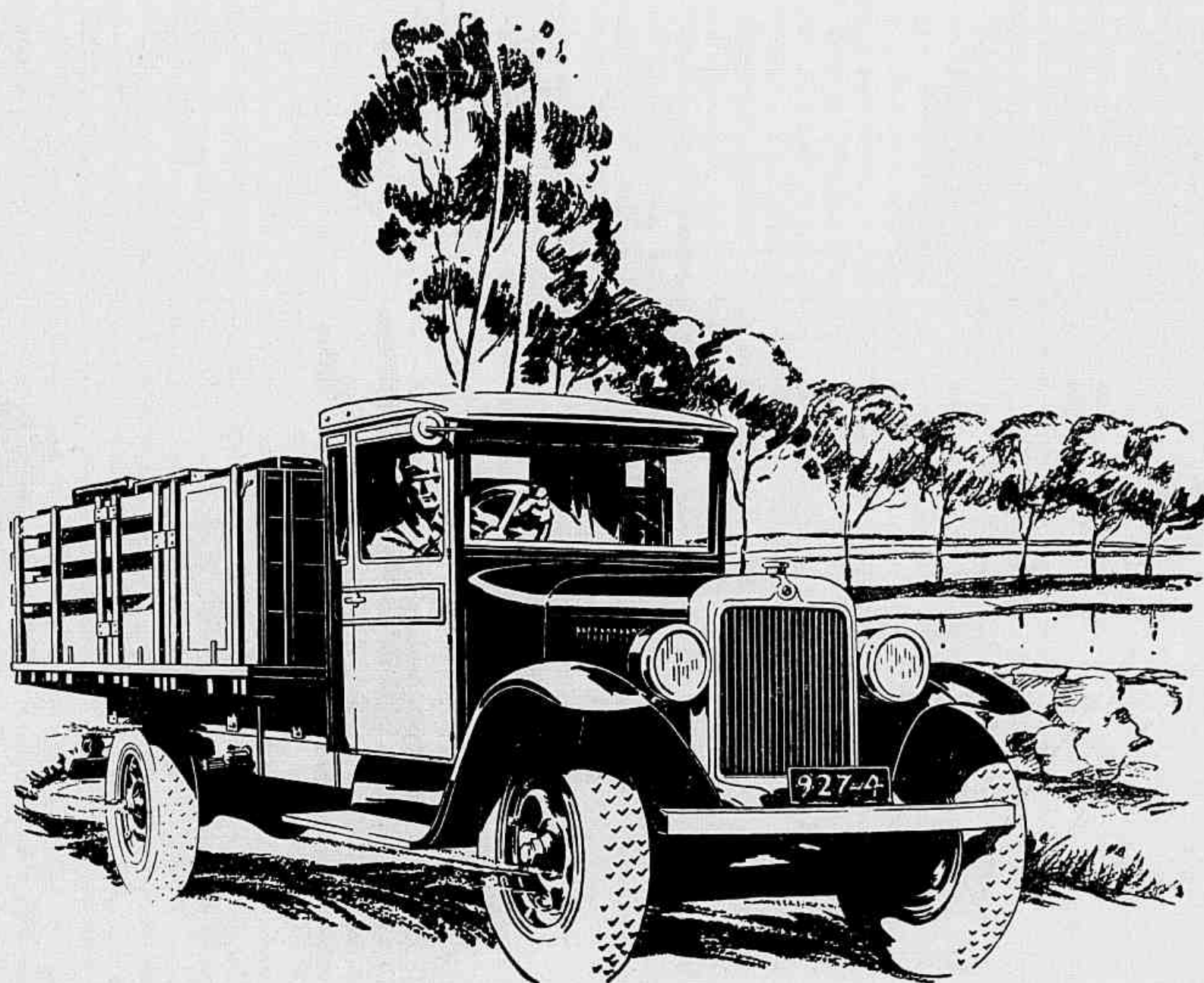
Só em meiados do seculo XVI a Europa teve conhecimento dos guarda-chuvas, levados por navegadores celebres para a Italia e a Espanha.

Em 1662, constituiu o "pare pluye" ou "pare collet" um requinte da moda parisiense. Era feito então de lona encerada. Mas esse recurso contra o mau tempo afigurou-se precioso, porque menos dum seculo depois fabricavam-se guarda-chuvas de seda, sustentados por varetas feitas de barbatanas de baleia.

Embora os inglezes em todos os tempos precisassem muito de guarda-chuva, não foi facil a este utensilio tornar-se usado na Grã Bretanha. Tinha inimigos ferozes na pessoa dos portadores de cadeirinhas e dos cocheiros de praça. Os primeiros guarda-chuvas usados em Londres estavam para alugar nos cafés e serviam para as pessoas que, surprehendidas pelo mau tempo, não achavam carro ou cadeirinha para as levar a casa. Como o seu aluguel era menos oneroso que o de qualquer vehiculo, passou o guarda-chuva a fazer séria concorrencia aos cocheiros, que por isso o detestavam.

Conta sir Mac Donald que, tendo levado de Espanha um guarda-chuva, não se atrevia a utilizal-o nas ruas de Londres, com receio de ser maltratado pelos cocheiros de praça. Por fim venceu o progresso; e os inimigos do guarda-chuva não tiveram remedio senão resignar-se.

Nas opiniões, tal como nos relogios, nenhuma é igual, cada qual acredita na sua.

POPE

Para Mais Annos e Mais Milhas

Os caminhões e omnibus Graham Brothers são afamados por sua simplicidade de traçado, sua rigidez de construcção e pelo material de fina qualidade com que são construidos.

Estes caracteristicos representam um valor basico. A Dodge Brothers, sempre alerta no que diz respeito aos aperfeiçoamentos, augmentou este valor basico com motores de seis cylindros e freios nas quatro rodas, alem das transmissões de quatro velocidades nos chassis mais pesados.

Os donos, como resultado, attestam seu funccionamento lucrativo anno após anno, onde quer que se transportem mercadorias ou passageiros.

Soc. Imp. de Automoveis, Ltda., Curityba
Antunes dos Santos & Cia., São Paulo
Oscar Rodriguez de Moraes, Bahia
Alvaro de Castro Correia, Ceará
Antunes dos Santos & Cia., Pernambuco
Francisco Aguiar & Cia., Maranhão
Srs. Danrée & Cia., Porto Alegre
W. S. Evill, Rio de Janeiro
Salim Salles & Cia., Pará

CAMINHÕES E AUTO-OMNIBUS
GRAHAM BROTHERS

CONSTRUIDOS PELA SECÇÃO DE CAMINHÕES DE **DODGE BROTHERS**
VENDIDOS PELOS AGENTES DODGE BROTHERS NO MUNDO INTEIRO

Cronica de Paris

Vestido feito de tres crêpes — noisette, beige e branco. A saia é em fórma.

Conjuncto para sport. A saia plissada é de crepella beige, assim como o corpo. Este ultimo é guarnecido de incrustações de *duvetine* marron, como o *paletot*.

Se é verdade que as saias continuam nesta temporada tão curtas quanto na anterior, não é menos verdade que tendem a alargar-se cada vez mais. A moda quer que a linha seja mais *étoffée*, e os *godets* e os volantes ganham terreno, em detrimento dos *plissés*. Todo o corpo do vestido é na frente, deixando as espaduas lisas, para respeitar a esbelteza, que parece ser o objecto de todos os esforços.

Os *manteaux* seguem o mesmo caminho que as saias, o que é comprehensivel. Não

Manteau de tarde, de lamé azul e prata. Um duplo viéz de tecido de prata fórma a golla.

Elegante manteau visto no prado de Longchamp.

Nas corridas em Longchamp.

formando como que um avental; mas, seja qual fôr o logar, esses godets são sempre para a saia uma graça que seduz.

Com o *tailleur*, de casemira negra ou de côr, usam-se blusas-camisas, de tela de seda ou de crepe branco. Quando o tailleur é muito *habillé*, então a blusa póde ser de setim brilhante, com o que se obtem um conjuncto muito chic.

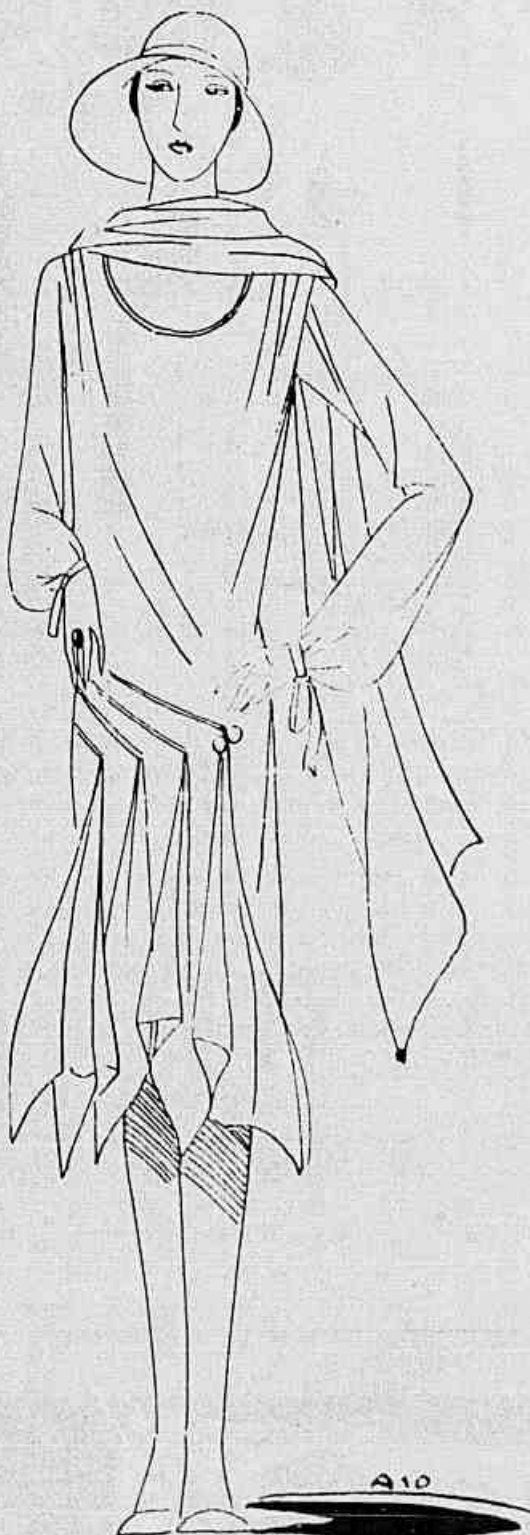
São muito praticos os trajes algo masculinos que se vestem sob a jaqueta: a *robe-chemise*, isto é a saia que sobe até ao corpinho, formando com elle uma só peça. A cintura é mais alta que anteriormente. Continúa-se fazendo uso, para o traje diario, das saias com pregas, que são sempre bonitas e elegantes.

O tailleur é um vestido que serve para todas as necessidades e que todo o mundo pode usar, mui especialmente quando se escolhe um tom escuro. A côr negra, o azul marinha, o marron, o grenat, o verde produzem bons effeitos. Póde-se dar-lhes uma certa phantasia forrando com um forro bonito que vá com a blusa; o peitilho d'esta será alto para que possa pôr-se uma gravata. Todos estes detalhes tiram a severidade de um vestido escuro.

A. D'ENERY.

sendo assim, como poderia caber uma saia larga dentro de um abrigo estreito, sem correr o risco de sahir cheia de dobras?

Esta nova linha tem sido objecto de mil deliciosas phantasias. Os costureiros inventaram innumeros modos de collocar os *godets*. Uns fazem-n'os cahir sobre os lados, outros dispõem-n'os todos juntos,

Manteau de drap exhibido nos prados de Paris.

Vestido de musselina verde. A saia é guarnecida de pontas na frente. Echarpe condizente.

Londres, *Novembro de 1928*

As roupas e a personalidade

Ha quem se vista porque é uso andar vestido, mas taes pessoas não podem ser incluidas entre as que se vestem com distincção.

Para muitos as roupas significam alguma coisa mais do que uma simples protecção para o corpo, mas nem todos sabem vestir-se com o gosto distinctivo do verdadeiro *gentleman*.

A pessoa que sabe escolher com intelligencia e finura suas roupas sempre o faz de modo que ellas se adaptem á sua personalidade.

Alem de serem uma parte da personalidade, as roupas devem disfarçar os defeitos do organismo e ser desenhadas de modo a realçar a elegancia natural do corpo.

Por exemplo, si a pessoa tem os hombros cahidos e arredondados, a tendencia da actual moda para fazer os hombros largos e acolchoados é de vantagem. Essa moda tambem assenta a quem já tenha os hombros naturalmente largos e horizontaes. As roupas pouco talhadas, agora em uso, são o ideal para o typo médio dos homens.

Os melhores modelos são os que evitam qualquer exagero, mas que manteem um cunho de elegancia. Os modelos mais em voga não são grotescos; mas são masculos, distinctos e discretos.

O trajar bem representa para o homem de negocios e para o de sociedade um dos factores de exito. Mas é preciso tambem que um ou outro não tenha o aspecto de haver passado toda a manhã preoccupado com a côr da camisa, o laço da gravata ou o vinco da calça.

Um dos ultimos modelos da elegancia masculina vae illustrando estas notas.

Trata-se do typo da roupa mais usual que é o paletó sacco e que actualmente é

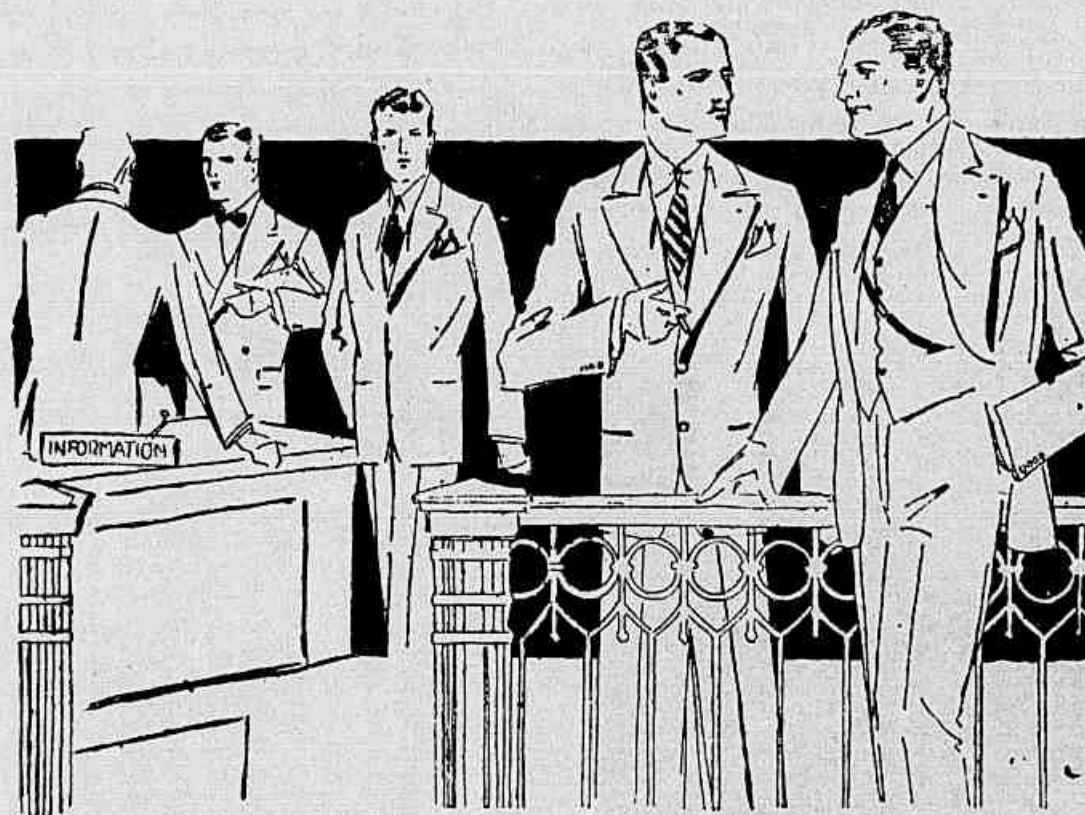
feito no estylo acima, com dois botões apenas.

Os bolsos são em regra mais baixos e não possuem aquella protecção superior conforme se usava até ha pouco tempo.

O traço caracteristico do novo modelo

consiste na golla ampla em estylo quasi de jaquetão.

O facto de possuir o paletó apenas dois botões faz com que esta golla fique bastante visivel, fazendo realçar ainda a abertura do collete.

A moda da presente estação prefere o estylo de hombros largos aos antigos paletós que se usavam.

O homem de negocios deve usar roupas tão bôas quanto o permittam seus recursos financeiros, e a sua apparencia deve ser sempre impeccavel e asseiada.

As suas roupas devem estar de accordo com a sua idade, para evitar o ridiculo de parecer um velho a querer passar por moço. O homem de negocios, cujo aspecto é descuidado e envelhecido, não convida a entabolar negociações com elle.

Para o joven que inicia sua carreira nos negocios, é imprescindivel que ande bem vestido, embora que isso se torne um pouco oneroso. Dependendo seu exito em grande parte de sua apparencia, não é demais que faça um pequeno sacrificio a bem do futuro.

Peter Gray

Primeiro amor

por Beatriz Delgado

Berenice amava as corridas de cavallos. Durante a semana, emquanto os seus dedos delicados davam vida a um pedaço de seda ou a uma renda flexivel, o seu pensamento transportava-se ao enorme hippodromo em que se ensaiam os cavallos na arte de bem correr. E quando chegava, emfim, a data ambicionada pelo seu desejo sentia uma volupia exquisita em admirar os bellos exemplares alinhados em fila, á espera do signal dado por um cavalheiro rubicundo que, nesses instantes, attingia uma importancia de semi-deus.

Berenice não jogava. Para ella bastava-lhe a ansiedade do conhecimento do vencedor e, para si mesma, apostava pelo animal que mais bello lhe parecia. Emquanto o eleito percorria a pista, offegante e suado, o coração estremecia-lhe com uma violencia perigosa e as unhas cravavam-se-lhe na pelle com uma brutalidade extranha. Nesses dias, a costureirita transformava-se na mais viciosa das jogadoras espirituaes.

Uma tarde Berenice notou, no enorme quadro negro, o nome dum cavallo desconhecido. E, sem saber por que, uma força qualquer arrastou-a a ir vêr de perto o novo concorrente. Era um formoso animal negro, de artelhos nervosos e finos, com uns olhos doces e lindos. E Berenice, sem medo, enterneceu-se com o olhar quasi humano do bicho e deu-lhe um beijo na cabeça.

— Bello animal, não é verdade?

Ella voltou-se. Um homem a olhava e sorria. E o que mais a seduziu no desconhecido foi, precisamente, os olhos negros e doces que tinham qualquer semelhança com os olhos do bello animal.

— Muito formoso, na verdade...

Hesitou um pouco. E' que não sabia se o elogio proferido pelos seus labios se dirigira ao homem ou ao cavallo.

— Bem: vou lutar para que o seu preferido saia vencedor da corrida...

Separaram-se. Berenice prendeu-se na graça do desconhecido. Ambicionou a victoria, e um presentimento intimo segredou-lhe qualquer coisa de novo, que a fez sorrir e corar... E com uma attenção especial pôz-se a seguir a corrida. O seu preferido tinha o numero 4. Nos primeiros momentos, logrou a dianteira. Em seguida, o 6 passou-lhe á frente. E a pobre pequena fechou os olhos como se assistisse á sua derrota. Empallideceu e fechou os olhos para não chorar. Pareceu-lhe vêr os olhos tristes do cavalleiro e os

olhos intelligentes e doces do animal vencido. E uma lagrima foi pousar nas rendas do vestido.

Mas um barulho atroador de palmas e de vivas, onde a alegria e a decepção se misturavam, fel-a abrir os olhos receiosos.

— O 4! O 4!

Fatigado e elegante, o victorioso dirigia-se ao *paddock*. E Berenice correu para lá tambem.

— Vencemos, heim, pequena! Quanto ganhaste na aposta?

— Nada, senhor. Não jogo nunca. Amo os cavallos e sinto preferencia pelos mais bellos. Nada mais...

Elle fitou-a admirado. Então essa costurei-

rinha inculta ia assistir ás corridas, unicamente, para admirar os cavallos? Ou seria o pretexto para tentar a fortuna dos amores illicitos? Uma curiosidade fel-o ser galante.

— Venha tomar chá commigo, quer? Conversaremos e seremos bons amigos.

E ante a hesitação dos olhos della:

— Que receia? Terá algum namorado ciumento?

Berenice sorriu. Pobre della! Toda a semana

mettida no atelier, armando os vestidos que as elegantes vestem com tanta rapidez e que tantas horas levam a coser, como podia ella ter um namorado? E, depois, essa paixão extraordinaria pelos cavallos não a levava a esquecer um pouco os homens? Somente agora... Ah! agora sim, parecia-lhe que um sentimento novo lhe invadira o coração, aquecendo-o e dando-lhe uma alegria desusada. Essa *coisita*, desconhecida para ella, a que chamam amor não se estaria revelando?

Depois do chá, quando se despediram, Berenice sentiu um frio e uma tristeza vaga. Voltaria a vel-o? Nada quiz perguntar pelo receio duma má noticia. Toda a noite pensou nelle; toda a noite sentiu a ternura daquellas horas de conversa simples. No atelier, picou os dedos varias vezes e desmanchou mais duma costura. Ambicionou vêr-se em casa, e na hora do almoço correu ao seu pequenino quarto. Ia subindo a escada quando a porteira a chamou:

— Berenice: uma carta e umas flôres. Faz hoje annos, menina?

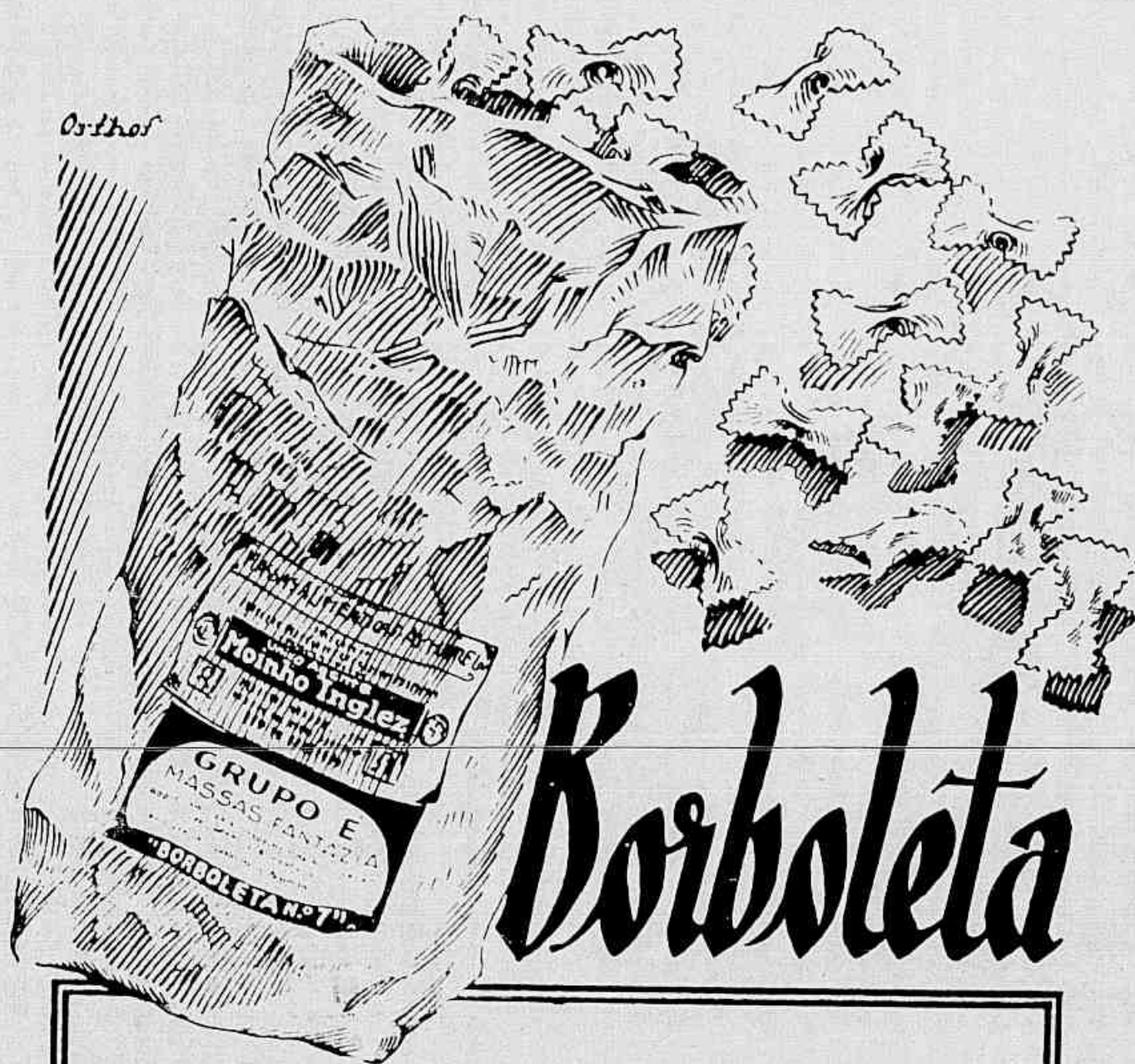
Não disse nada. Correu ao seu quarto e fechou a porta. A carta era simples e pequena:

"Berenice querida:

Com as rosas que junto envio, vão as minhas despedidas. Parto para a Europa. Permitta que lhe beije os dedos e que lhe agradeça os votos que fez pela victoria do meu cavallo. Se tivesse perdido, estaria hoje arruinado e continuaria a vegetar aqui. Assim, posso tentar uma vida

melhor. Adeus, Berenice, minha pequenina fada, que conseguiu o milagre duma victoria..."

Berenice não chorou. Como estava na hora, pôz um pouco de *rouge* e voltou ao atelier. Mas dahi em diante os olhos da pequena costureira guardaram uma melancolia e uma saudade.

BEATRIZ DELGADO

Por que casou D. João VI

por Hermeto Lima

A rivalidade existente entre Portugal e Hespanha, se dava logar a luctas tremendas, que causavam milhares de mortes e deixavam exhaustos os thesouros dos dois paizes, permittia tambem que se fizessem allianças entre as duas familias reinantes, afim de simular uma paz que não podia existir entre as duas nações, cujos interesses eram desencontrados.

Nestas condições, para ostentar uma harmonia e demonstrar uma amizade semelhante á do cão com o gato, as princesas e os principes é que pagavam o pato, casando-se sem amizade, sem mesmo um ter visto a physionomia do outro.

Dahi, casamentos infelizes, com desgostos que perduravam até á morte de um dos conjuges.

Portugal em 1775 estava em lucta aberta com o paiz visinho, a Espanha, prejudicando-se os dois mutuamente, paralysando a vida commercial de um e de outro, estabelecendo guerrilhas por causas de pouca monta.

A rainha D. Carlota Joaquina

Quando morreu D. José e subiu ao throno sua filha, a infeliz D. Maria I — que morreu louca, aqui no Rio de Janeiro, sentindo-se a toda hora perseguida pelo diabo — a guerra entre Portugal e Espanha parecia que a qualquer hora explodiria, pelo choque de interesses das duas nações.

Como, pois, evitar essa guerra, ás portas de Portugal?

Casando os principes dos dois paizes.

E assim se praticou.

D. João, filho da rainha D. Maria I, tinha 18 annos; D. Carlota Joaquina, filha do principe das Asturias, que depois foi Carlos IV, apenas 10.

D. João, ao saber da esposa que lhe queriam dar e a quem nunca tinha visto, perguntou ao marquez de Louriçal: — Mas a Princesa é bonita?...

Ao que o Marquez respondeu:

— E' linda; magra e muito bem feita de corpo. As suas feições são perfeitas e tem os dentes muito claros e bonitos. A sua educação é esmerada e nos exames que fizera em publico, tanto de linguas como de sciencias e de dansa, deu provas de um raro talento. Os seus conhecimentos sobre o latim são tão variados que não ha vocabulo d'esse idioma que lhe não seja familiar.

"Vossa Alteza, accrescentou o marquez de Louriçal, fará um magnifico casamento. Apenas se póde notar na Princesa um leve defeito.

— Qual é? perguntou D. João, surprehendido.

— E' que D. Carlota Joaquina tem no rosto ligeiros signaes de variola.

— Oh, diabo! exclamou D. João.

A' vista daquella noticia, daquella descripção feita pelo Marquez, de que D. Carlota era linda, mas tinha o rosto pintado de cicatrizes variolicas, elle comprehendeu logo que era uma espiga que lhe queriam impingir e que sua futura mulher era feia. Mas, cedendo ás injuncções da politica, consentiu no casamento.

A brilhante cantora patricia, senhora Julieta Telles de Menezes, em Pelotas, entre os professores Milton e Heitor de Lemos, directores do Conservatorios de Musica dessa cidaee e da cidade de Rio Grande.

Por outro lado, D. Joaquina perguntava a todos se o noivo que lhe iam dar era um rapaz bello.

Ao que lhe respondiam:— Não só é bello, como tem uma educação primorosa e digna de uma princesa, neta de Carlos III.

Foram, pois, ambos illudidos e quando os dois se viram frente a frente, se pudessem annullar o casamento tel-o hiam feito.

Partiu a rainha viuva de Portugal, D. Maria Victoria, para Madrid, afim de entabolar negociações politicas com a Espanha, cujas relações com Portugal continuavam annuviadas.

Conseguiu a rainha obter a assignatura de um tratado

A medalha commemorativa do casamento de D. João VI

entre os dois paizes, pelo qual ficavam os dois inimigos perfeitamente reconciliados.

D. Maria Victoria fez mais para harmonizar as duas nações. Ajustou com seu irmão, Carlos III, o casamento de seu neto D. João, com a infanta D. Carlota Joaquina e o da infanta portugueza, D. Marianna Victoria, com um principe espanhol.

Em 1780 deram-se começo ás negociações esponsalicias.

Pensou-se, primeiro, em dar a D. João a filha do grão-duque da Toscana, que era neta de Carlos III, e a

A caravana do Touring Club em Apparecida — defronte do monumento a Nossa Senhora. Parte dos excursionistas da viagem automobilistica, notando-se entre elles os srs. dr. Edmundo de Miranda Jordão, presidente do Touring Club e chefe da caravana turistica; drs. Nelson Pinto e Armando Godoy, directores do Automovel Club do Brasil; De Gruyére, Planchon e Dante de Albuquerque, da Commissão Alfred Agache, deputado Cesar Pereira de Sousa e seu filho Egberto Luis.

D. Marianna Victoria um filho segundo do mesmo grão-duque.

Mas, neste entrementes, a rainha viuva falleceu. E era ella a principal influente em todo esse negocio.

Afinal, depois de muitas conferencias, tudo ficou resolvido.

D. João casaria com D. Carlota Joaquina de Bourbon e a infanta D. Maria Victoria com D. Gabriel, irmão do principe das Asturias.

Foram incumbidos de tratar desses casamentos, em Madrid, o embaixador portuguez marquez de Louriçal e, como plenipotenciario espanhol, o conde de Florida Blanca.

No dia 2 de Maio de 1784, effectuou-se em Aranjuez a assignatura dos artigos preliminares dos tratados matrimoniaes de D. João e D. Carlota.

No dia 27 de Março do anno de 1785, o embaixador portuguez entrou publicamente em Madrid para pedir em casamento a infanta D. Carlota. Com brilhantissimo cortejo, seguiu para o palacio real, onde foi conduzido á presença do rei, que o aguardava com a sua côrte na sala das audiencias.

Nesse mesmo dia, foi assignada a escriptura e se celebraram os desposorios. Foram padrinhos os principes das Asturias e testemunhas os infantes D. Gabriel. D. Antonio, D. Maria Josefa e D. Luiz.

A 1 de Abril do mesmo anno, chegou a Lisboa a noticia do casamento.

Os desposorios de D. Marianna Victoria com D. Gabriel realizaram-se em Lisbôa, sendo encarregado, pela côrte da Espanha, da missão de pedir officialmente a infanta o conde de Fernan Nunes.

El-Rei D. João VI

A 11 de Abril fez elle a sua entrada publica em Lisboa, sendo depois introduzido na sala das audiencias da Rainha. No dia 12 assignavam-se as escripturas e depois realisavam-se os desposorios, sendo madrinha a rainha D. Maria I.

No dia 8 de Maio de 1785 effectuou-se em Villa Viçosa o encontro de D. Carlota e de D. João. Como o principe achou a sua consorte, a historia não diz; mas é muito possivel que franzisse o sobrolho, ao vêr a espiga que lhe tinham dado.

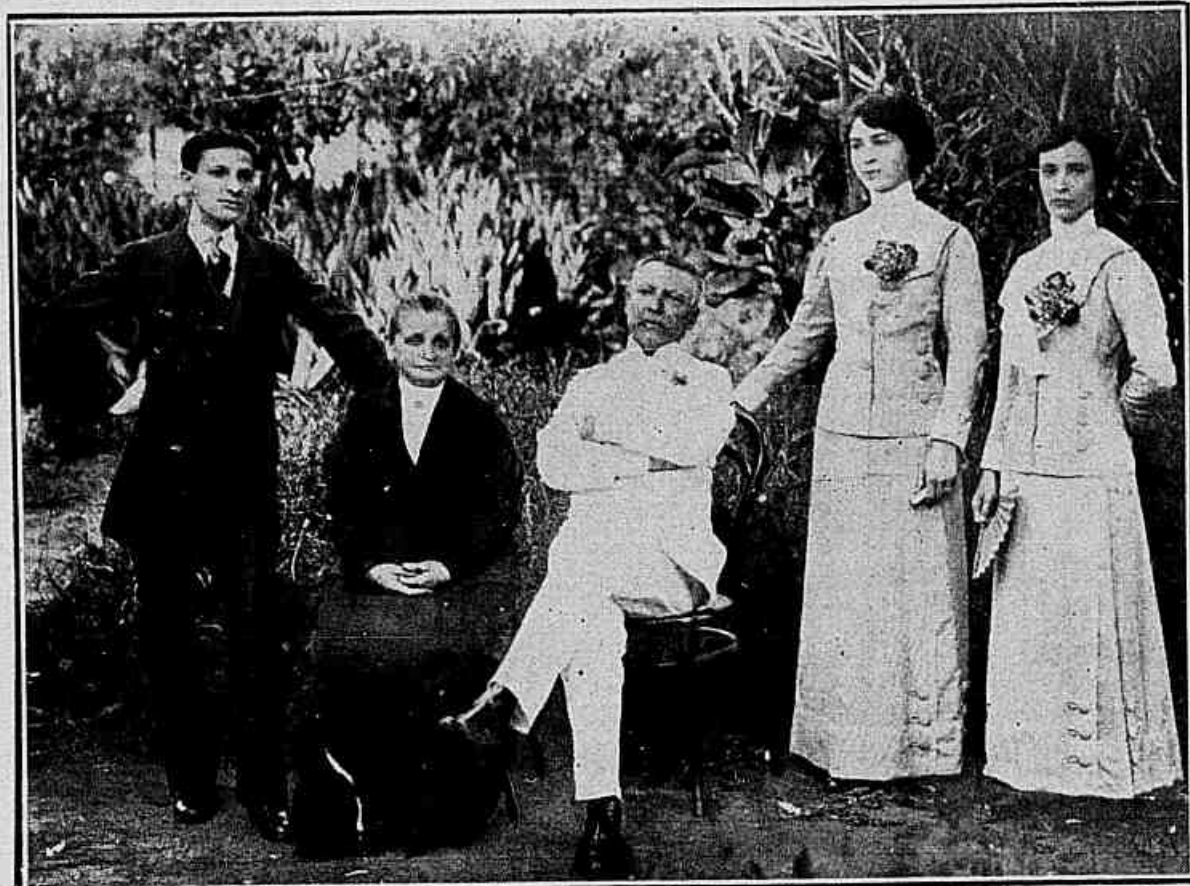
Quanto a D. Marianna Victoria, foi encontrar-se com D. Gabriel em Aranjuez. Pouco viveram. Tiveram um filho, que foi almirante da marinha de Portugal, D. Pedro Carlos.

Relativamente a D. João e D. Carlota Joaquina, todos sabem como foi desastrado esse casamento, que deu logar a que elle sempre se julgasse um rei infeliz na familia.

Quando se effectivaram esses casamentos, o conde de Fernan Nunes mandou gravar uma medalha, hoje rara, e que publicamos em fac-simile.

O gravador foi d. José Gaspar, que exercia em Lisboa o cargo de gravador da Casa da Moeda em 1785.

Hermeto Lima

O cruzeiro da praça D. Pedro I em Itú (S. Paulo.)

O dr. Jeremias José d'Almeida, presidente da Assistencia Judiciaria de Pirassununga (S. Paulo) e sua exma. familia.

Grupo feito na residencia do sr. Alfredo Nunes, em 11 de Novembro, por occasião do anniversario de sua gentil filha Augusta.

OS REIS EM Z

O actual rei da Albania chama-se Zogu I. Ha muito tempo se não ouvia fallar em monarcas cujo nome começasse por Z, taes como: Zedekiah, de Judá; Zenobio, de Palmyra; Zammania, de Babylonia...

Na Europa parece que o ultimo soberano de nome a começar por Z tenha sido Ziemomislas, que foi rei da Polonia em principios do seculo X.

TIME IS MONEY

Toda a gente sabe que os Norte-Americanos são admiraveis homens de negocios e cuidam o mais possivel de ganhar tempo — pois tempo ganho é dinheiro ganho. O que, porém, se sabe menos geralmente é o concurso que a aviação tem prestado aos negocios dos banqueiros.

O director geral dos Correios da America do Norte publicou recentemente uma estatistica de que constam os transportes de dinheiro realizados, o anno passado, pela aviação postal. Por ahi se vê que, durante o anno, viajaram em avião sete bilhões de dollars ou sejam cerca de 36 milhões de contos de réis. Considerando que na linha principal dos Estados Unidos o avião realiza, em relação á estrada de ferro, uma economia de tres dias, tem-se a idéa dos interesses que aquella somma serviu e o lucro de tempo que se obteve. E ainda a aviação está em começo...

OS MENDIGOS DE TOKIO

Reunidos em syndicato, os mendigos de Tokio resolveram que o seu "dia de trabalho" se reduzisse a tres horas.

Não motivou tal medida a circumstancia de ser o officio de mendigo por demais fatigante. A questão é que os mendigos se tornaram, na capital japoneza, numerosos a ponto de ser necessario revezarem-se, a espaços determinados, em vez de pedirem todos ao mesmo tempo.

Foi estabelecido que cada dia, trabalhassem seis turmas ás mesmas horas e em logares certos. Desse modo as probabilidades de ganho serão eguaes para todos, e as tres horas bastam, no entender do syndicato, para assegurar a subsistencia dos syndicados.

Aquelle que põe limites ao seu amor não sabe o que é amar.

OS DENTES E A SAUDE

DOEN AS DO CORA ÃO

O dr. Weston A. Prince, presidente do Departamento de Pesquizas da "American Dental Association", affirma que mais da metade das 150.000 mortes de doenças do coração, que se dão annualmente nos Estados Unidos, são causadas indirecta mas principalmente por infecções buccaes.

O dentifricio genuinamente medicinal Odorans, de um poder antiseptico extraordinario, tendo como base os poderosos desinfectantes Formol e Thymol, é considerado pela sciencia moderna o mais apropriado para hygiene da bocca.

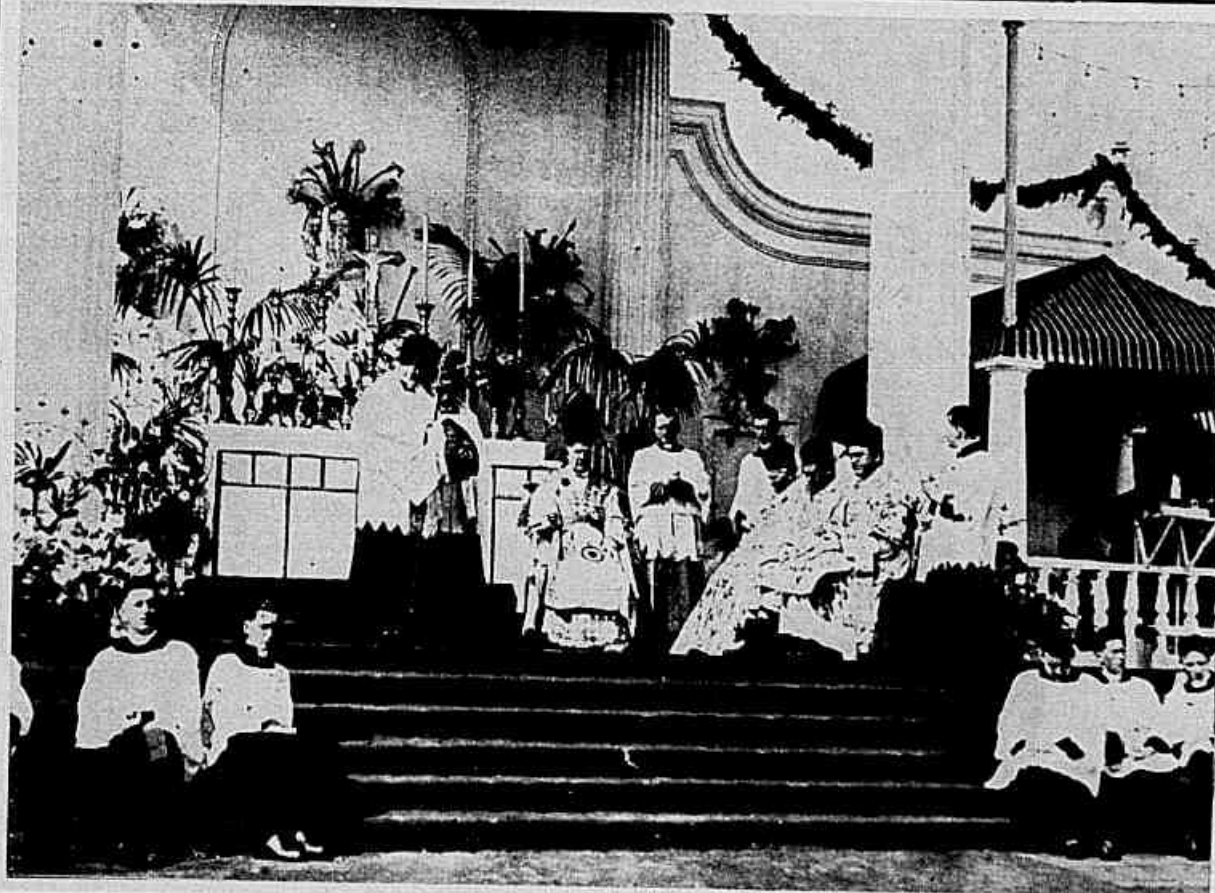
Pela sua acção medicinal, evita a fermentação dos restos de comida, tonifica as gengivas, dá gosto agradavel e refrigerante á bocca e perfuma o halito.

Para a completa limpeza dos dentes use a Pasta Dentifricia Medicinal Odorans e a escova Pyrotex, considerada a melhor, por alcançar todos os dentes.

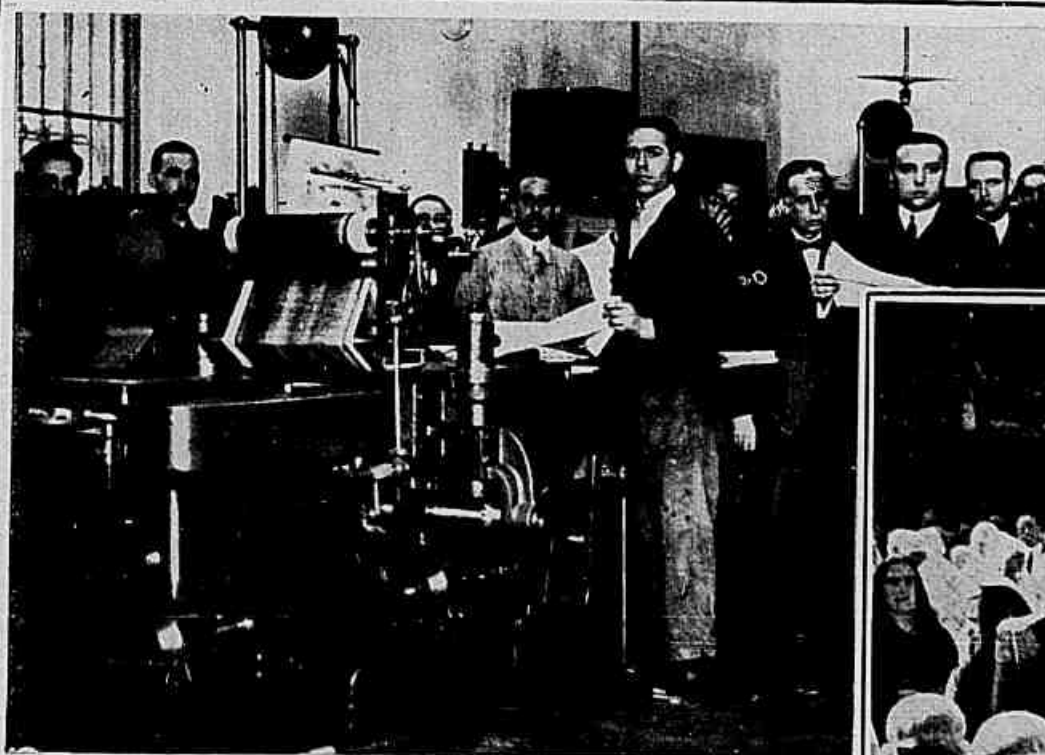
O QUE VAE PELO MUNDO

Os *arranha-céos* de New-York em perigo de fogo: o coração da cidade abalado por um dos mais sérios incendios de que ha noticia na zona dos edificios gigantes.

O congresso Eucharistico de Sydney (Australia). A procissão a caminho da cathedral de Santa Maria.

O sello espanhol de 0,10 a ser emittido por occasião da Exposição de Sevilha.

A missa pontifical no Congresso Eucharistico. O altar-mór durante a celebração da missa.

O ministro do Trabalho de Espanha, sr. Aunós, vendo na Casa da Moeda e Sello as primeiras folhas de sellos commemorativos das Exposições de Sevilha e Barcelona.

O sello espanhol de 0,50 destinado ao serviço do correio aéreo.

Um antigo festival romano revivido: a Rainha das Uvas, coroada por acclamação popular. E' um costume, que data dos dias da antiguidade pagã de Roma, resuscitado por Mussolini

Casar é bom...

por Berilo Neves

1.137 milhões de liras. Eis ahi quanto pagam, num anno, os homens solteiros da Italia para continuar a terem o direito de não casar... Esses milhões de liras representam alguns milhões de moços refractarios á terrivel doença do amor. Da mesma forma por que pagam ao medico para que os livre do typho, do impaludismo, de outras calamidades de ordem physica, os moços de Italia pagam ao governo o direito — suave e delicioso direito! — de não terem mulher.

Attentem bem nisso as damas. A' proporção que ellas porfiam em possuir os mesmos direitos dos homens (inclusivé o direito de fazer tolices) ellas vão perdendo a estima e o culto dos seus companheiros da especie humana. Conquistam um diploma de deputada, mas perdem o direito de ser esposas. Governam provincias, mas não teem filhos. Commandam exercitos, mas não vencem um só coração... E' melhor? E' peior? Não sei. E' triste.

Na Europa a sangria da guerra feriu fundo o organismo das nações. Morreram doze milhões de homens, quasi todos moços, em pleno vigor da vida e do sonho. Doze milhões de mulheres, pelo menos, ficaram sem par para a dansa eterna do amor. A média das probabilidades arithmeticas de casar desceu, como o thermometro numa noite de frio e de morte. Uma moça européa, aos vinte e cinco annos, tinha 35% probabilidades de se casar. Depois da guerra qual será a percentagem de sonho das moças casadoiras?

Ha vinte annos todos os romances acabavam em casamento... para agradar ás suas leitoras. Todo capitulo de amor que não terminasse no beijo era um capitulo falhado, um capitulo que nunca mais ninguem lia... O amor informava todas as obras de arte como o sopro divino informára, no dia da Creação, a argila inerte e suja. Diziam-se versos de amor ao canto do salão e ao som triste da "Dalila". Os namorados andavam suspirando pelos jardins, invocando o testemunho da Lua para a eternidade de seu amor, que muitas vezes não durava um mez... A atmosphera universal estava impregnada de sentimentos amorosos. Versos que não falassem de *juras de amor*, de *enlevos d'alma* não eram lidos e — o que é peior — nem recitados. E no fim de tudo, como um oceano ávido de regatos indecisos, o Hymeneu, alpha e omega dos sentimentos moços.

Hoje... o amor é uma doença que anda na sala de espera dos medicos e no gabinete dos bacteriologos, á cata de um diagnostico. Os governos regulamentam-no á luz da sciencia, como se regulamenta o jogo e se regulamenta o uso do alcool. Os caricaturistas pintam-no com irreverencia, os humoristas riem-se á sua custa. O amor, que era um deus e um rei, passou a ser um hystrião enfermo. Hospitalizam-no como se estivesse atacado de meningite cerebro-espinhal, e observam-no com olhos desconfiados na cella dos manicomios, como um doido vulgar... Quanto ao casamento, é — como as sogras — o assumpto predilecto dos chronistas malfazejos. Todo o mundo ri do Hymeneu e quando um homem passa num carro todo enfeitado de flores de laranjeira — feitas de gomma arabica — toda a gente o olha como se visse passar um mascarado numa quarta feira de cinzas...

E' a fallencia do amor, a morte triste do sentimento. A' força de ser praticos, os homens e as mulheres vão se tornando prosaicos e tediosos. Já não ha grandes rasgos de sacrificio por uma mulher: ha explosões brutaes de ciume e de despeito. O amor é, apenas, o rotulo mentiroso do amor-proprio. Não se ama a ninguem: amamo-nos a nós mesmos. O amor é um capricho dos sentidos que acaba como começa: sem razão. E' uma loucura biologica que procuramos mascarar com o perfume das flores e dos versos. Como phenomeno biologico que é, elle está sujeito ás leis physicas, que regem os organismos e as especies. Nasce, cresce, desenvolve-se, attinge ao esplendor vital e depois decáe, definha, enferma e morre. Só o Espirito — reflexo da luz interior da Divindade — sobrepunha o amor ás fragilidades tristes da Carne. Mas o espirito vem sendo combatido pelo scepticismo da sciencia e pelo cynismo dos homens. Ha quem apregôe o seu materialismo como outrora se fazia profissão de fé publica. O homem acredita eliminar as forças superiores da alma, negando-as. E tudo se atufa num turbilhão de desejos insaciados e de vaidades insatisfeitas...

Para as exigencias febris da hora que passa, o vinculo *ab eternum* é um carcere prendendo um beija-flôr vadio... O sentimento foge ás grades das responsabilidades juridicas, e quer ser livre como os passaros — para morrer... O homem espera fazer um mundo novo dentro das suas officinas mecanicas e dos seus laboratorios de chimica. Procura-se regular o sentimento como se regúla a temperatura nas estufas... com precisão de gráus e de minutos... Um dia, talvez, o homem marque prazo ao amor, como hoje prevê e define a duração de um terremoto... Daqui a trinta annos as condições physicas e mecanicas da civilização terão mudado muito — tanto ou mais do que em dois seculos das éras que se foram. Quem nos dirá que o amor, nessa época, não será encarado com extranheza ? Na previsão dos milagres futuros, os moços guardam o coração e o dinheiro. Não casam, mesmo que o Estado lhes taxe a teimosia e os preconceitos. Preferem sangrar a bolsa a deixar que o coração sangre... Dantes, um mancebo, de grandes melenas e de olhos sonhadores, andava á cata de dragões para merecer uma esposa e ter uma mulher. Fazia loucuras, inclusive a de amar... Hoje, já não ha dragões para combater: ha impostos para pagar.

Gravar os rendimentos dos homens lhes é menos sensivel do que expol-os aos dragões que morreram com os sonhos ingenuos da humanidade que se foi. Os governos tiram-lhes moedas de ouro para lhes consentir a liberdade de não serem felizes... O imposto dos solteiros... Que nome lhe ha de dar a philosophia do seculo? *Taxa do cynismo humano* — dirão os passadistas, amantes das fórmulas velhas do amor. *Imposto da felicidade* — responderão os moços futuristas, que guardam o coração e o dinheiro para os gastar em outros planetas, onde a Vida fôr menos traiçoeira e a Mulher menos voluvel....

BERILO NEVES.

O "Buenos Aires" na Guanabara

Nesta pagina encontram-se varios aspectos da recepção com que a Marinha Brasileira homenageou a officialidade do cruzador argentino, sobrelevando o do alto, em que se vê o capitão de fragata Julio Games, commandante do "Buenos-Aires", tendo á esquerda o almirante Isaias de Noronha, presidente do Club Naval, e á direita o sr. ministro da Marinha, a senhora Pinto da Luz e o almirante Francisco de Mattos. Ao centro da pagina, o sr. embaixador da Argentina, commandante e officialidade do Buenos-Aires" no *trottoir* do palacio do Cattete, após a recepção presidencial.

O plagio no urbanismo do Sr. Agache

Havíamos promettido em nosso ultimo numero dar as devidas proporções aos planos de remodelação e aformoseamento da nossa capital.

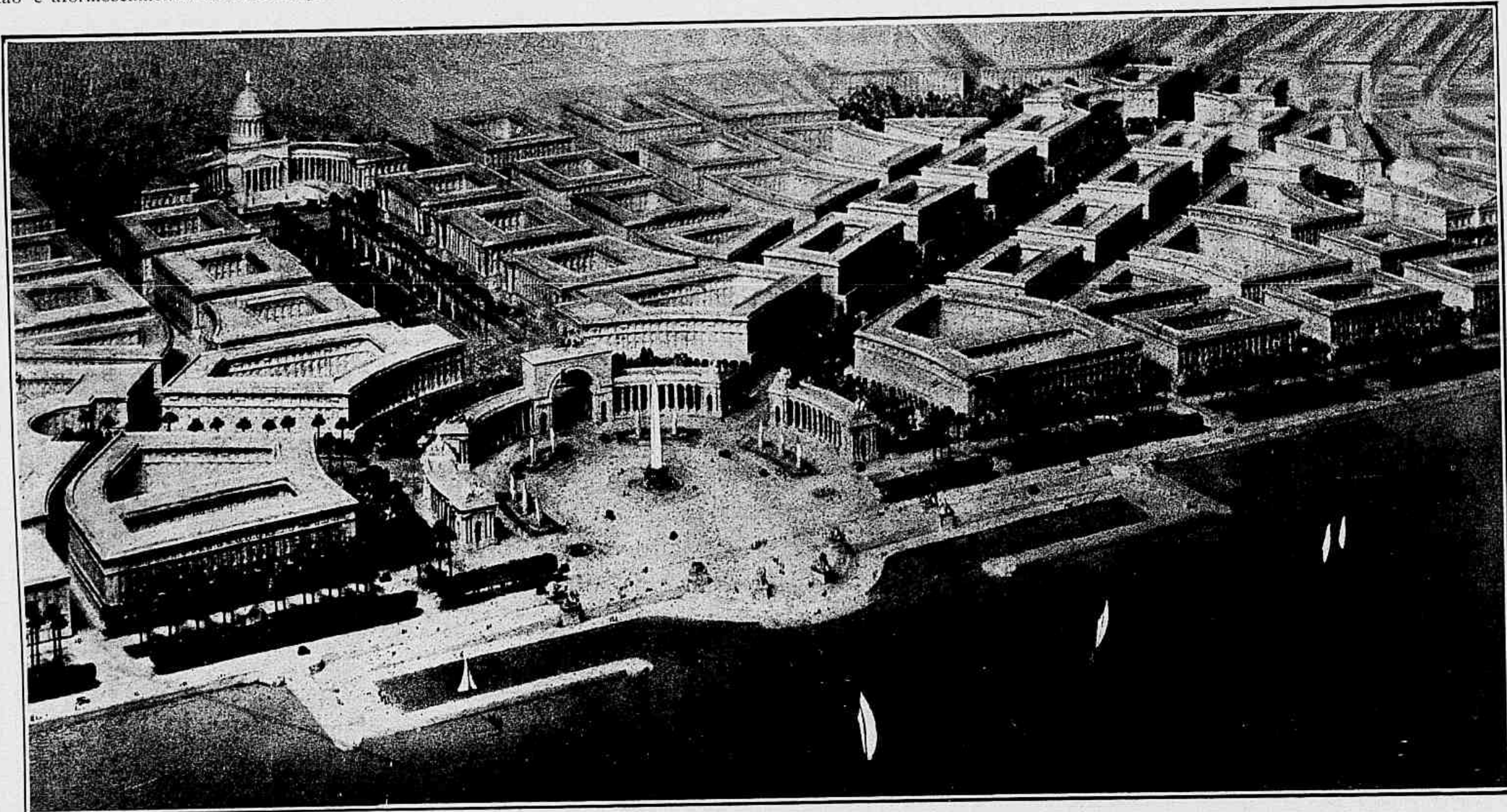
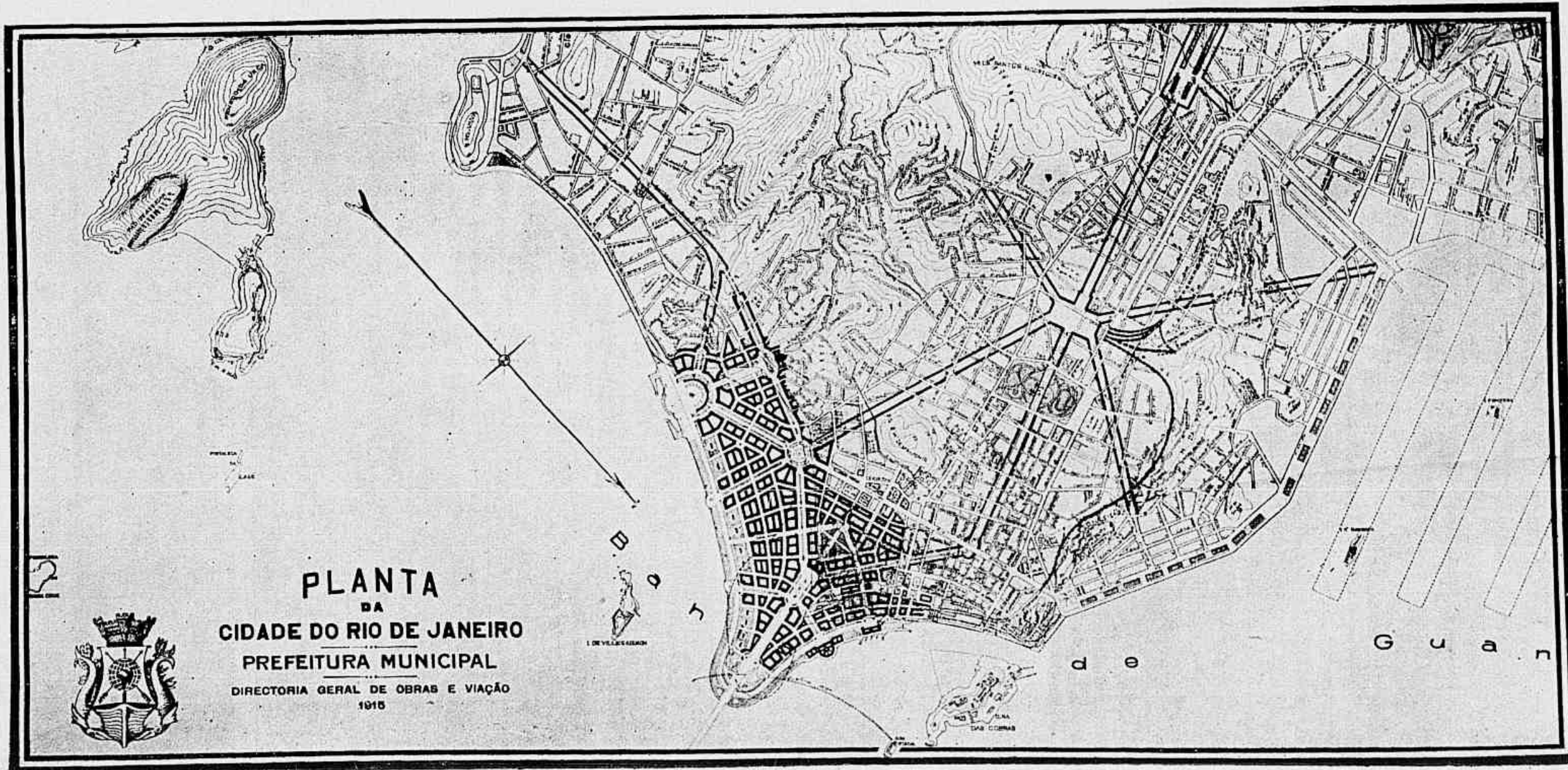
Estudando o plano que acaba de ser divulgado pelo sr. Alfred Agache, notamos que o mesmo, nos seus pontos principaes, não passa de uma adaptação, quasi reproducção do projecto idealizado pelos brilhantes architectos Cortez & Bruhns e que esta REVISTA inseriu na sua edição de 16 de abril de 1921.

O que não podemos comprehender, e bem a contragosto lamentamos, é que o sr. Agache, urbanista de nomeada e que tem a responsabilidade da missão que lhe foi confiada, silenciasse sobre o essencial, que era a divulgação dos nomes dos idealizadores dos pontos principaes e capitaes do seu projecto, que, para orgulho nosso, são brasileiros.

Não é o despeito nem a opposição que nos traz á critica do magno assumpto da remodelação da nossa capital. O unico fim que nos move, e com o maximo prazer o fazemos, é a reivindicação para os nossos architectos da gloria de serem os primeiros, e ha varios annos, a conceber e delinear as grandes linhas da remodelação do Rio.

Os problemas do urbanismo teem, para cada zona de estudo, uma diversidade enorme de soluções; e quem acompanhar passo a passo o momento urbanistico das velhas cidades européas e das modernas norte-americanas terá a immediata prova do que affirmamos.

A REVISTA DA SEMANA, que sempre foi a paladina da remodelação da nossa capital, e que ha sete annos fez uma *enquête* intitulada "O que falta ao Rio para ser a primeira cidade da America do Sul", publicou nessa época diversas suggestões e projectos, sendo os mais sensacionaes, sem desprimor para os outros collaboradores, o dos architectos Cortez & Bruhns e o do engenheiro Alencar Lima.

Tornamos a inserir aqui os planos e perspectivas dos primeiros, publicados nesta REVISTA em Abril de 1921, para attestarmos, com documentos irrefutaveis, o que no passado numero dissémos. Verse-ha que as idéas magistraes dos jovens architectos Cortez & Bruhns foram ago-

Projecto dos architectos Cortez & Bruhns para a "Praça Monumental" e que o sr. Agache plagiou, chrismando-a com a denominação de "Porta do Brasil".

Plano geral de arruamentos, irradiando da Praça Monumental as avenidas que a ligam directamente aos bairros afastados.

ra aproveitadas (digamos assim) pelo urbanista parisiense.

Fazendo um historico, vemos que, antes mesmo de iniciada a demolição do morro do Castello, já aquelles architectos tinham previsto que o melhor local para a collocação das terras provenientes do Morro seria o Sacco da Gloria, aterrando-o completamente até diante da Ponta do Calabouço, de maneira a formar neste logar uma enseada, onde o movimento das barcas se pudesse realizar na época das grandes resacas.

Esse aterro formidavel, que a muitos se afigurou, então, verdadeira utopia, daria (como vae dar) margem á creação, no centro da nossa capital, de um bairro integralmente moderno, obedecendo a todos os requisitos de insolação, aeração, esgotos etc.

Executado, pois, o arrazamento; aterrada parte do Sacco e construido o novo caes, os nossos architectos voltaram de novo em defesa do seu grandioso projecto, pois, como todos nós sabemos, o traçado do Cáes approvado era infelicissimo. Projectaram, então, corrigir a desgraciosa lingua de terra que avançava na Ponta do Calabouço, aterrando de um lado o que restava do dito Sacco e do outro a parte em frente á dóca da Policia Maritima, utilizando-se, para isso, das terras do morro de Santo Antonio, que na realidade continua a ser o maior kisto no centro da nossa capital, tendo como unica serventia difficultar enormemente as communicações.

Foi, pois, sobre essa enorme área aterrada que os distinctos architectos projectaram a nova cidade, o novo centro da nossa linda metropole, dotando-a de bellissimas avenidas, praças, parques e jardins.

Junto ao Monroe idealizaram uma praça de irradiação no genero da "Etoile".

A nossa grande arteria — Avenida Rio Branco — seria, a partir dahi, prolongada com a largura de 72 metros, até uma grande praça semi-circular decorada por um grandioso arco de triumpho e respectiva columnata, e circumdada por grandes palacios, destinados a Ministerios etc.

Essa praça monumental seria o grande vestibulo da nossa cidade e a praça de recepção para os chefes de Estado e Embaixadas extrangeiras que, de futuro, nos visitassem, debruçando-se sobre a nossa incomparavel bahia, numa sumptuosa e decorativa escadaria, ladeada por dois ancoradouros.

Desse verdadeiro *coração da cidade* irradiariam as grandes arterias, em ligação com todas as zonas da cidade, sendo a do eixo principal, verdadeiro Forum Civico, destinada unicamente a grandes edificios publicos, tendo como fundo de perspectiva o palacio magnifico do futuro Senado Federal.

As áreas a construir no prolongamento do Flamengo foram previstas para as Embaixadas e Legações, e por ahi se poderá ajuizar do esplendor dessa grande arteria, que formaria um "*Cours la Reine*" á beira-mar.

Mas o melhor é recordarmos o que publicámos em 1921, sobre o grandioso projecto em questão:

Uma visão do que seria o prolongamento da Avenida Rio Branco até á grande Praça Monumental.

"E' indubitavel que a rectificação do littoral, desde a ponta da Gloria, com o aproveitamento de alguns centos de milhares de metros quadrados conquistados á bahia, apresenta perspectivas imprevistas á dilatação e embellezamento da cidade".

E mais adiante:

"Para a sua execução, a actual avenida Beira-Mar, no trecho comprehendido entre Santa Luzia e a Gloria, desappareceria, mas para ser substituida por outra *majestosa avenida littoranea* — que o projecto denomina Guanabara — e que seria o proseguimento symetrico do Flamengo numa extensão de 3.800 metros.

Essa maravilhosa avenida, de 150 metros de largura, teria nas suas extremidades e no centro molhes especiaes destinados a formarem ancoradouros para embarcações de sport e de passeio, e que constituiriam resguardos defensivos contra as resacas. E' a meio desta espectaculosa avenida marginal que o autor localiza a grande Praça da Independencia de 340 metros de diametro, *verdadeiro salão de recepção da cidade*, imponentemente decorada com uma columnata semi-circular, em estylo classico e *parterres* com jogos de agua".

Ora, o que se acaba de lêr é, nem mais nem menos, aquillo que o sr. Alfred Agache acaba de apresentar, chrismado com o nome retumbante de "Porta do Brasil" e que, infelizmente, em vez de ficar localizada, como no projecto Cortez & Bruhns, no prolongamento surprehendente da avenida Rio Branco, foi pelo urbanista francez collocada no inicio da outra arteria, mais ou menos parallela á avenida Mem de Sá, que egualmente foi prevista e projectada pelos nossos architectos.

O sr. Agache, que considera essa praça a chave do problema da remodelação da nossa capital e o *ponto culminante do seu plano*, deveria com hombridade divulgar o nome dos architectos que a conceberam e da qual elle não passa de simples copiador.

Mas não é só neste ponto que o conhecido urbanista plagiou.

A praça circular junto ao Monroe, que já mencionámos, e para onde convergem as grandes arterias que veem de Botafogo e Largo do Machado, da Estação Central das Estradas de Ferro (mais ou menos parallela á actual avenida Mem de Sá) e a que se dirige para o Calabouço, foi tudo projectado ha muito tempo pelos nossos architectos, conforme se poderá examinar nos planos que hoje tornamos a divulgar.

Quanto á zona do Castello, se bem que a solução Agache seja differente quanto á disposição da Praça, achamos a solução Cortez & Bruhns muito mais feliz e interessante, mormente porque essa importante Praça fica em ligação immediata com o parque situado no ponto extremo do aterro, o que permittirá no futuro a ligação immediata, por meio de uma gigantesca ponte pencil ou de um tunnel submarino, com a vizinha cidade de Nictheroy.

Quanto á localização pelo urbanista francez dos futuros Ministerios e Senado Federal, na zona do actual Mercado Municipal, Forum e Caes Pharoux, achamos essa idéa infeliz, pois o local, devido ao dique da Ilha das Cobras e ao molhe em construcção da Ilha Fiscal, fica com perspectivas de interesse restricto e que não teem a magnificencia sem par da nossa avenida Beira Mar, onde os nossos jovens urbanistas tiveram a suprema visão de os dispôr.

Ora, se o sr. Agache inseriu no seu magnificente plano as idéas principaes do projecto Cortez & Bruhns, deveria ter a franqueza de o declarar, pois isso, grangeando-lhe justas sympathias, viria certamente abonar a sua idoneidade, já bastante compromettida... E, póde-se dizer, essa declaração seria um indice de probidade profissional.

No projecto que foi elaborado ha sete annos não falta nem grandiosidade, nem belleza, nem technica, tendo sido, para gloria dos seus talentosos autores, idealizado com senso notavel e perfeito conhecimento de causa, não relegando os maximos problemas de circulação, transporte e inundações.

E a melhor prova dada ás nossas palavras é que o grande urbanista sr. Alfred Agache indebitamente lhe arrebatou os pontos e idéas principaes

Plano parcial dos arruamentos da zona conquistada á bahia e da área do morro do Castello.

Castagneto

por Escragnolle Doria

No Rio de Janeiro, do fim da ultima década do Imperio, do principio do primeiro decennio da Republica. Quem é n'elle esse homem alto, magro, cabeça em avanços de promontorio; queixo em ponta sombreado por andó rebelde; testa larga sobre a qual pendem cabellos dispostos á briga com o pente, mais espessos sobre as orelhas largas; labios grossos sob bigode espesso; bocca de imperio e de amor; nariz grande, bem unido ás sobrancelhas, no rosto illuminado por olhos perscrutadores, sentinellas da observação?

Nas paredes d'uma sala, no bojo de uma vitrina, na vasteza de um museu estão manchas e marinhas, figuram ranchos á beira-praia, canôas ao sol, barcos singrando sobre o oceano, cobertos de panno e de ansia de mar alto, tudo isso representado n'uma tampa de caixa de charutos, no fundo de papelão de uma caixa de camisas, em centimetros ou n'um metro de téla.

Nas manchas e marinhas, ranchos, canôas, barcos, praias, areiaes, longes de oceano, pairar de nuvens se apresentam tão pessoaes que, á memoria ou á voz, só um nome acóde para lembrar o homem identificando o artista: Castagneto!

Nome de peninsula iberica, de espanholice, entre musica e dansa, entre bolero e castanholas, entretanto nome italiano, de peninsula onde ha tambem rythmos de musica, cadencias de dansa.

O velho Rio de Janeiro, desfallecido sobre o succo de espantos da manhã de 15 de Novembro de 1889, legou ao Rio de Janeiro então a surgir o typo, a palheta, o talento, a bohemia, a eterna pobreza de Castagneto.

N'um dia de 1875, os acasos da sorte, tantas vezes dia a dia dos infelizes, trazem João Baptista Castagneto ao porto do Rio de Janeiro, téla maravilhosa da officina de Deus, que, pela Natureza, com os mesmos traços physionomicos não dá aos homens um só rosto igual, do venusto ao grotesco.

Nascido em Genova, filho de um homem do mar, Castagneto encontra no Rio de Janeiro, ás ordens de futuros pinceis, todo o poema do Atlantico, no cantico soberbo da bahia de Guanabara, ainda intacta qual pouco mais ou menos n'ella se embeveceram os primeiros navegadores, os primeiros colonizantes.

A' beira da bacia maravilhosa nenhum inverno, nem a menor folha por elle esmirrada, pelo contrario a Natureza sempre solemne e augusta, á espera de ceremonias de coroação.

Castagnetto entra no Rio de Janeiro, pobre, moço, portanto disposto a tosar a fortuna. O exercicio vigoriza os musculos, a esperança é tonico de alma. Caminha firme e nem se dá conta do dia em que a velhice diz a qualquer: cansas, amigo, pende-te aos meus bordões.

Castagneto trava amizade com o Rio de Janeiro, onde ninguem póde morrer de fome: n'elle o pobre ainda tem sóbra de migalhas para necessitados.

Envereda por uma ruazinha do Rocio ao fundo da qual demora uma casa á grega, relevos no frontispicio, a Imperial Academia de Bellas Artes, de fundação franco-brasileira, enxerto de Europa á sombra da rama tropical.

Pede matricula, dão-lh'a, começa a ser visto, tenta vêr mais do que os outros, eterna ambição do talento, e discipulo se associa, aos poucos, a tudo quanto a arte carreia para a pintura brasileira.

Pára sem duvida diante da "Batalha dos Guararapes" de Victor Meirelles, dos seus quasi mil palmos quadrados dentro dos quaes se ennovelam parados: o batavo que veio talhar um reino na colonia do Brasil; o portuguez e seus alliados que o oppugnam; o indio a trazer para a guerra a rustiquez das selvas; o africano pelejante ainda no rumor ancestral do embolar das tribus entre os mysterios de flóra e fauna do continente negro.

Fixam-se os olhos de Castagneto sobre outra téla, de batalha quieta em pintura, a do Avahy, obra do rival de Victor, Pedro Americo, a reviver em tela um dos successos maiores da Dezembrada de Caxias, caminho de Assunção, Méca de conquista da campanha do Paraguay. Homens, cavallos, armas ao sol, bandeiras ao vento, de tudo ha na vasta tela; n'um canto até se vê certo carro de bois, transportando fugitivos, envolvidos nos vulcões da batalha, o velho a mulher, as crianças espavoridas no interior do carro; o carreiro esforçando-se por livrar passageiros da morte, os bois espantados n'aquella tourada de gloria, n'aquella arena de sangue.

Mas não se vive só de arte, das amantes aquella a quem talvez menos se póde jurar á romantica: tu, uma cabana e a mórte. Castagneto procura trabalho e começa a têl-o, esboçando, pintando, tida a palheta pelo traste principal, de vida errante em casas de habitação collectiva, onde a promiscuidade terna de vidro translucido as mais mysteriosas existencias.

Um dia, por uma razão qualquer, enfado com professores, nervos menos dominados, talvez uma contrariedade estranha ao caso, Castagneto volta costas á Academia. Atira-se a completar estudos na bohemia. Vão-lhe os passos para os sitios onde o mar falla ao filho do marujo. Haja uma praia, uma abra, um recanto de oceano, ahi está o pintor como foi pintado: sem tempo para mudar pinceis, utilisando um só, trazendo-lhe as barbas do môlho de varias tintas, substituindo-o pelos dedos, pelas unhas, pela espatula. Na ansia de crear traz a creação do esforço de um seixo, de um pedaço de páo, de corda, de um palito, do canudo do cachimbo, até da ponta do cigarro.

Um dia briga com a Academia, n'outro comsigo mesmo, talvez com os amigos, excepto um, contra cujo olympico desdem a colera nada póde — o oceano.

Esta é a vida de Castagneto, nos seus dous periodos distinctos de artista, o dos quadros pintados em Toulon e o dos executados no Rio de Janeiro. Nos primeiros, tratando o seu eterno assumpto inexgottavel, o mar, Castagneto é sempre o mesmo artista feliz. Na luminosidade das telas de Toulon brilham tambem a mocidade e a esperança do artista. Os quadros do Rio de Janeiro são de duas datas, as da posse de si mesmo do pintor, as da sua decadencia nas raias da extrema necessidade.

A grande exposição de 1884 revela Castagneto marinheiro, ella o recompensa, dá-lhe a primeira medalha de ouro para ajuntar a pequenas medalhas de prata e a menções honrosas, preciosidades academicas ás vezes de terrivel ironia n'um lar sem fogo, de mesa sem pão. Em 1888 Castagneto não pensa n'isso, conta e desconta vinte e dous annos, e n'essa idade o futuro se prepara para os saques vultosos de cada joven.

Castagneto traz á exposição de 1884 quatro marinhas "A Manhã, A Tarde, O porto do Rio de Janeiro, A vista de Santa Luzia", esta mais de alma que as outras.

A praia de Santa Luiza, apezar do fundo triste do Hospital Geral da Santa Casa, disfarçado pelo fronteiro tunnel de verdura, offerece então aos olhos o panorama da bahia para a barra em cuja bocca as ressacas espumam com tanta violencia nos muros de Santa Cruz e na Lage, chelonica á flor das aguas.

N'uma das casas da praia de Santa Luzia está o atelier de Castagneto, cuja verdadeira officina é a praia. Ahi póde pintar ao ar livre, a *l'aria aperta* diz o italiano adormecido no artista genovez, pintar sobretudo n'essas divinas horas em que por largos effeitos de luz a atmosphera envolve a paizagem.

Seu mestre Grimm, o bavaro que não domestica a lingua portugueza, pinta em Icarahy, no Cavallão, na Bôa Viagem e mette toda essa natureza n'um atelier da rua Sete de Setembro; Almeida Reis esculpe junto á portaria das Damas, em baixos do paço da cidade cedidos pelo imperador; Victor traz da rua do Lavradio uma "Camponeza italiana" para pôl-a ao lado da "Batalha do Riachuelo"; Castagneto pinta as marinhas n'essa marinha paradisiaca do Rio de Janeiro infernalmente destruida pelas crises do progresso.

Sempre os apuros de penuria mordendo os calcanhares da sua vida, Castagneto mal acaba uma, duas, tres telas, trata de vendel-as, a principio bem, depois com mais difficuldade, por fim quasi á esmola de preços infimos na quadra da decadencia, quando o artista principia a vêr e a pintar tudo cinzento, dando á tela a côr de seus pensamentos.

Gasta sólas pelo Rio de Janeiro, entra constantemente pelas casas de quadros, expõe n'ellas e aguarda a paga do comprador, paga não raro o pão do dia seguinte; pendura marinhas na "Glace Elégante", na Galeria Moncada, na casa Vieitas, como outras expõe na photographia de Insley Pacheco, no atelier de Wilde, na casa de moveis do Costrejean, em todos os pontos centraes do Rio de Janeiro onde affluem transeuntes e com elles o comprador, o execrado-desejado de todo o artista que lhe entrega, por metal ou papel pintado, pedaços de ser, acossado por frio ou fome.

> "Era em Genova, soprava
> Rispido, ardente o sirocco;
> O mar em ancia arquejava,
> Em vagalhões, febril, rouco.
> Um grito o escarceu rompeu
> E o Castagneto nasceu".

Assim, em sextilha jocosa, explica Guilherme Martins, assignando-se sempre Guil. Mar., a vinda ao mundo de Castagneto. Tambem Venus Anadyomene nascera das espumas.

Sôa agora, para o artista, o adeus á superficie da terra, ella de espera na profundeza. Desgostos, privações, recurso a tristes meios de esquecer envelhecem precocemente o victorioso de vinte e dous annos da exposição de 1884, sahido do menino chegado ao Rio aos treze.

Valido, o pão quotidiano muitas vezes lhe escapa; doente, desalentado, só, sem a paciencia dos indifferentes, duas nuvens nos olhos, uma no coração, Castagneto seccumbe, e vae cahir em plena agonia da indigencia, de termo na valla commum.

Não; ainda ha um dedicado para amparal-o até ultima hora: Antonio Vianna, bom samaritano d'esse fim de entre urzes. A sclerose arterial mina Castagneto, a mesenterite o prostra. Passam-se os seus dias finaes no abrigo senão no conforto de uma casa de saude da rua aristocratica de S. Clemente a cuja porta, a 30 de Dezembro de 1900, o vem buscar modesto enterro de vinte e oito mil réis, para cinco annos de sepultura rasa em S. João Baptista onde os coveiros, no habito das caveiras, enfiam Castagneto, ancião aos trinta e oito annos.

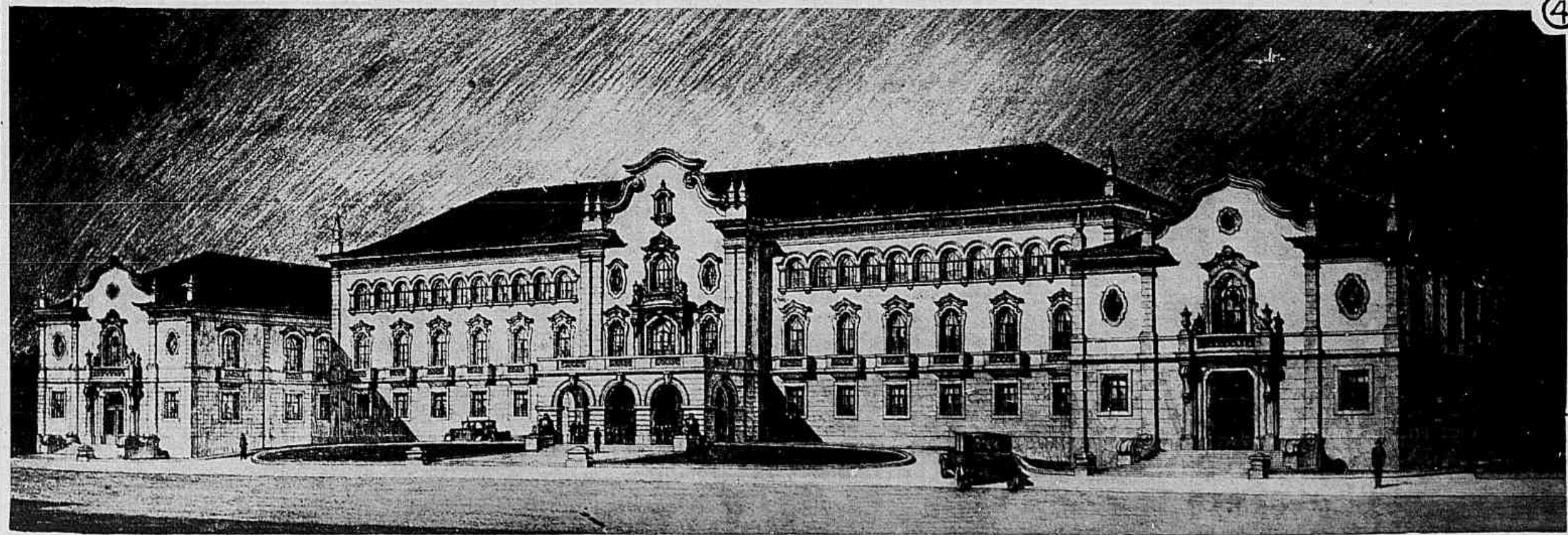
Em Janeiro de 1906 o exhumam. O ossario geral está sempre aberto. Se morresse no mar, Castagneto teria tido nelle a sua verdadeira necropole onde ninguem lhe tarifaria o tempo exacto de destruição. O imposto esgaravata até a terra dos cemiterios.

Escragnolle Doria

As phases da Escola Normal

Deve o Rio de Janeiro a sua primeira Escola Normal a uma iniciativa particular. Fundou-a o senador Manoel Francisco Corrêa, com o objectivo de concorrer para a regeneração do magisterio primario. Essa Escola teve uma vida brevissima. Inaugurada perante o imperador D. Pedro II em 25 de Março de 1874, sob a direcção particular do seu fundador, as suas aulas encerraram-se solemnemente, tambem com a presença do Imperador, em 20 de Dezembro de 1875. Acabava-se a Escola, em razão de haver um dispositivo na lei orçamentaria desse anno permittido a creação de escolas normaes, tornando-se, por isso, sem razão de ser essa primeira escola, de caracter particular. A sua breve existencia transcorreu toda na casa n. 104 da rua Larga de S. Joaquim, hoje rua Marechal Floriano, e a despeito de ser o seu curso de tres annos alumnas houve que, verificando matricula no 2.º anno, concluiram o curso.

. . .

A creação da Escola Normal official data da lei orçamentaria de 1875. Em virtude da autorização contida nessa lei, foi a 2 de Dezembro de 1876 — na data anniversaria do imperador D. Pedro II — lançada a pedra fundamental da Escola, na rua dos Invalidos, esquina da rua da Relação, no local onde hoje se acha o palacio da Policia. O imperador estava em viagem pela Europa e encontrava-se como Regente do Imperio a princesa Isabel e era ministro o conselheiro José Bento da Cunha Figueiredo. A acta foi redigida pelo professor Francisco Carlos da Silva Cabrita, que foi mais tarde o 5.º director da Escola Normal; a pedra foi benzida pelo bispo d. Pedro Maria de Lacerda, perante a Princesa Regente, e o discurso da solemnidade foi pronunciado pelo architecto commendador Bethencourt da Silva, director do Lyceu de Artes e Officios e autor do projecto.

Entretanto, o que resta de tudo isso é, apenas, a acta da solemnidade.

A actual Escola Normal foi creada em 6 de Março de 1880, pelo decreto n. 7684, como dependencia do Ministerio do Imperio, do qual passou ao Ministerio da Instrucção Publica em 1889, e em seguida, em 1890, á Municipalidade.

As phases da Escola Normal actual estão descriptas em photographia nesta pagina. Instituida em 1880, funccionava á noite na Escola Polytechnica, onde esteve até 1888, contando como seu 1.º director a Benjamin Constant.

Em 1888 foi installada na Praça da Acclamação — hoje Praça da Republica — junto do palacio da Camara Municipal, denominada hoje Prefeitura, em edificio construido pelo engenheiro Passos, onde funccionavam duas escolas primarias, que foram deslocadas. Nesse edificio passou a funccionar a E. P. Rivadavia Corrêa. Em 1914, foi transferida, quasi ao fim do anno, para a Escola Estacio de Sá, na rua de S. Christovam, e mais tarde estendeu-se ao predio da esquina, desalojando a agencia da Prefeitura para a qual fôra construido.

E até hoje ahi funcciona aguardando a sua installação definitiva no lindo edificio que será levantado, á rua Mariz e Barros, em estylo colonial e de autoria dos architectos Cortez & Bruhns, vencedores em concurso.

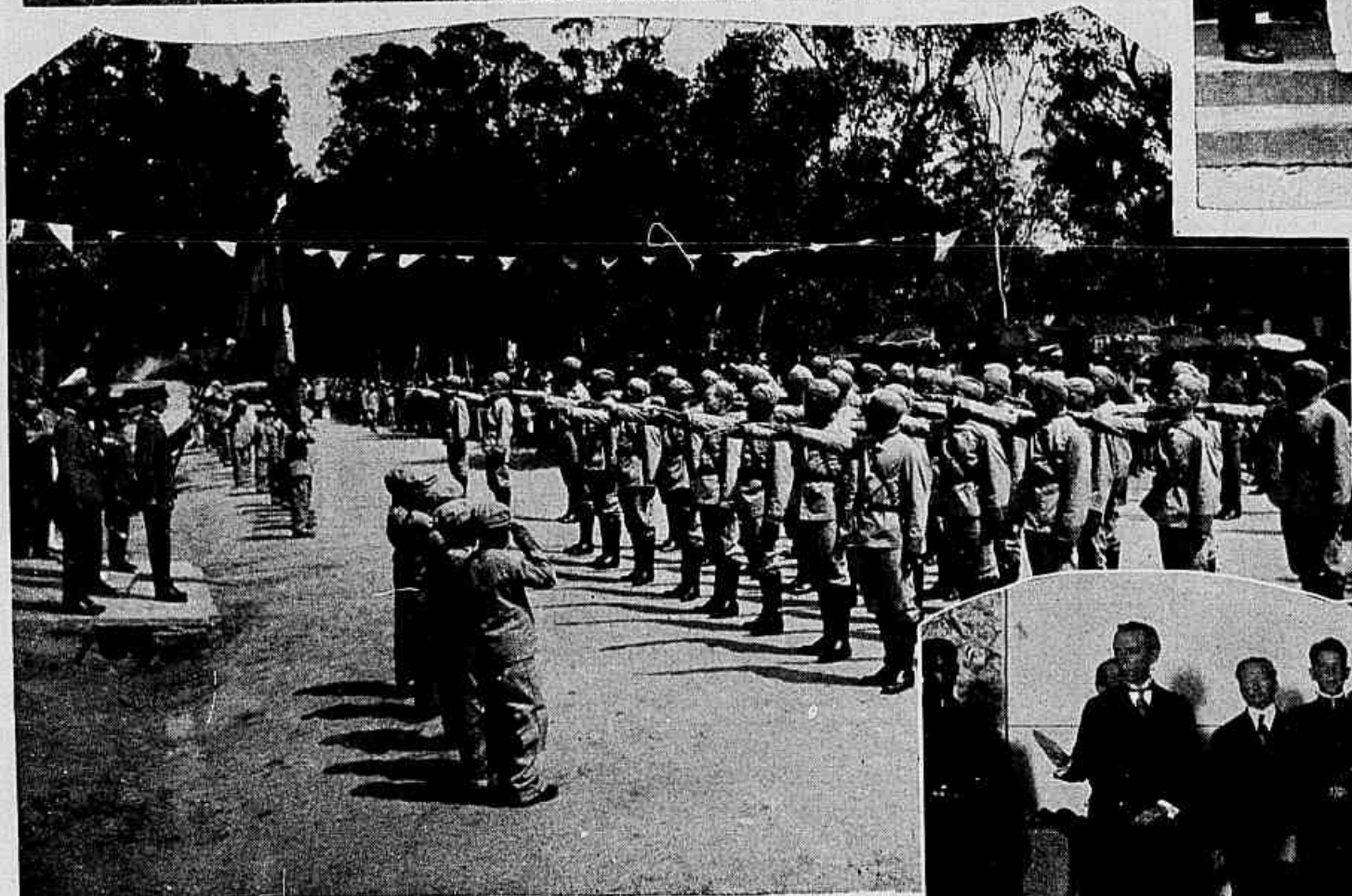
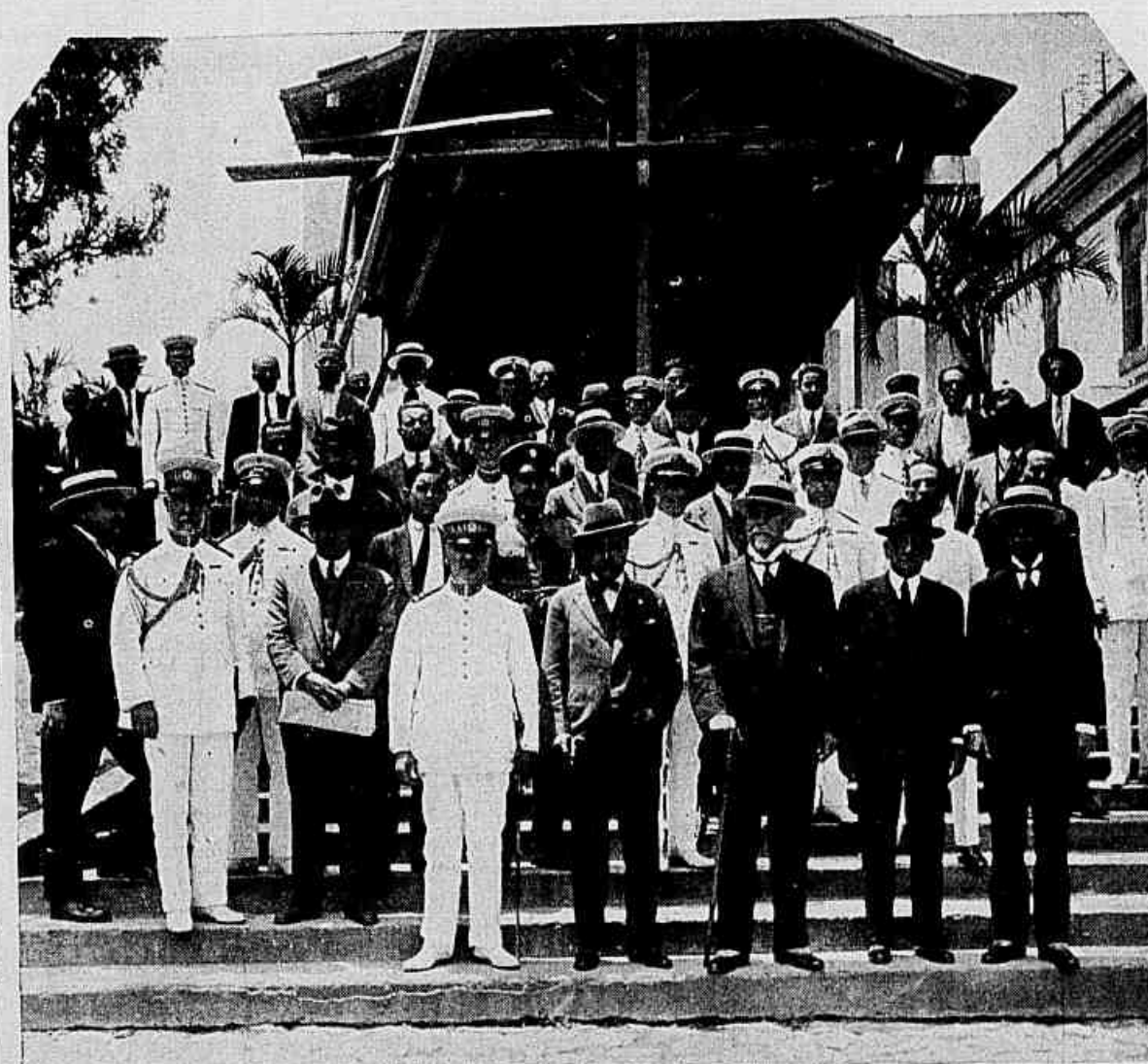
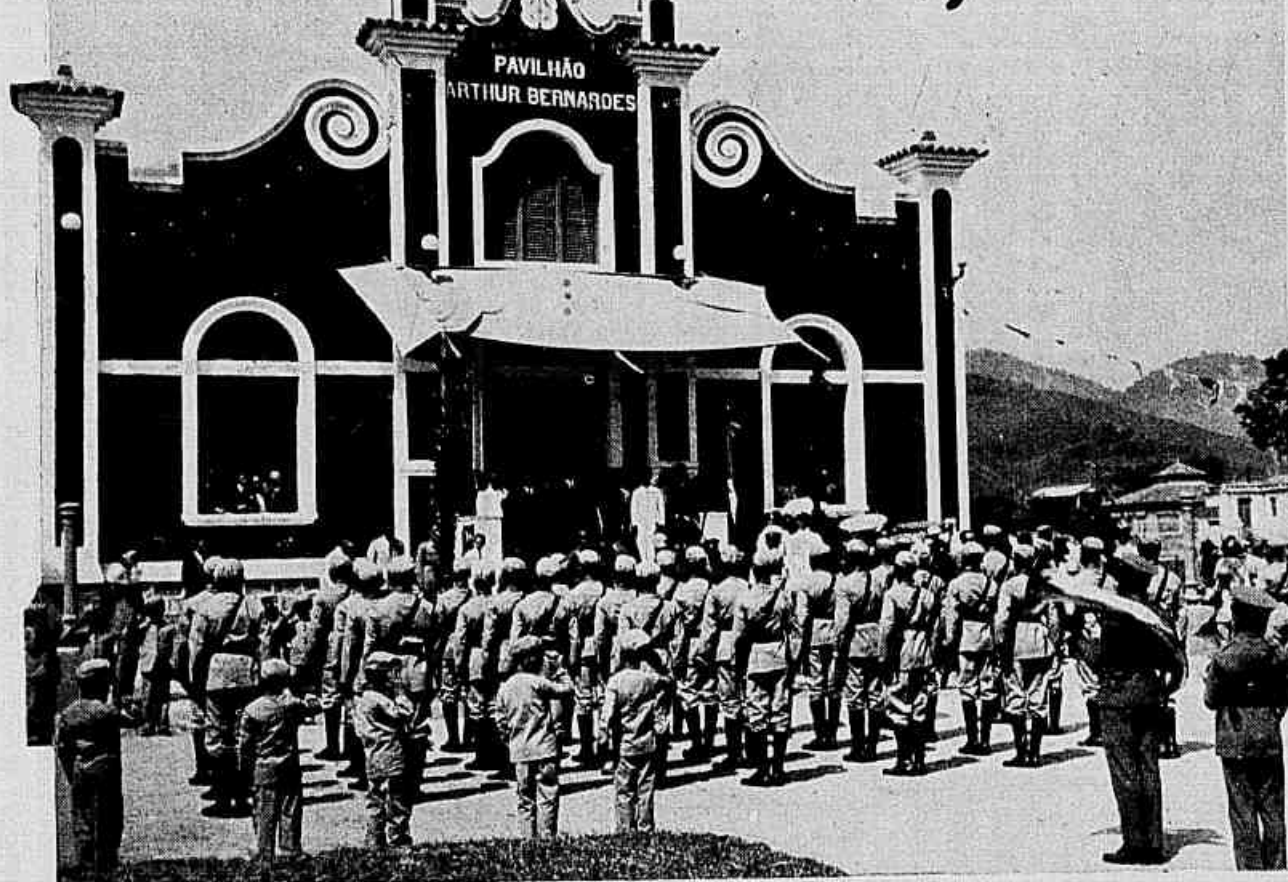
①

②

③

④

1 — A Escola Polytechnica na época em que ahi, pela primeira vez, começou a funccionar, á noite, a Escola Normal. 2 — O segundo edificio onde esteve installada a Escola Normal — na Praça da Republica — hoje occupado pela Escola Profissional Rivadavia Corrêa. 3 — A actual Escola Normal. Começando a funccionar no predio n.º 15 da rua S. Christovão, que se vê na gravura, conquistou o da esquina e está installada nos dois edificios, apparentemente separados por uma grade. 4 — A futura Escola Normal, á rua Mariz e Barros, onde foi celebrada ante-hontem a ceremonia do lançamento da primeira pedra.

O Presidente da Republica na Escola 15 de Novembro

1 — Os reservistas da Escola 15 de Novembro diante do pavilhão onde se achava o sr. Presidente da Republica. 2 — Grupo feito durante a visita, vendo-se no primeiro plano o sr. presidente Washington Luis, tendo á direita os srs. ministros da Justiça e da Guerra e á esquerda os srs. professores Cicero Peregrino, reitor da Universidade do Rio de Janeiro, e dr. Lemos Britto, director da Escola. 3 — O juramento á Bandeira pela turma dos reservistas da Escola 15 de Novembro. 4 — O sr. Presidente da Republica entregando a Bandeira Brasileira aos reservistas.

FILIGRANAS

Por onde o coche funebre ia passando, iam desabrochando flores das canteiros... E só. Só, porque ninguem o acompanhava. No caixão, porém, o morto ia sorrindo aos cumprimentos que todo mundo lhe fazia. Jamais elle tivera tantos conhecidos anonymos. Nunca se é tão cumprimentado desinteressadamente.

Eu, de uma esquina, vi-o passar, o coche, e intrigado e piedoso perguntei a alguem por que não havia nem uma pessôa no enterro.

— Por que? Porque foi um homem que fallou sempre a verdade. Elle dizia que a sociedade é uma farça e os homens não prestam. Por isso só a Natureza, agradecendo, ia cumprindo o que os homens não fizeram.

***

A's vezes, minha amiga, assim como os olhos pronunciam o que os labios calam, uma só phrase diz tudo que innumeras palavras talvez não exprimissem.

Foi ha tempos. Eu estava em Paris. A'quella hora, a cidade-luz era quasi um tumulto. Gente de todos os povos cruzava-se apressada nos grandes "boulevards".

Da rue de la Paix, as tentadoras costureirinhas, symbolos da graça e do encanto, sahiam em bando, alegres, para a Chaussée d'Antin e adjacencias... Dir-se-hia em certas arterias que a grande capital era apenas um collegio, um enorme collegio, tal a quantidade de creaturas, geralmente iguaes, vagando nos *trottoirs*. Sahia da minha pensão, á rua Lord Byron, e despreoccupado ia passeando, quando, antes dos Campos Elyseos, numa porta, uma linda senhora com duas creancinhas prendeu-me a attenção. O semblante da mulher era o perfeito reflexo do seu passado, e do seu corpo, que um pobre vestido encobria, tinha-se ainda a impressão do que ella fôra nas linhas perfeitas da sua plastica. As creanças louras, magras, apertavam-se á mãe, medrosas, envergonhadas. Fallei-lhe, deixando-lhe nas mãos uma moeda. Ella agradeceu e, baixando a vista, pronunciou somente esta phrase: "La guerre, la maudite guerre, M'sieur"...

Continuei o meu caminho. Toda a significação dessa palavra fatidica se desenhara ante meus olhos.

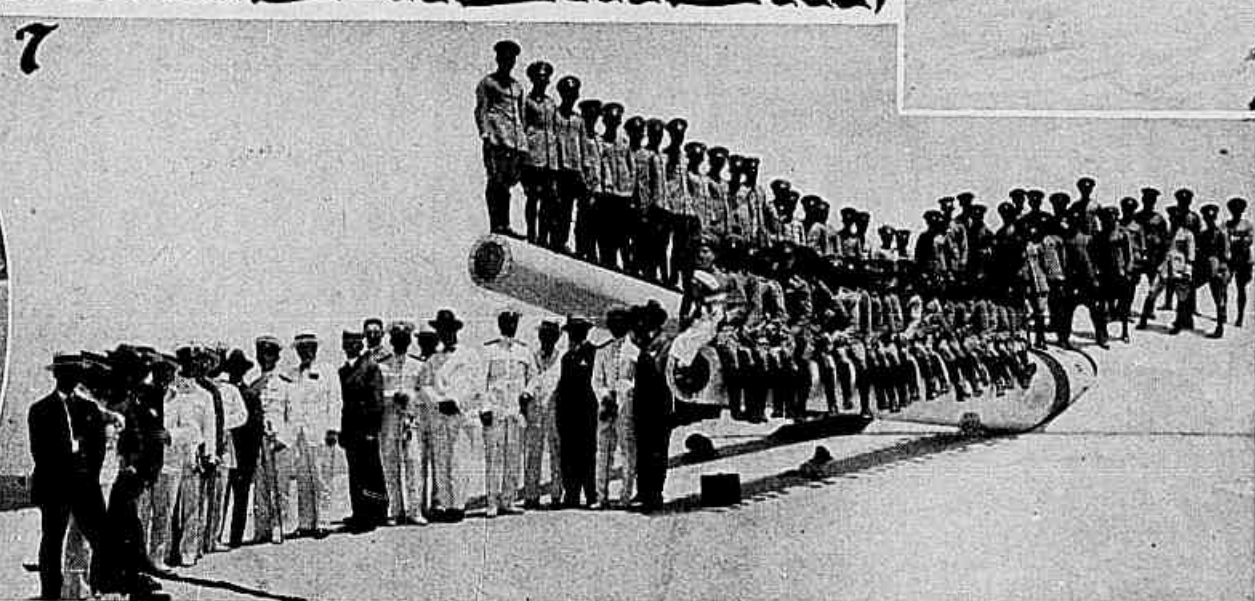
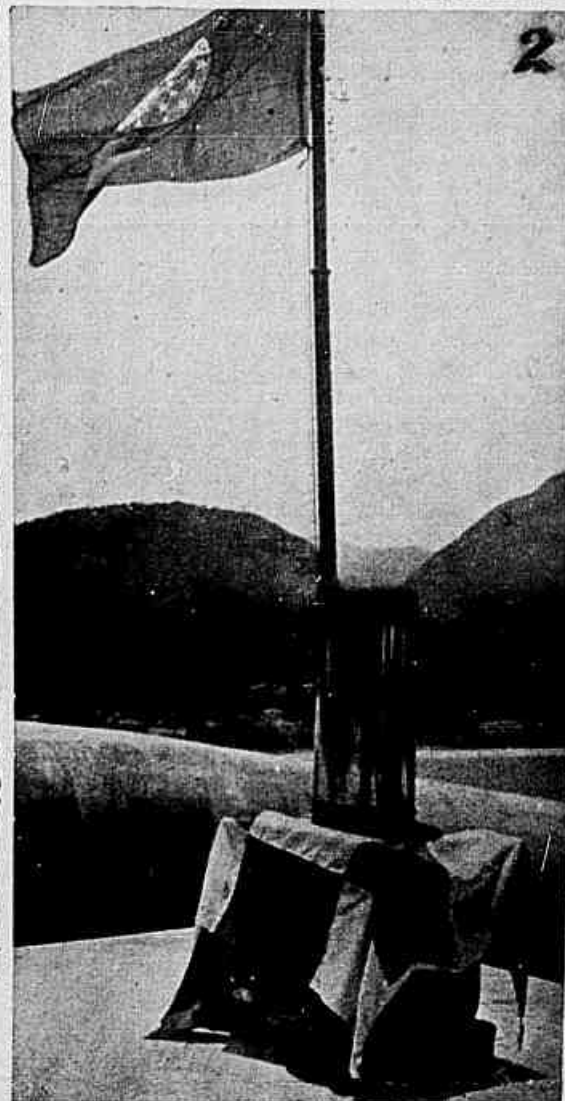
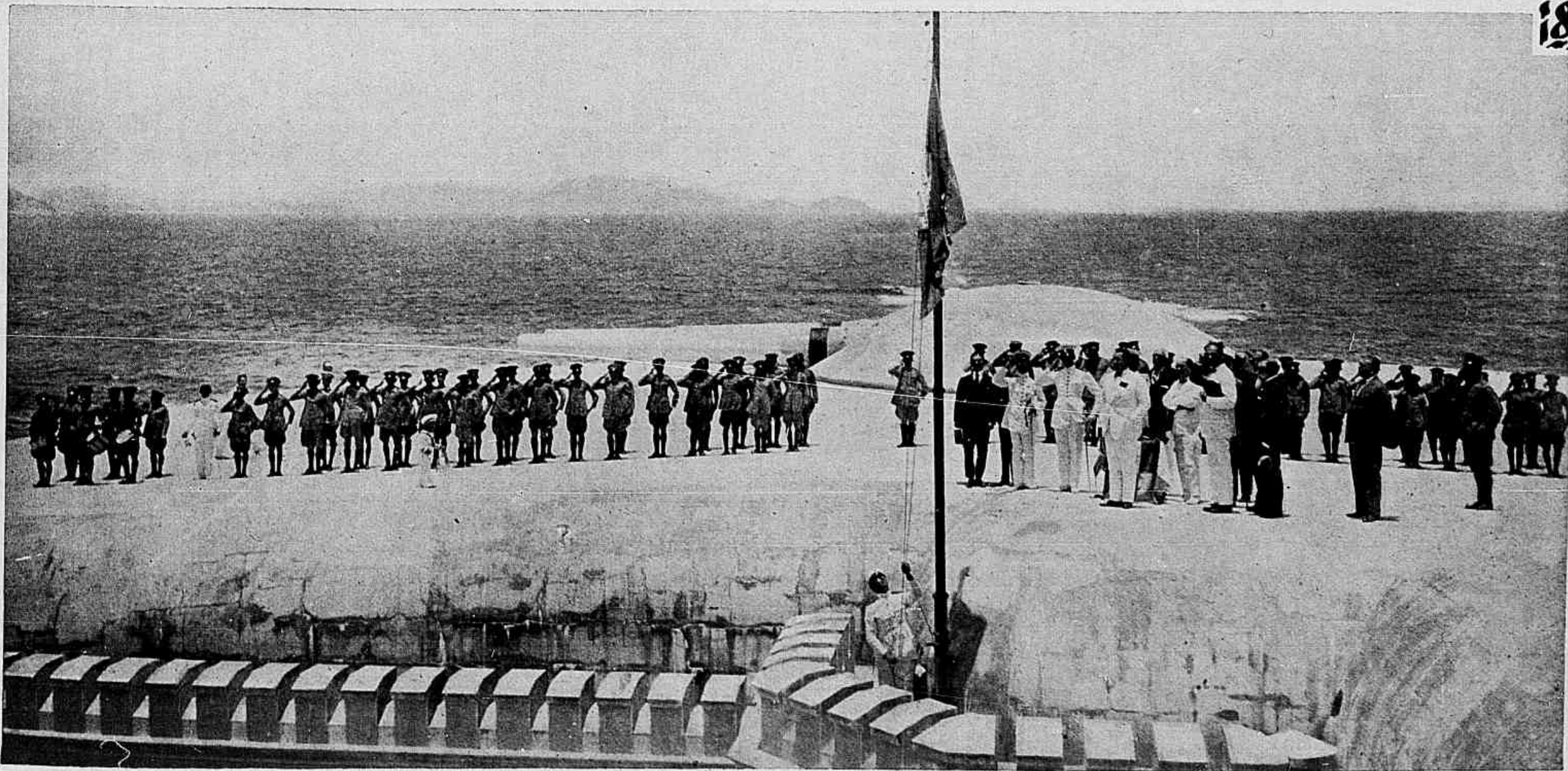
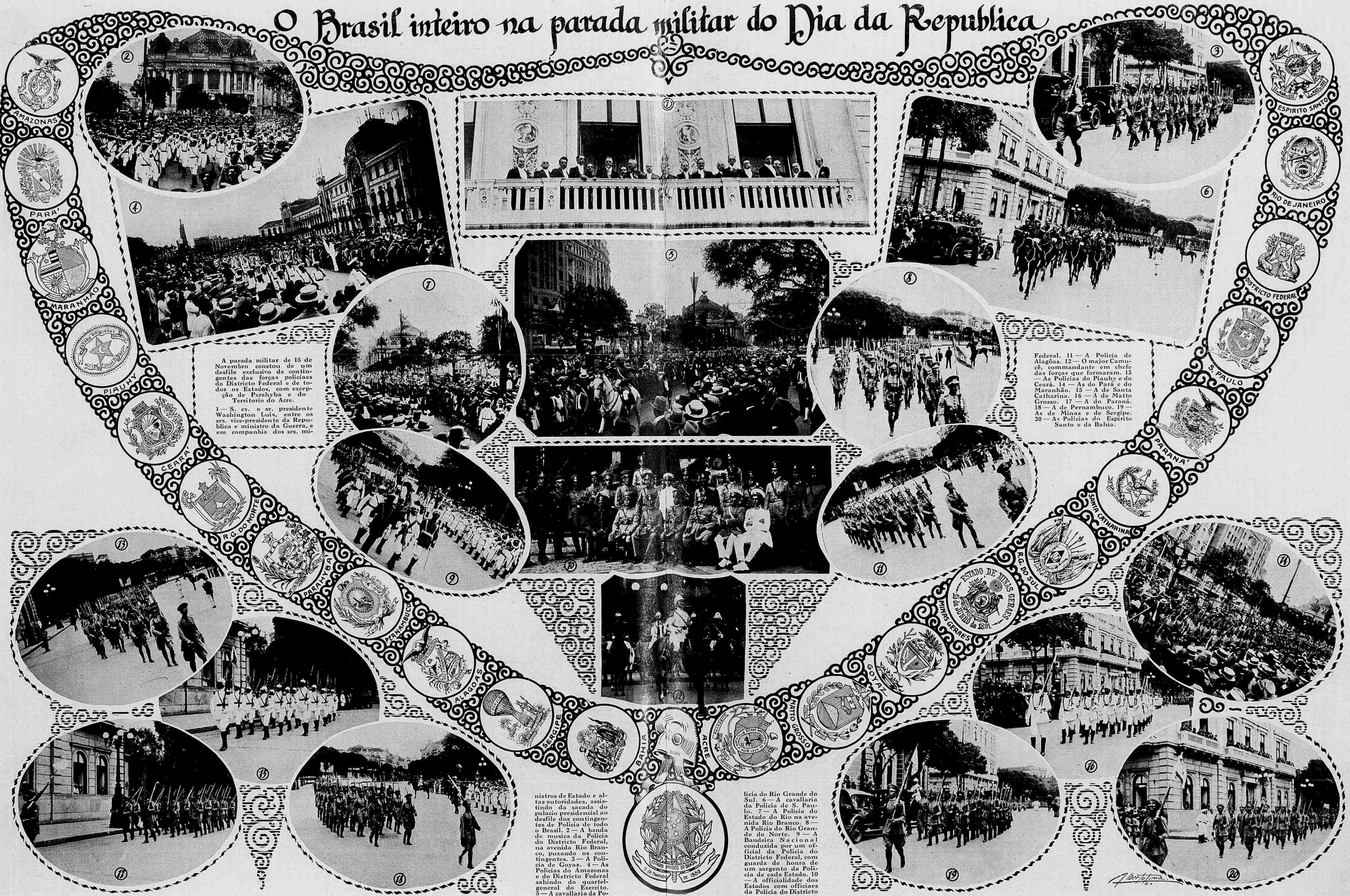
***

....Escrevo-te sempre quando o Sol deperece no horizonte infundindo um quê de tristeza em tudo... São sempre tardes deliciosas aquellas em que me lembro de ti.

Da solidão encantadora do meu aposento, as cartas minusculas, exhalando Guerlain ou Bichara, vão ter ás tuas mãos de sylphide qual uma mensagem pequenina de amor... Quando as escrevo não penses que eu digo tudo o que eu sinto, tudo o que eu quero confessar.

Não. Eu vou traçando as letras e fallando. Muitas phrases só o recinto ouve. Essas, soltas no ar, vão até ahi onde estás, fluidicamente, imaginariamente. E tu sabes: os maiores sentimentos não se dizem, sentem-se...

Paulo Nerey

O Dia da Bandeira e as homenagens do Rotary-Club

O Rotary-Club associou-se ao culto da Bandeira do Brasil comparecendo ao Forte de Copacabana no instante do hasteamento do nosso Pavilhão e assistindo á tocante ceremonia da incineração — annualmente realizada — das bandeiras velhas. 1 — O commandante do Forte, capitão Honorato Pradel, hasteando o Pavilhão. 2 — Sob a bandeira nova, que fluctúa, desdobrada ao vento do Atlantico, ardem, numa parcella de capsula de projectil 305, as velhas bandeiras do Forte. 3 — O dr. Roberto Shalders, presidente do Rotary-Club, ateando fogo, perante a officialidade e os rotarianos, ás bandeiras velhas na capsula em que foram incineradas. 4 — O rotariano dr. Rodrigo Octavio Filho, antigo soldado do Forte, saudando a bandeira. 5 — O lançamento ao mar da capsula contendo as cinzas das bandeiras incineradas. 6 — O dr. Rodrigo Octavio Filho discursando. 7 — Grupo geral da officialidade e guarnição do Forte e rotarianos presentes á ceremonia. 8 — O hasteamento da bandeira.

O Brasil inteiro na parada militar do Dia da Republica

A parada militar de 15 de Novembro constou de um desfile exclusivo de contingentes das forças policiaes do Districto Federal e de todos os Estados, com excepção de Parahyba e do Territorio do Acre.

1 — S. ex. o sr. presidente Washington Luis, entre os srs. vice-presidente da Republica e ministro da Guerra, e em companhia dos srs. ministros de Estado e altas autoridades, assistindo da sacada do palacio presidencial ao desfile dos contingentes de Policia de todo o Brasil. 2 — A banda de musica da Policia do Districto Federal, na avenida Rio Branco, puxando os contingentes. 3 — A Policia de Goyaz. 4 — As Policias do Amazonas e do Districto Federal sahindo do quartel-general do Exercito. 5 — A cavallaria da Policia do Rio Grande do Sul. 6 — A cavallaria da Policia de S. Paulo. 7 — A Policia do Estado do Rio na avenida Rio Branco. 8 — A Policia do Rio Grande do Norte. 9 — A Bandeira Nacional conduzida por um official da Policia do Districto Federal, com guarda de honra de um sargento da Policia de cada Estado. 10 — A officialidade dos Estados com officiaes da Policia do Districto Federal. 11 — A Policia de Alagôas. 12 — O major Camucê, commandante em chefe das forças que formaram. 13 — As Policias do Piauhy e do Ceará. 14 — As do Pará e do Maranhão. 15 — A de Santa Catharina. 16 — A de Matto Grosso. 17 — A do Paraná. 18 — A de Pernambuco. 19 — As de Minas e de Sergipe. 20 — As Policias do Espirito Santo e da Bahia.

NOTICIARIO ELEGANTE

A senhorinha Celeste de Cerqueira, que dará na tarde do proximo sabbado, no salão nobre do Club Germania, o seu concerto, com o concurso das suas alumnas, senhorinhas Eloina Bacellar e Maria José Vasconcellos, e acompanhada ao piano pela professora senhora Julieta Gomes de Menezes.

ANNIVERSARIOS

No dia 24 — a baroneza de Cabo Verde; a sra. Hermé Bueno Brandão; a senhorinha Clarinda Rangel de Vasconcellos; o dr. Carlos Seidl, ex-director da Saude Publica; os drs. Flavio da Silveira e Carlos Olyntho Braga.

No dia 25 — as senhorinhas Marieta Verissimo de Mattos, Maria de Lourdes Sá, Maria do Carmo Neiva e Iara Coutinho; a galante Helena Coelho de Magalhães; o conceituado educador Armstrong; os drs. André de Faria Pereira, Carlos Varady e Edgard Verneck; o dr. Ildefonso Simões Lopes Filho.

No dia 26 — a condessa de Avellar; a senhora Alfredo Gloria Junior; senhorinha Irene de Brito; o dr. Pires do Rio; os drs. Oscar de Carvalho e Alfredo Baracho; o sr. Belmiro Brêtas.

No dia 27 — a embaixatriz Regis de Oliveira; as senhorinhas Regina Coelho Rodrigues, Elvira da Rocha Miranda e Evangelina Tasso Fragoso; os drs. Pedro Autran e José Gomes de Souza, os coroneis Silva Fontes e Suckow Joppert; o major João da Costa Velho; os drs. Alfredo Neves e Bernardo Jambeiro; o conego dr. Olympio de Mello.

No dia 28—senhoras Fortunato de Brito, Alzira de Magalhães Bastos e Lavinia Bento Ribeiro; senhorinhas Dagmar Telles Gonzaga, Stella Ferreira Pereira e Dulce de Siqueira; os drs. Mauricio Leitão da Cunha e Mourão dos Santos.

No dia 29—as sras. Celeste de Castro Fonseca e Honorina G. Silveira; as senhorinhas Laura Accacio Liete, Graciema Guimarães Natal, Maria Pia de Souza Ribeiro, Guiomar Izabel Gonçalves, Ruth Lahmeyer e Diva Antonio Corrêa; o senador Soares dos Santos; os drs. João Meyer e João Paulo de Mello Barreto; o commendador Pinto Guimarães; o sr. Oscar Guanabarino.

No dia 30 — as sras. Annita Esther Coutinho, Miguel Camargo, Antonio Jannuzzi e Couto de Oliveira, as senhorinhas Nair de Azevedo Soares, Henriette Le Sueur, Maria Luiza de Oliveira; o dr. Antonio Farani; o general Pereira de Mello; o sr. Francisco Coelho e Mello; o jovem Arnaldo Oldemar Murtinho; o nosso collega de imprensa e juiz dr. Saul de Gusmão; o deputado federal Theodomiro Santiago.

NOIVADOS

— a senhorinha Olivia Augusto de Athayde e o sr. Jayme Fernandes Barbosa;
— a senhorinha Cecilia Torres e o sr. Symtman Angelo Long;
— a senhorinha Maria de Bulhões Pedreira e o sr. Octavio Cardoso de Menezes;
— a senhorinha Juraildes Moraes e o sr. Benigno Miguiez;
— a senhorinha Julia Pereira de Souza e o tenente da Armada Antonelle Saverio Oddone;
— a senhorinha Juracy Silva e o sr. Ruben Almeida Nobre.

CASAMENTOS

— a senhorinha Syomara Paschoal de Araujo e o dr. Sergio de Araujo Sampaio;
— a senhorinha Zaida Candido Gomes e o sr. João Carlos dos Santos;
— a senhorinha Abina Silva Leite e o sr. Eugenio Benhick;
— a senhorinha Carmen Fernandes da Silva e o sr. Octavio Fontes;
— a senhorinha Laura Baptista Pedreira e o sr. Joaquim Lourenço;
— a senhorinha Orlysa de Souza e o sr. Enic Garcia.

OS QUE VIAJAM

Deixaram o Rio — o dr. Porto da Silveira, que regressa ao Paraná, acompanhando o presidente Affonso Camargo; a senhora Waldemar Bandeira e filha, em viagem de repouso, para Theresopolis; o deputado Plinio Marques; o consul Carlos Renaux, para Baden-Baden; o dr. Mauricio de Mont Mór, para Barra do Pirahy.

Chegaram ao Rio: — o sr. Germano Madeira, que regressou de sua viagem de recreio á Europa; o dr. Antonio Olympio dos Santos, chegado de Bello Horizonte; o dr. Wadyr Jaffeth, vindo de Juiz de Fóra; o dr. Carlos Spinola, procedente da Bahia; o sr. Frederico Will, que regressou da Allemanha.

MUSICA

Com um bellissimo programma e uma assistencia numerosa e fina, realizou, quarta-feira ultima, o seu recital de canto a festejada cantora Branca de Barros no salão nobre do Instituto Nacional de Musica.

A sra. Branca C. de Barros recebeu muitas flôres e foi vivamente applaudida.

No salão nobre do Instituto Nacional de Musica realizou-se, domingo ultimo, á tarde, uma encantadora audição de alumnas do professor Rossini de Freitas.

Foi desenvolvido pelos alumnos do illustre professor um bello programma.

Realizou-se tambem, quarta-feira ultima, no salão nobre do Instituto, outro optimo concerto. O Centro Artistico Musical deu ali, á noite, o seu 58º concerto, em que tomaram parte elementos de grande relevo nos meios musicaes do Rio.

No programma, selectissimo, foram incluidos alguns numeros da mais pura e delicada arte, composições de grandes mestres que tornaram esse concerto um dos mais brilhantes e notaveis desta série de recitaes.

LA BOULE DE NEIGE

Lindos chás da "Bola de Neve" deram ensejo a finas e agradaveis reuniões a semana passada.

Foram os seguintes os chás destes ultimos dias:

Sras. Claudio Gans, Francisco Antunes, Arthur Frota, Garcia Leão, Freida Pereira, Lindolfo Collor, João Teixeira Soares, Eduardo Pariset, Rego Bettencourt, Cornelio Rodrigues Peixoto, Annibal Machado, Augusto Sá Pereira, Alvarenga Netto, commandante Castello Branco, Nogueira, Walfrido Bastos Oliveira, Olga Keck, Roger Mesquita, Antonio Lage, capitão Danton Teixeira, Armando Alencar, Laura Oliveira Castro, Cecilia Soares Sampaio, Beatriz de Almeida Gama, Sebastião Dias, Venancio Piegas, Carlos Guinle, Schwarz; senhorinhas Maria Eliza de Oliveira Castro e Abilio Alves.

FESTA DAS SOMBRINHAS

O Praia Club, o elegante *cercle* de Copacabana, levará a effeito amanhã a linda "Festa das Sombrinhas" que tanto exito alcançou o anno passado.

Estavam inscriptas no concurso, ao escrevermos esta nota, entre outras, as senhoras e senhorinhas:

Iris Mello, Maria Toledo Lanzaretti, Conceição Tavares, Luizinha Pedreira, Martha Cunha Menezes, Saphyra Simões da Silva, Alda Zucculo, Margarida Angelo, Branca Dias Baptista, Conceição Marques, Almira Botelho, Vanja Rosendo, Maria Roxo, Lourdes Souza Costa, Dinah Estelita, Lina Kastrup, Nyssia da Silva Porto, Julieta da Silva Porto, Herminia Souza Santos, Olympia Consolino, Edith Fontes, Clelia Nunes Franco, Ilda Siqueira e Silva, Cléa S. Paulo, Helena Martins, Maria José de Souza, Cecilia de Souza, Gloria Sobral, Celia Corrêa, Nair Sobral, Ondina Corrêa, Leite de Mello, Elsa Fonseca, Gausia Lourenzo Gomes, Regina Frota Pessoa, Gabriella La Rocque, Cléa Flores, Lucia e Yvonne Peixoto, Julia Vieira Santos, Lucia de Mello, Ernestina Santos, Lourdes Santos, Guilhermina Santos, Dulce Roxo, Maria Helena Barreto, Maria Thereza Barreto, Noemia Mello, M. Agis, Regina Santos Cruz, Véra e Dagmar Costa, Solange Moura, Carmita Moura, Helena Praxedes, Isabelle M. Teixeira de Mello, Laurita Maucher, Lygia Araripe.

BAILES

Promette revestir-se de grande elegancia e sumptuosidade o baile que o Botafogo F. C. no proximo dia 15 de Dezembro vae offerecer a seus associados e á elite carioca, inaugurando a sua nova séde na avenida Wenceslau Braz.

As dependencias do Club serão artistica e fartamente illuminadas.

O trajo será de rigor.

M. DE D.

CARNET

Meu amigo:

Você me escreveu desolado: "sinto-me envelhecer e, quando analyso a vida que passou, vejo-a vasia, sem emoções e sem mesmo talvez uma saudade; diga-me por piedade o que devo fazer, aonde devo procurar um pouco de alegria".

A alegria, meu querido amigo, vive dentro das nossas almas; é a lente phantasiosa através da qual vemos tudo que nos rodeia; é a grande illuminura da vida.

E' ella ainda quem touca de flôres as hastes resequidas; quem accentúa os coloridos, quem suaviza as dôres e quem faz das maiores tragedias verdadeiras comedias.

A vida é um grande roseiral; nós é que muitas vezes não sabemos ser bons jardineiros e em vez das rosas colhemos os espinhos.

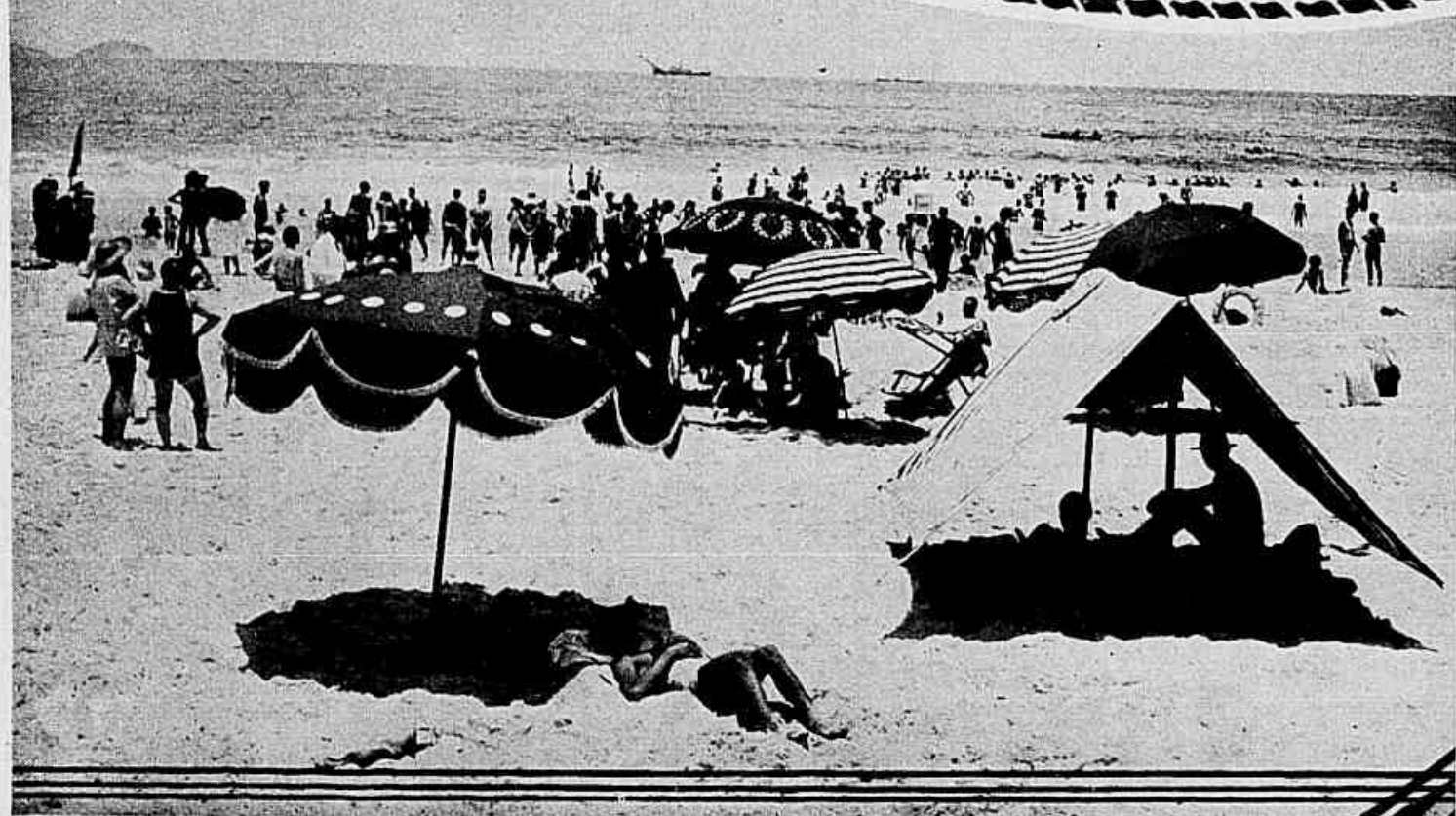
O antidoto da velhice cultiva-se com a alegria suprema de viver. Tira-se da frescura orvalhada das florestas, do cantico das aves, do perfume das frondes e das flores, da belleza das creaturas e de todas as harmonias da vida. E você, meu bom amigo, alma genuina do esthela, corporização perfeita humanizada, concede-me o direito de invectival-o de incontentavel e de apontar-lhe a Natureza em festas eternas para melhor conselheira.

Ame-a, cultúe-a e lembre-se de que é, por um favor especial, um seu privilegiado.

Diz-lhe isso convicta e affectuosamente a sua amiga

Maria de Lourdes

A gentil senhorinha Yvette Domingues, da nossa sociedade, filha do finado general Manoel Ignacio Domingues.

A gloria luminosa das praias

As praias vão-se animando cada vez mais, prenunciando uma estação cheia de resplendor e alegria, que já vem perto. Mas encontra-se, ás vezes, tanta gente zangada!... Nos aspectos que aqui se vêem figura, no bloco photographico central, á direita, um cavalheiro de oculos escuros que vae direitinho para a agua, banhar-se de novo, porque o nosso photographo lhe tocou, familiarmente, o hombro...

A EMBAIXATRIZ DO THEATRO ESPANHOL

O Rio de Janeiro acolheu no seu ambito soberbo, durante alguns dias, a czarina da scena espanhola.

Se o palacio do Theatro Municipal, imponente e maravilhoso, como uma esphynge tivesse o dom da palavra, por suprema concessão dos deuses, juro que, num hymno triumphal á Arte, apregoaria o nome de Catalina Bárcena, a illustre dama espanhola que, cedendo ao imperio do seu talento e do seu genio, subiu os degraus da gloria, para occupar o throno que lhe foi legado por "Dona Maria, a Brava".

Falar della? Para que? O Rio já a conhece; já lhe tributou os seus applausos com calor e sympathia sem limites. Catalina Bárcena

Un saludo cordialísimo desde la Revista da Semana, para el público y la prensa de Rio, maravillosa ciudad en la que hemos pasado ¡horas inolvidables!

G. Martinez Sierra

foi recebida como actriz; partiu — e o publico, que acima de tudo viu nella a monumental columna sobre a qual, sem perigo de quéda, pode repousar a historia do theatro espanhol, considera-a mais do que uma actriz, muito mais! Catalina deixou, entre seus fervorosos admiradores brasileiros, a impressão de ser uma embaixatriz mandada pela Espanha de Cervantes para divulgar os velhos brasões de Castella.

Mulher de privilegios supremos, dir-se-hia que na sua alma e cerebro vivem os espiritos da Bernhardt, da Guerrero, da Duse, da Réjane e da June Walker.

Artista de fibra, tem a virtude de incarnar as personagens com tão absoluto e real dominio que nos converte ás religiões do bruxedo e da superstição.

Ah! Catalina! Sublime creatura que assignalas os teus passos, coração a dentro do mundo, guiada pelas vontades de Ibsen, de Dumas, de Galdós e Calderon... Bárcena! Gloriosa bandeira que tremula através das fronteiras, apregoando com as suas vibrações a grandeza da Espanha e a immortalidade do Maneta de Lepanto!...

. . . .

— Como se fez actriz?

— De um modo muito original. Acompanhava minha irmã que, naquelle tempo, era dama da companhia de Maria Guerrero. Minha irmã casou; deixou o theatro, eu era ainda uma menina. Era necessaria a primeira dama, e joven. Dona Maria quiz experimentar-me e... fui actriz desde essa noite, em que passei um susto enorme.

— Um susto?

— Sim. Sou muito medrosa. No proprio Rio, estreei com um pavor atroz. Temia não ser apreciada por um publico que me era desconhecido, e estreei... tremendo.

— Ora, ora, ora...

— Não ria! Falo sério.

— Oh! A senhora é simplesmente encantadora. O publico cultissimo que a admirou já lhe queria e a apreciava.

—Sim, é certo. Por isso, serenei immediatamente. Desde o primeiro momento, senti uma profunda sympathia por um publico que com os seus applausos iniciaes parecia dizer-me "não sejas tonta". Ah! Que platéa encantadora e que imprensa gentil! Eu voltarei! No meu proximo gyro pela America, passarei pelo Rio. Será uma necessidade para o meu espirito. Prometto: voltarei.

— Qual a sua maior emoção na carreira theatral?

— No dia em que tomei a responsabilidade de primeira actriz á frente da minha companhia, depois de ser a primeira dama no elenco de Maria Guerrero.

— As suas impressões da America?

— Gratissimas, incomparaveis. Não só pelo carinho com que, por toda parte, me recebem como porque, acima de tudo, pude avaliar nas homenagens recebidas o muito affecto que a Espanha inspira.

— Posso saber a verdade, núa e crúa, da sua opinião relativamente ao theatro contemporaneo da Espanha? Serei discreto... (?)

— Não, não! Póde dizer abertamente que o nosso theatro precisa de uma evolução. Faltam as melhores cousas. Temos em Espanha uma enormidade de jovens de talento, que reservam grandes surprezas para o theatro. Sempre os mesmos, não póde ser. De volta á Espanha, penso occupar-me com carinho dos nossos noveis autores. E' dentre elles que terão de sahir os Benavente, Rivas, Marquina, Sierra e Quinteros de amanhã.

La simpatía del público de Rio es sólo comparable á la belleza de su paisaje. No cabe más grande ni más merecido elogio.

Catalina Bárcena

— A sua *rentrée* na Espanha?

— Será no Calderón, de Madrid. Em abril trabalharei em Sevilha, onde, numa festa em homenagem á America, vestirei trajes typicos differentes. Você sabe que me fiz confeccionar trajes de "bahiana" e de "cabocla", e eu levo os "maxixes" e "sambas" mais populares para estudar.

Chegou Martinez Sierra, o autor de "Cancion de Cuna". Dou por terminada a entrevista. Catalina Bárcena mostrou desejos de vêr a Guanabara e o Rio do alto do Pão de Assucar. O auto espera-nos e, deixando o hotel, partimos. Vou satisfeitissimo. Catalina Bárcena, radiante de alegria, parece uma menina mimada. Don Gregorio admira as maravilhas que deslumbram, pelo Flamengo. Eu medito na impressão que causará á genial artista e ao famoso theatrologo verem uma das sete maravilhas, do alto da atalaia da barra...

José Vicent Payá

Aspectos da deslumbrante illuminação do Dia da Republica. 1 — O obelisco da Avenida Rio Branco. 2 — S. ex. o sr. Presidente da Republica e a senhora Washington Luís, casa civil e militar da Presidencia e ministros de Estado na ponte do Palacio do Cattete. 3 — A illuminação da Avenida Rio Branco. 4 — Uma visão dos fogos queimados na noite de 15 de Novembro. 5 — A ponte do palacio do Cattete, na Praia do Flamengo.

PRÓ MATRE

Aspectos tirados no domingo ultimo na benemerita instituição da "Pró-Matre", ao serem inauguradas as novas installações e reformas com o producto da collecta do "Dia do Manacá". Ao alto: grupo de senhoras presentes, vendo-se assignalada a senhora Washington Luís, que tem á esquerda a senhora Guerra Duval, presidente da "Pró-Matre". Ao fundo vêem-se os representantes dos srs. Presidente da Republica e ministro da Justiça, embaixador dos Estados-Unidos e professores Carlos Chagas, Abreu Fialho e Fernando Magalhães que fez no acto um lindo discurso. Ao lado: a capella do hospital, durante a missa rezada pelo exmo. bispo do Ceará.

NOTICIAS E COMMENTARIOS

Ministro da Colombia.

A assignatura, na Sala Rio Branco, do Tratado de limites entre o Brasil e a Colombia. Aspecto tirado no momento em que os srs. ministros Octavio Mangabeira, pelo Brasil, e Laureano Garcia Ortiz, pela Colombia, assignavam o Tratado, perante altos funccionarios do Itamaraty, secretario da legação da Colombia e pessôas gradas.

Ministro do Exterior.

O novo tratado estipula como fronteira a recta Tabatinga-Apapóris e, de accordo com os termos da Acta de Washington, reconhece perpetuamente á Colombia o direito de livre navegação nos rios Amazonas, Caquetá e Putumayo. O favor, porém, é declarado reciproco, isto é gosará o Brasil de egual direito quanto ás aguas colombianas. A liberdade de navegação, concedida assim, reciprocamente, aos dous paizes, não exclue a sujeição aos regulamentos fiscaes e de policia, nem inclue a cabotagem, que segundo a nossa Contituição Federal é privativa dos navios nacionaes. Aliás um decreto imperial, 7 de setembro de 1867, abrira o rio Amazonas á livre navegação de todos os povos. A navegação por navios ou transportes de guerra brasileiros ou colombianos, nos rios communs a ambos os paizes, é tambem permittida e regulada. Além disso, o tratado prevê a demarcação, em curto praso, de toda a fronteira entre o Brasil e a Colombia, não só da agora estipulada, mas tambem da que foi definida no tratado de 24 de Abril de 1907.

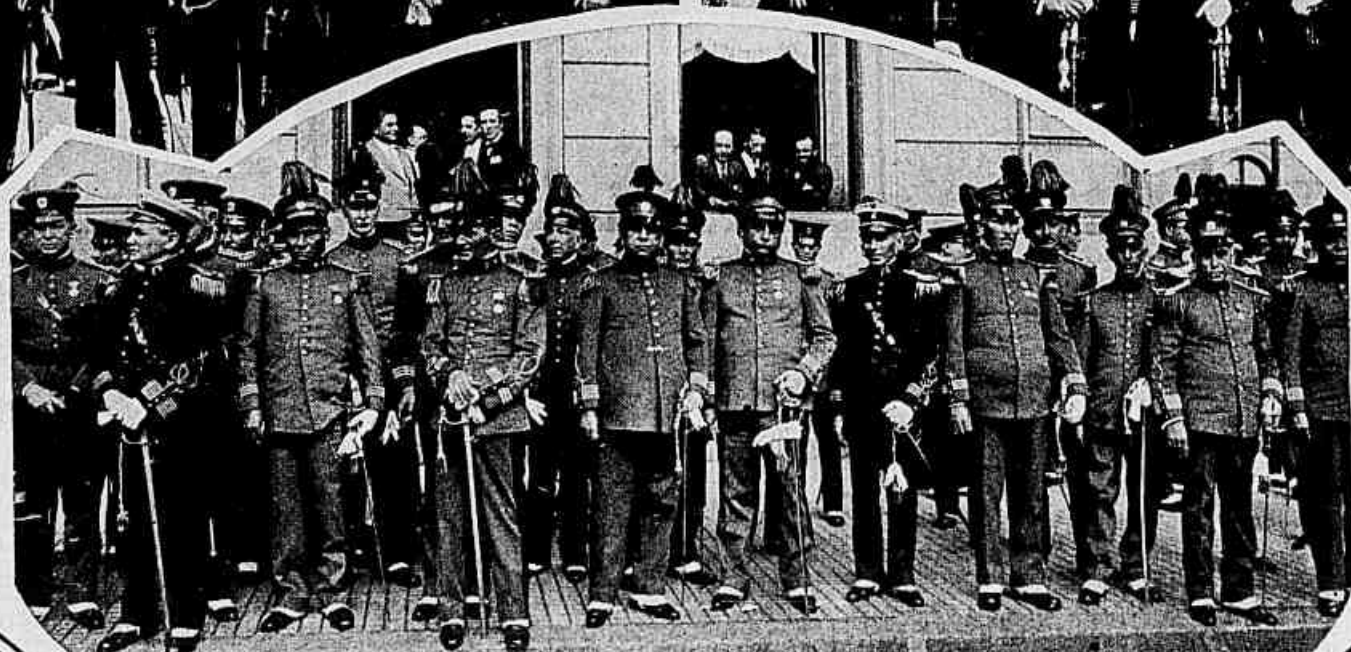
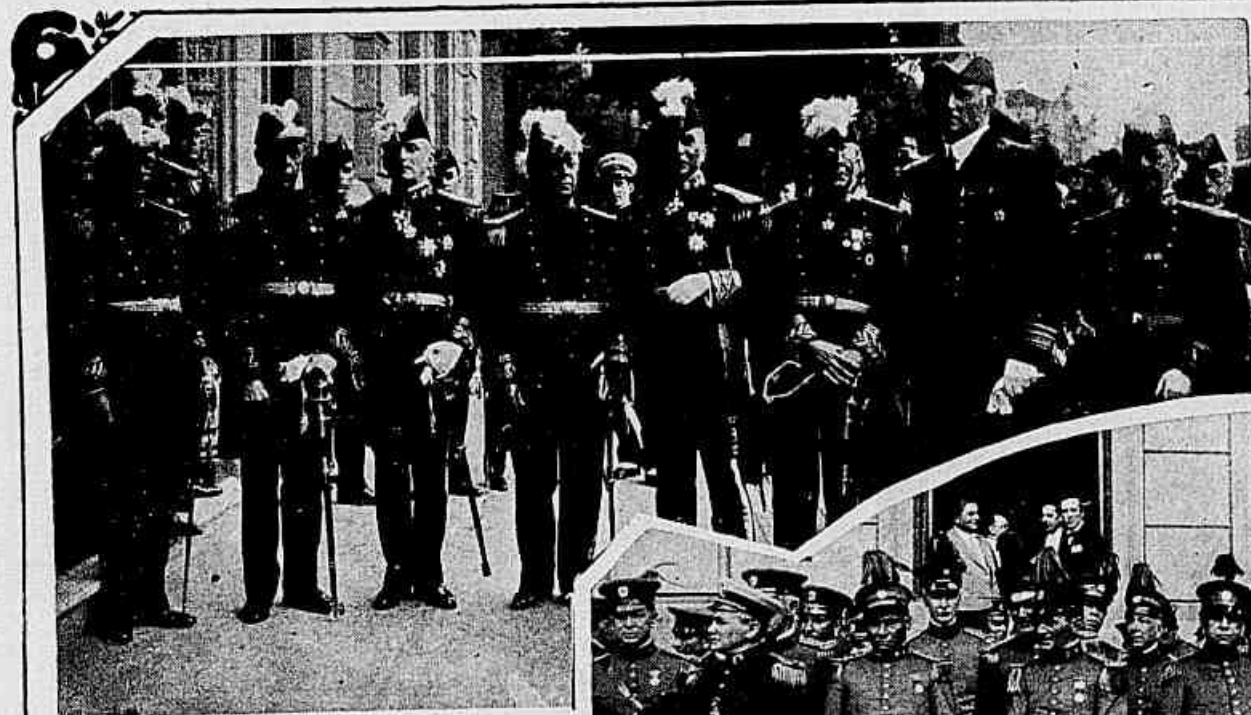
Assim, o acto a que o Brasil acaba de dar a sua firma não constitue apenas a solução definitiva e amistosa de uma velha pendencia, uma vez que, da sua applicação honesta, já se podem esperar os mais beneficos resultados no sentido de uma approximação mais intima entre duas das maiores Republicas do Continente sul-americano.

"A COSTELA DE ADÃO"

Berilo Neves, o brilhante escriptor patricio e collaborador da REVISTA DA SEMANA, dar-nos-há em breves dias, sob o titulo suggestivo de "A costela de Adão", o seu primeiro livro.

A critica espera-o — estamos certos — com os melhores louvores; as mulheres, essa aguardam-n'o, com justas razões, loucas pela surpresa do que se conterá nas paginas de Berilo... contra ellas...

O joven escriptor, cujo estylo gracioso e leve é de grande poder de attracção, tem-se celebrizado como um dos mais encantadores anti-feministas. Nós, em verdade, nunca acreditámos em que o brilhante chronista e fino estheta possa ser um inimigo das mulheres; entendemol-o nessa sua feição litteraria, como um humorista impenitente, capaz de crear paginas maravilhosas á custa do bello sexo e a poder de *blagues*.

Mas estamos a avaliar, pela nossa, a ansiedade de que devem estar possuidas as fascinadoras cariocas, á espera das furiosas catilinarias que — a par de criticas sociaes e ambientes elegantes e imaginosos — se conterão nas paginas de "A costella de Adão".

15 DE NOVEMBRO

No palacio presidencial, depois da recepção no Dia da Republica. Ao alto: á esquerda, a Marinha; á direita, o Exercito. Em baixo, a Policia Militar.

Se a subida do Presidente da Republica para Petropolis marca o inicio do verão official, o Rio tem já o marco do verão elegante na encantadora praia de Copacabana — mercê da instituição da Festa das Sombrinhas pelo Praia Club.

Datam do anno findo a idéa e a sua primeira realização, que de resto foi coroada do melhor exito. Este anno terá novamente logar a Festa das Sombrinhas, que ficará sendo a festa official do Praia Club, constituindo tambem uma nota encantadora nos habitos da elegancia carioca.

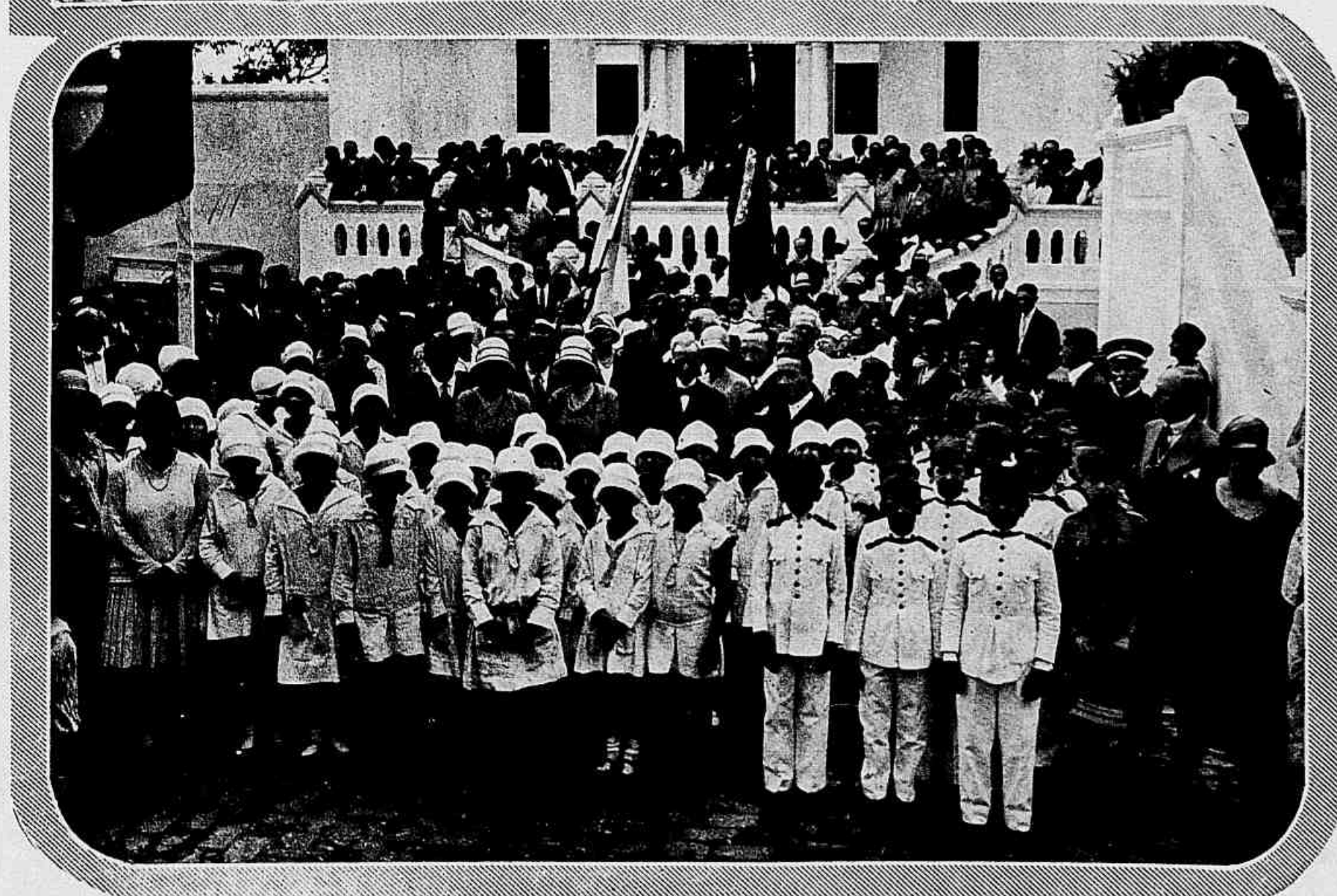
Das sombrinhas que comparecerem á grande parada da Avenida Atlantica serão premiadas as mais artisticas, as mais luxuosas e as mais originaes; e, se tem sido enorme o numero de presentes offerecidos pelas principaes firmas desta capital, é incalculavel o numero de senhorinhas inscriptas que comparecerão á linda tarde de elegancia.

O Praia-Club convidou vultos da Arte e da Imprensa para constituirem a commissão julgadora e, assim sendo, é de imaginar o infinito interesse que vem despertando a encantadora abertura do verão elegante em Copacabana.

Quando?

Amanhã! Isto quer dizer que amanhã Copacabana será o mais maravilhoso mostruario de sombrinhas que a nossa imaginação possa conceber.

A senhora Gina Romagnoli, condessa Davidowsky, que vem de publicar um interessante livro de economia e sociologia do Brasil, sob o titulo *Il Brasile Contemporaneo*.

Tres aspectos da imponente commemoração do 80º anniversario do venerando sr. visconde de Moraes, tirados após a missa festiva resada na capella do Bairro de Santa Genoveva,, em S. Christovam, de propriedade do benemerito titular.

Um grupo de senhorinhas no baile commemorativo do 16º anniversario do Sport Club Brasil realizado nos salões do Club de Regatas Guanabara.

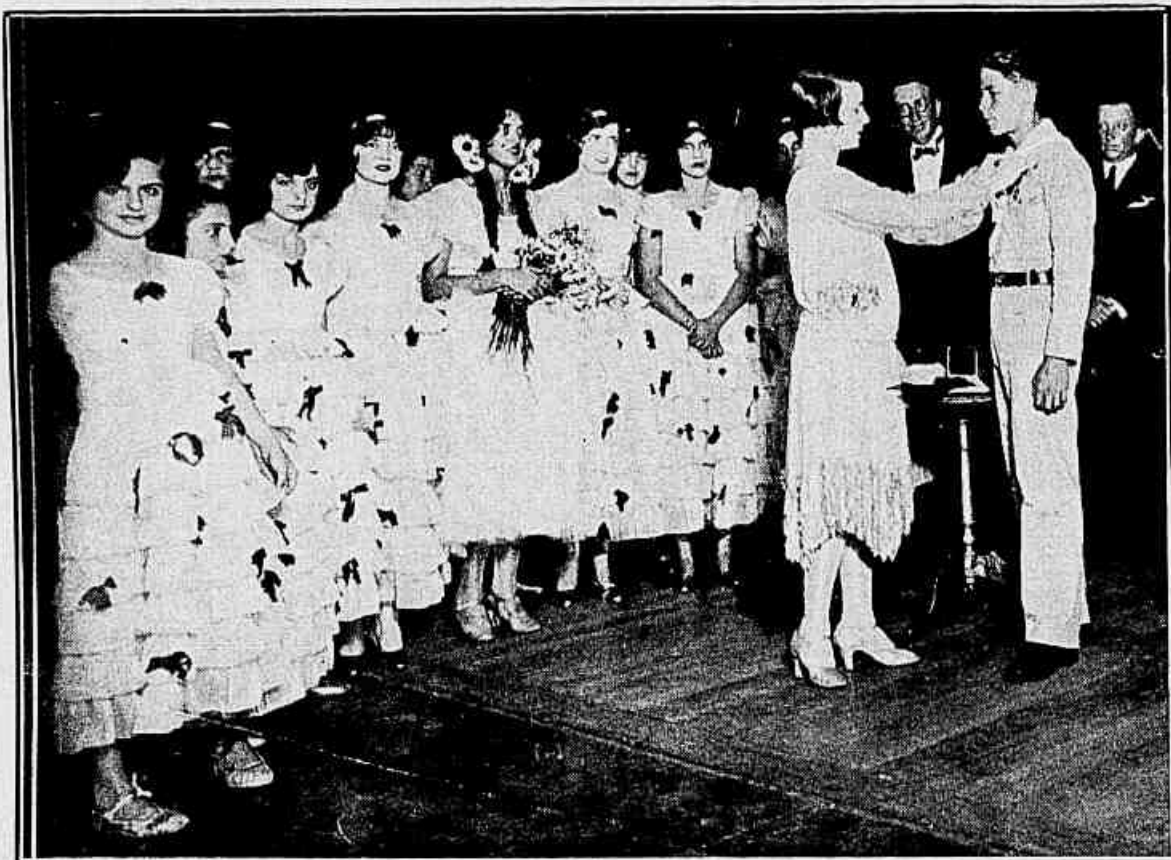
Senhorinhas que serviram o chá da festa em beneficio da Assistencia Dentaria Infantil, realizada no Beira-Mar Casino.

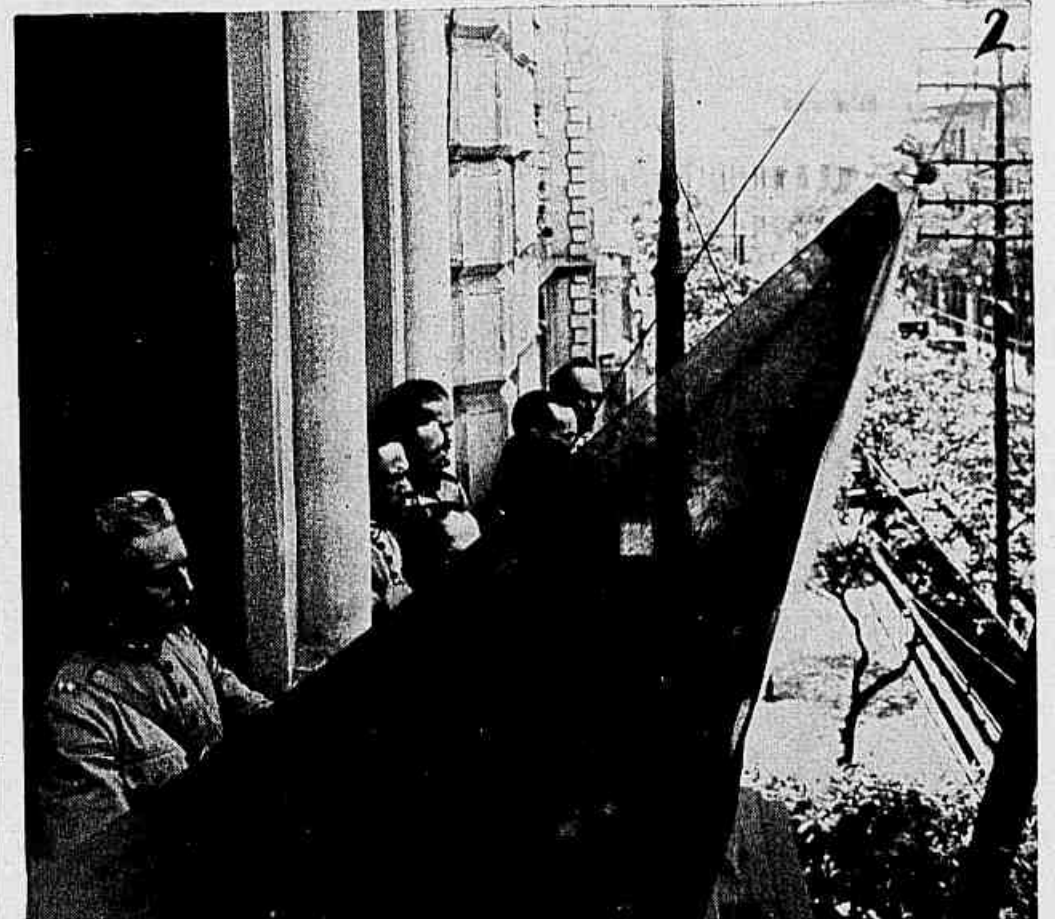
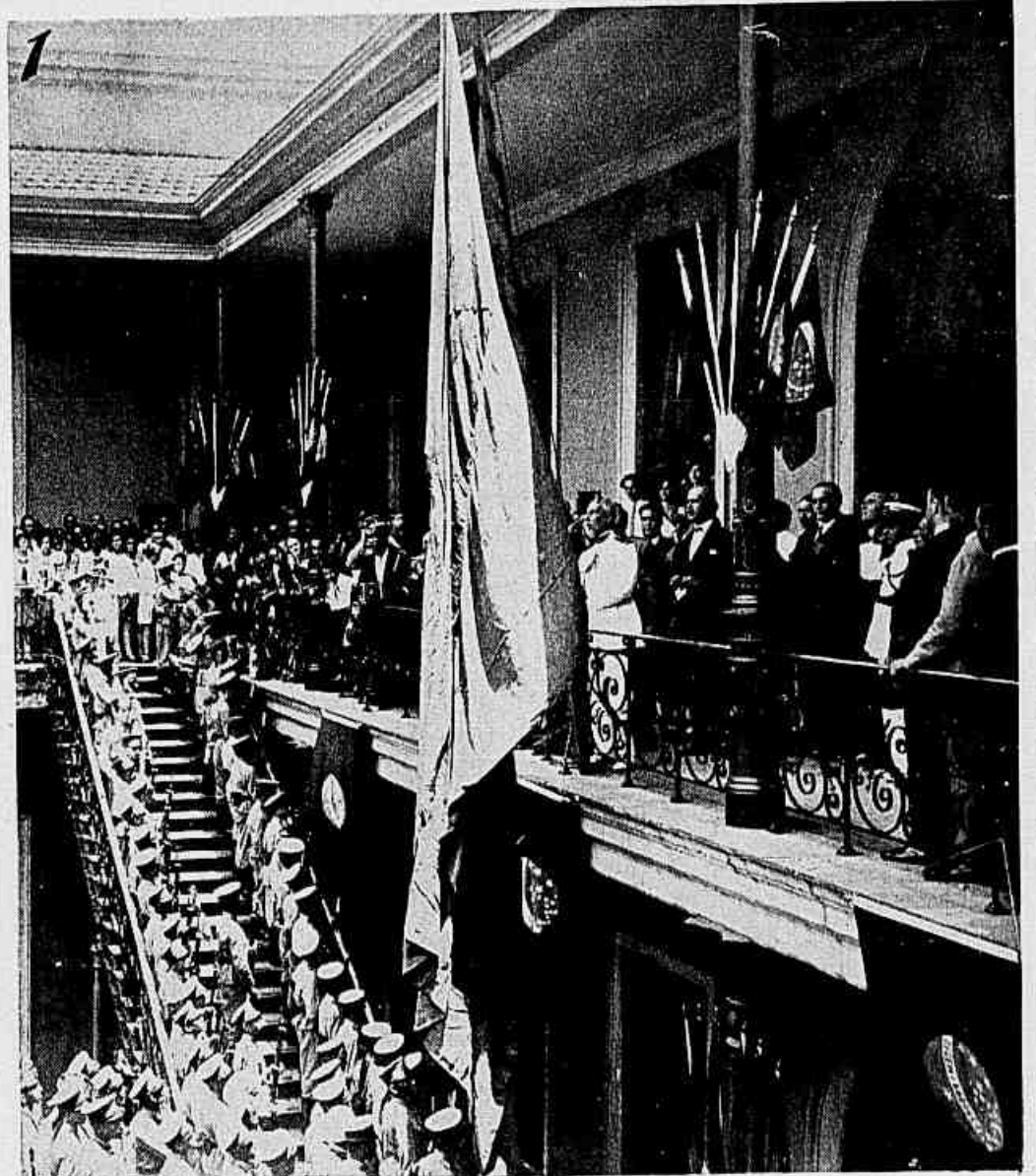
A inauguração dos retratos dos srs. Washington Luis, presidente da Republica, e Julio Prestes, presidente de S. Paulo, na Escola de Direito, á praça Tiradentes.

O DIA DO BOTÃO DE OURO

A terça-feira proxima será consagrada ao Externato S. José, realizando-se o *Dia do Botão de Ouro* em commemoração do anniversario do Apparecimento da Virgem Poderosa.

A construcção do Externato — que se destina aos filhos de operarios mal remunerados, ás creanças mal alimentadas e que não teem roupa e calçado, nem hygiene em seus lares — é uma obra de caridade e de patriotismo. O Dia do Botão de Ouro é instituido para a collecta em beneficio da sua construcção.

Não ha uma só vez em que o espirito caritativo dos cariocas tenha deixado de corresponder á espectativa, e é justo prevêr que, na terça-feira proxima, uma vez mais — e com a immensa razão do fim collimado — a alma do nosso povo se mostre sensivel ao appello, concorrendo magnanimamente para a construcção do Externato S. José.

A ceremonia da entrega, pela brilhante declamadora sra. Francesca Nozieres, de uma medalha de ouro ao escoteiro brasileiro Armando da Silva Magalhães. O escoteiro Armando foi quem concorreu para o salvamento de Ferrarin e Del Prete, quando do desastre do novo "Savoia-Marchetti" junto da Ponta do Galeão, conjugando os seus efficazes esforços aos dos marinheiros nacionaes, após haverem sido aquelles detentores do "record" de distancia desembaraçados do avião pelo mechanico Raul, que os acompanhara no vôo tragico.

O Dia da Bandeira

Ao alto: o sr. general Teixeira de Freitas, chefe da Casa Militar da Presidencia da Republica, hasteando a Bandeira Nacional na Prefeitura, perante o sr. prefeito do Districto Federal, altas autoridades e pessôas gradas. Em baixo: o sr. general Carlos Arlindo, commandante da Policia Militar, hasteando o Pavilhão Brasileiro no quartel-general da Milicia da Cidade.

O "cross-country" de dez mil metros da Liga de Sports da Marinha. A' esquerda, a "sahida", no Stadium do Fluminense F. C., para a grande prova; á direita, a representação do "S. Paulo" — que pela quarta vez foi vencedor — empunhando um *placard* com inscripções allusivas.

A "REVISTA DA SEMANA" E A LOTERIA DE ESPANHA

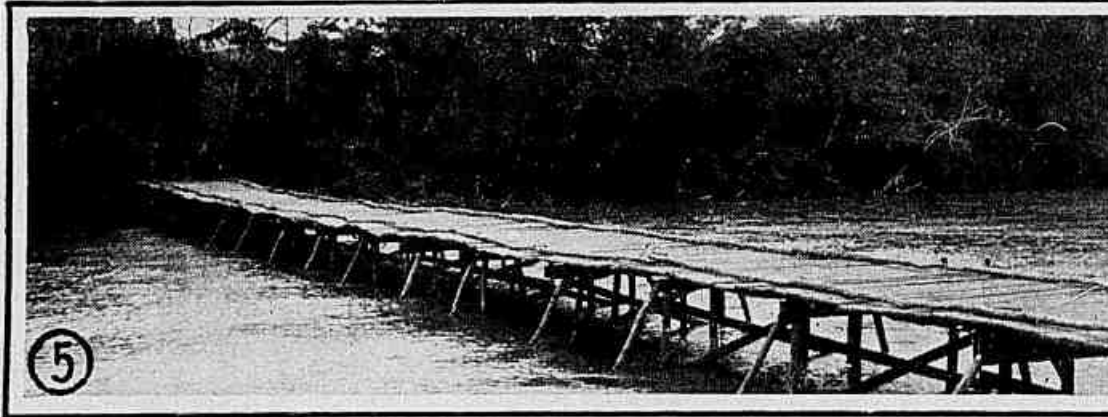
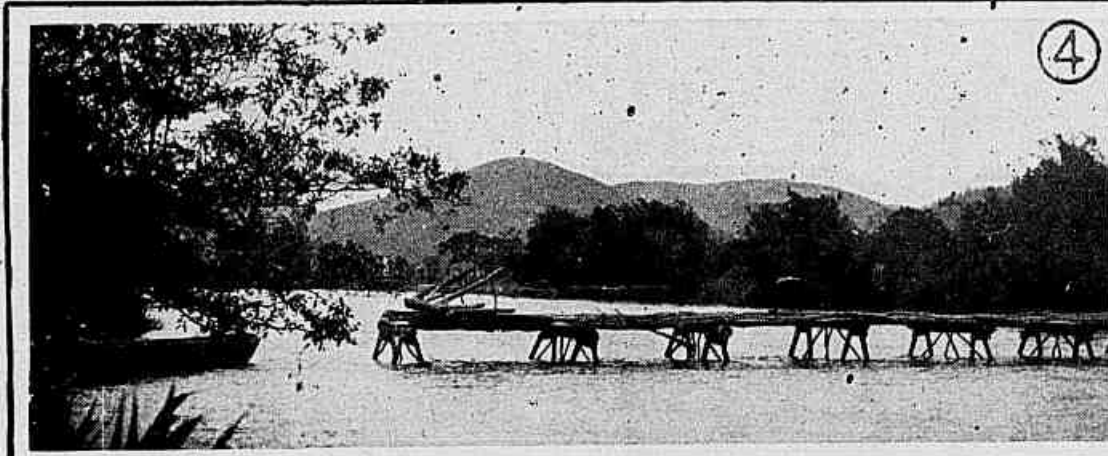
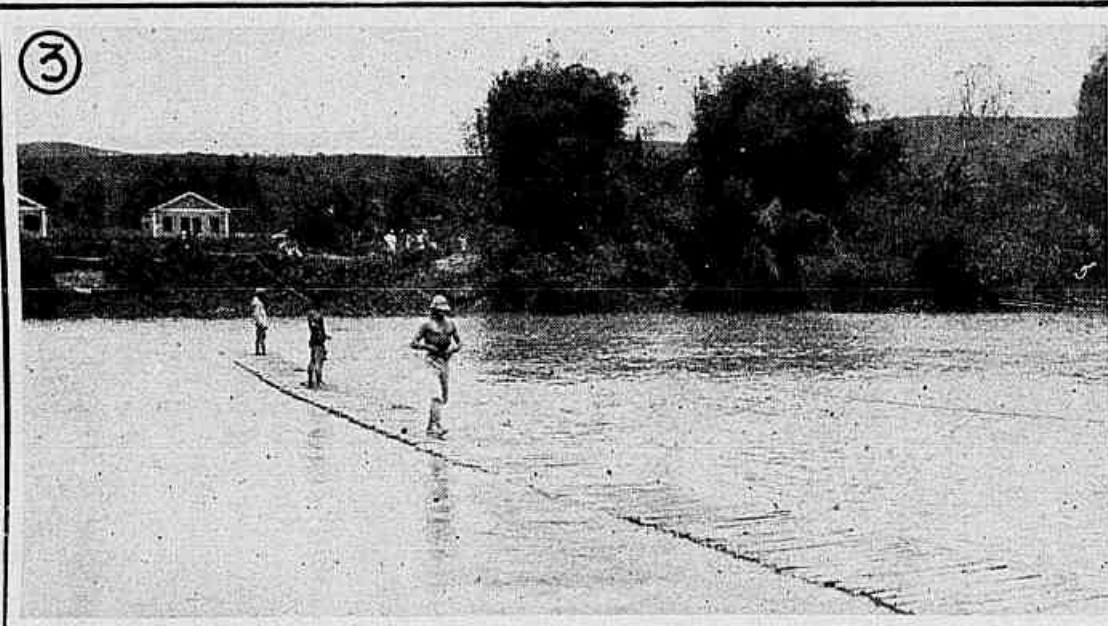
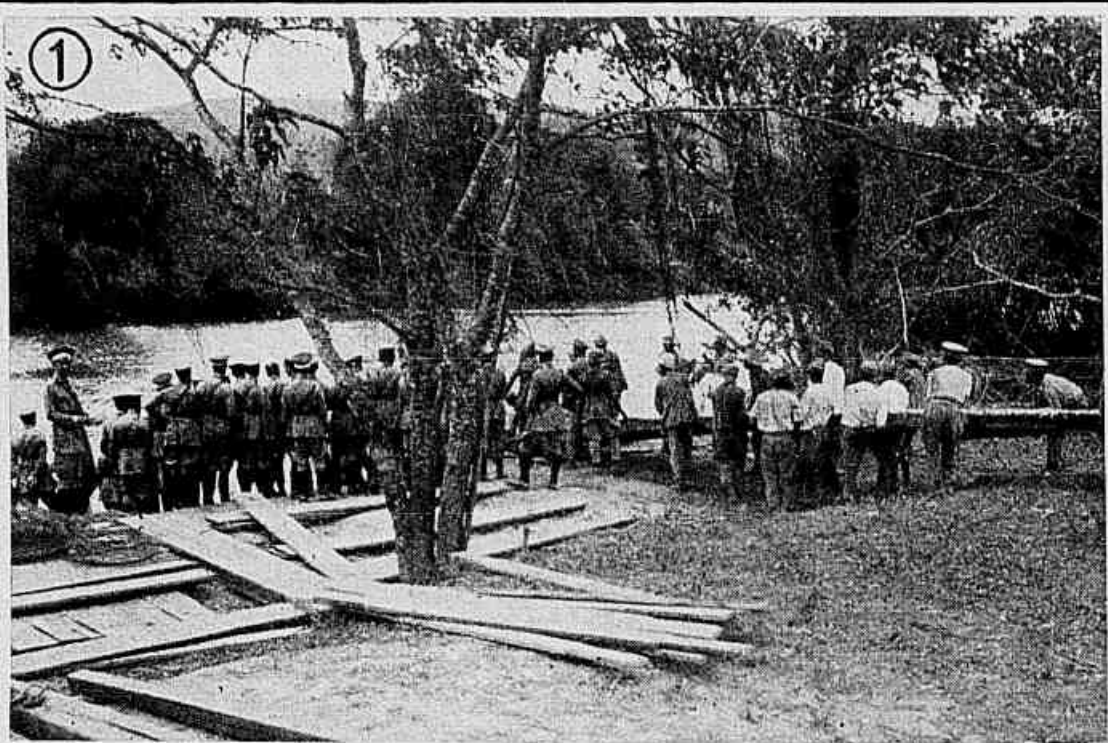
A exemplo do que vem fazendo ha longos annos, a REVISTA DA SEMANA interessará os seus assignantes na Grande Loteria da Espanha, a extrahir-se pelo Natal.

Para isso adquiriu em Madrid dois bilhetes inteiros dessa loteria, que é a maior do mundo, os quaes teem os seguintes numeros.

As condições em que os assignantes da REVISTA DA SEMANA poderão associar-se nos bilhetes da Loteria da Espanha são as mesmas dos annos anteriores.

A Recepção Presidencial de 15 de Novembro

Aspectos á porta do palacio do Cattete, após a recepção presidencial do Dia da Republica. 1 — Corpo Diplomatico. No primeiro plano os srs. embaixador de Portugal, nuncio apostolico, embaixador da Argentina e commandante do cruzador argentino *Buenos Aires*. 2 — Ministerio. Da esquerda para direita, os srs. ministros da Viação, Agricultura, Fazenda, Marinha e Exterior. 3 — Os srs. presidentes dos Estados do Rio de Janeiro e do Paraná entre figuras da politica e administração. 4 — Supremo Tribunal Federal: ministros Bento de Faria, Arthur Ribeiro e Pires e Albuquerque. 5 — Corpo Diplomatico. Srs. ministros de Espanha, do Uruguay e da Suecia entre vultos da Diplomacia; ao centro, em cabello, os srs. embaixador e consul de Portugal. 6 — O sr. vice-presidente da Republica e o sr. deputado José Bonifacio. 7 — Embaixador de França e pessoal da Embaixada. 8 e 9 — Srs. embaixadores da Inglaterra, Portugal, Japão, Belgica e Chile; nuncio apostolico e ministros da China e de Cuba.

Manobras de Pontes em Pinheiro

Manobras de pontes, em 1928, realizadas em Pinheiro pelos officiaes de Engenharia alumnos da E. A. O.
1 — O lançamento da "passadeira" sobre o rio Parahyba. 2 — O coronel Guerriot, da Missão Militar Franceza, expondo o thema á officialidade. 3 — Vista do rio, mostrando a "passadeira". 4 — Ponte de cavalletes de quatro pés, entre a ilha Dr. Moreira e a margem direita, com 75 metros de comprimento. 5 — Ponte Farron, entre duas ilhas.

A MULATA

POR IRACEMA GUIMARÃES VILLELA

Quando na sala contigua á do concerto entrou o velho conselheiro Saavedra, ainda aprumado apesar dos setenta annos no seu smoking irreprehensivel, com uma perola escura no peitilho da camisa, Albino Mendes, o sceptico, o enfarado, deslisou para perto de Rodolpho, aquelle magro e distincto Rodolpho que nesse momento puxava uma interminavel fumaça do charuto, estendido numa commoda poltrona de couro, e fez-lhe um rapidó signal como a querer avisal-o de qualquer coisa interessante. Ao notal-o, Rodolpho levantou-se, movido por subita curiosidade.

— Quem é este cidadão? — perguntou em voz baixa.

— O Saavedra, que foi ministro das finanças ha annos...

— Não conheço; e que é elle agora?

— Nada ou, por outra, regosija-se com as recordações de antanho...

— Ah!

— Você não se lembra do que o tio Rodrigo nos contou a seu respeito?

— Não.

— Puxe pela memoria, homem!

— Positivamente, não sei.

— O caso da mulata Paquita — insistiu Albino, fitando-lhe muito as pupillas afim de lhes communicar o seu pensamento.

Rodolpho franziu a testa, com dois riscos profundos, apertou os beiços...

Era inutil, não sabia do que se tratava. O outro levou-o para o vão da janella e numa voz abafada:

— Nesse caso vou relatar-lh'o: Paquita era a copeira da casa delle, e andava toda requebrada, taful, rescendendo a perfumes caros... roubados ao patrão...

— E então? — perguntou Rodolpho risonho...

— Então, embora você seja incredulo em questões de amor, não me furtarei ao prazer de lhe relatar tudo, tim-tim por tim-tim... Sentemo-nos e esperemos que o heroe á força vá assistir á musica de mais perto.

O conselheiro, que dera uma volta morosa, cumprimentando algumas pessoas com indifferença, resvalou para a arcada embutida de bronze que separava uma sala da outra.

Albino e Rodolpho acompanhavam-no com o olhar. Eram dois rapazes de physionomias agradaveis e vestidos com esmero.

— Póde começar: o homem não se achou bem e tratou de se afastar — disse Rodolpho parando de fumar.

O outro sorriu sem responder. Os poucos homens que estavam perto delles levantaram-se tambem, arrastados pelos compassos do piano que preludiava, e uma voz fresca de mulher principiou a "Traviata". Os seus trinados evolavam-se velozes e vivos como um côro de passaros em plena floresta. Albino escutou alguns instantes.

— A garganta humana ainda é o mais bello dos instrumentos — observou.

— Se é! — concordou Rodolpho. — Mas estou interessado pelo romance do conselheiro...

— Lá vae — volveu o outro. — A mulata era, como já disse, a copeira da casa, e era airosa, com bonitos dentes e um sorriso captivante. Mirando-se ao espelho, este affirmou-lhe que, sendo assim tentadora, poderia ter aspirações elevadas.

Mas, atirando os espertos olhos em redor dos que a cercavam, não os achou dignos da sua attenção.

— Então o conselheiro — indagou Rodolpho — apresentou-se como candidato mais provavel?

— Escute os detalhes com paciencia. O conselheiro, nesse tempo, tinha trinta annos, era bem apessoado, elegante, sympathico e com grandes esperanças num futuro mais ou menos proximo... Ella contemplou-o, pois, com ansiedade, com carinho, com calor, mas notou-lhe uma frieza sincera, difficil de quebrar. Então tomou um alvitre.

— Qual?

Albino sorriu, gosando-lhe a curiosidade. A cantora trinava sempre.

— Qual? — insistiu Rodolpho, indifferente á musica.

— O conselheiro, homem sério mas imprevidente, pensou na mulata para portadora de suas cartas a uma moça por quem estava apaixonado, suppondo que essa missão haveria de esmorecer-lhe a exaltação. Aliás, elle não acreditava na ternura da cabocla. Suppôl-a apenas um capricho que se desvaneceria com o tempo e a razão. Mas a rapariga suffocava. O amor fervia dentro della bradando vingança. O sangue dos paes aconselhava-lhe propositos terriveis... Entretanto, obedecia sem revolta apparente ás ordens do patrão. Obedecia, mas bramia baixo.

— "Escute, Paquita — disse-lhe elle uma tarde — dê um pulo á casa de d. Dedelia e entregue-lhe este bilhete."

— "Sim, senhor" — respondeu ella estendendo a mão para o papel.

E lá foi, com passos decisivos e faces em fogo, pela rua fóra.

"Ah! o *seu* Joãozinho gostava da outra e por isso a desprezava a ella? A coisa era assim? Não havia duvida: o motivo era esse... Queria conhecer a moça que lhe roubava o coração do seu amado. Seria bonita, rica, intelligente?" A carta pesava-lhe no bolso como se fôra feita de ferro. Se a abrisse? Mas o doutor Saavedra botal-a-hia fóra porque a tal Dedelia o preveniria logo. E ella não queria separar-se delle, não queria...

Chegou á casa da moça, que a recebeu com amabilidade, arrancando-lhe o sobrescripto das mãos agitadas.

— *Xente*! murmurou Paquita sem se poder conter — tem medo que eu fique com o papel? Dedelia acenou negativamente com a cabeça e não respondeu. Lia depressa, toda ruborizada, toda feliz.

Paquita fixava-lhe a figura esbelta e fina, o cabello ondeado, preso na nuca por um coque fôfo, a delicadeza da pelle que deveria ser muito mimosa, como se um raio de sol mais soffrego a queimasse quando nella pousasse com intensidade...

— Vejam só! — scismava — é por causa deste diabo que elle não dá por mim... Ah! peste! se eu t'apanho...

Dedelia, terminada a leitura, encarou a rapariga, cujo olhar faiscava furiosamente:

— "Diga ao doutor Joãozinho que respondo logo mais".

— "Está bem!" — retorquiu esta virando-lhe as costas.

Pelo caminho resmungava irritada:

— "Responde logo mais!!! Ora o desaforo!! Se pensa que eu queria levar-lhe a carta fique-se ninando... Bem me incommodo eu com isso!... Estas espinoteadas fazem pouco de quem tem juizo..." E estalou um muchocho tão alto e tão irritado que duas senhoras que iam na sua frente se voltaram admiradas.

Os dias foram passando e a mulatinha recalcando comsigo o seu inflammado ciume.

Era por causa da serigaita que o Joãozinho não lhe ligava... Era por isso!

— "Espera que te curo" — resmungava — cada vez mais desesperada.

— Meu amigo — accrescentou Albino pousando o charuto numa pequena concha de madreperola — vou resumir em poucas palavras. Uma tarde em que Dedelia e os paes foram jantar em casa do Saavedra, que a pedira em casamento, a moça ergueu-se da mesa aos vomitos com dôres atrozes no estomago... E na manhã seguinte estava morta!

— Que horror! — exclamou Rodolpho compungido — Foi a Paquita que a envenenou?

— Tal qual. Ella confessou com cynismo que não podia ver o patrão casado com outra. Esteve presa durante muito tempo, mas com o decorrer dos annos ficou livre. E o mais curioso foi que quem a auxiliou a libertar-se foi o proprio Joãozinho... São as surpresas da vida. O amor da rapariga por elle acabou por commovel-o...

— A pobre noiva é que foi a victima.

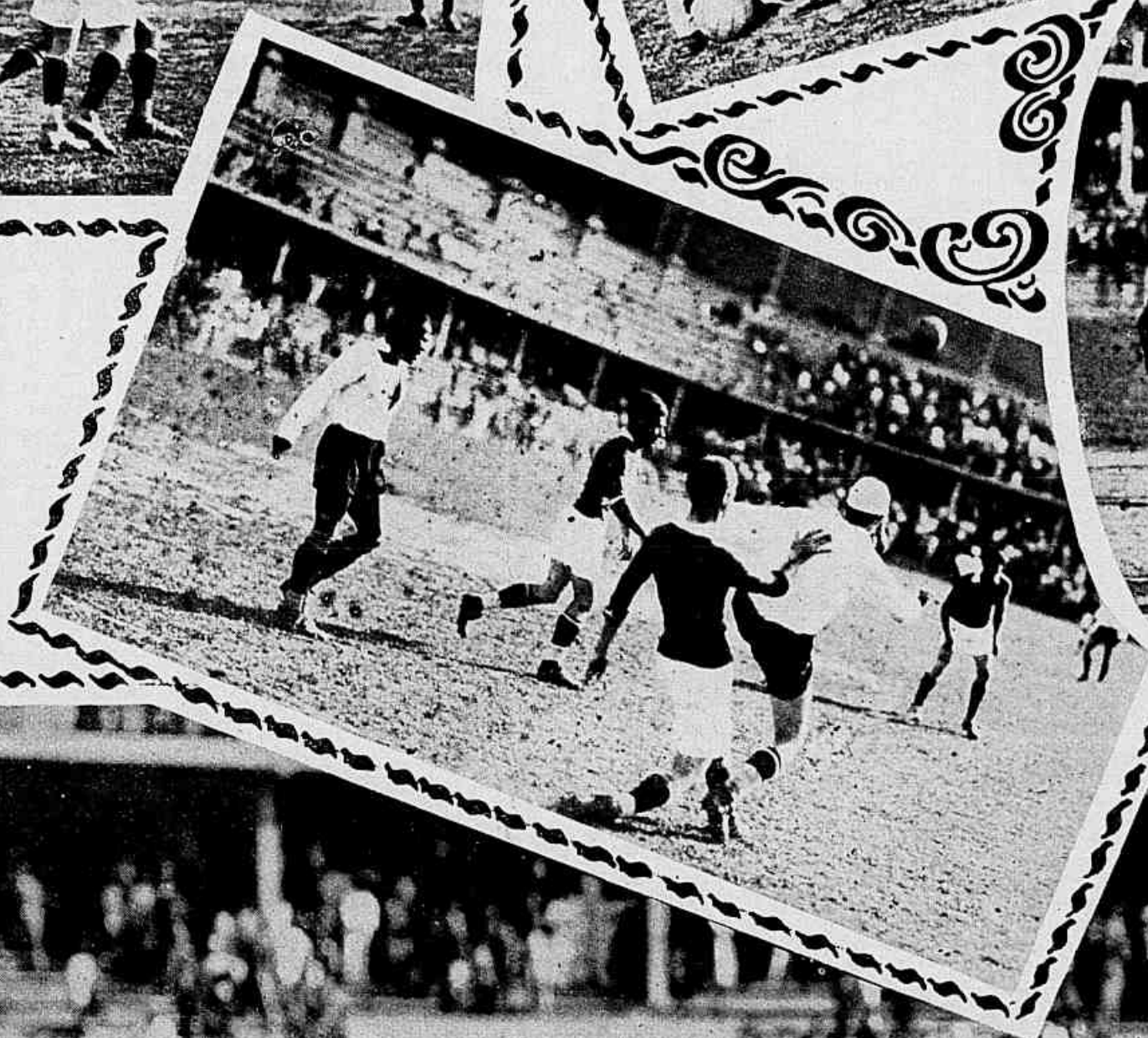
— Ah! meu caro, na terra é assim mesmo. As victimas são sempre as mais innocentes. Quando o ciume é demasiado, a sociedade acaba por desculpar-lhe os desvarios. Respeita-se a paixão que leva ao crime. E' bizarro, mas é assim. O Joãozinho, porém, tornou-se supersticioso e não quiz casar nunca mais. As mulheres apavoraram-no. Preferiu vel-as de longe, bellas e sinistras mas sem nenhuma o atordoar com a sua presença inquietadora.

Rodolpho fitou alguns instantes o tapete persa que tinha debaixo dos pés, e franzindo, os beiços:

— Teve razão. Uma paixão violenta de mulher é como um vendaval ou um terremoto: perturba sempre. A alma sobre a qual ella se despenha nunca mais terá paz.

A cantora calara-se e o conselheiro, com a cabeça baixa e passo vagaroso, voltou para a cadeira que deixara momentos antes, e ali quedou silencioso, com a fronte carregada talvez por algum pensamento triste.

IRACEMA GUIMARÃES VILLELA

Paranaenses x Gaúchos

Na disputa do Campeonato Brasileiro, mediram-se os *scratches* dos Estados do Paraná e do Rio Grande do Sul, triumphando os paranaenses por 2 x 0.

Nesta pagina, encimando quatro instantaneos do jogo, vêem-se, a seguir, os *scratches* paranaense e gaúcho.

OS CINCO SENTIDOS MODERNOS

Vêr. Ouvir. Cheirar. Gostar. Apalpar.

Onomatogramas

RAUL

MODAS · COSTURAS E BORDADOS ▣ A VIDA NO LAR ▣ RECEITAS E CONSELHOS PRATICOS ▣ ECONOMIA DOMESTICA E ALIMENTAÇÃO

:: A MODA ::

Estamos chegando á época dos banhos de mar e dos passeios nas praias. Já que imitamos as parisienses nas suas modas de Paris não devemos deixar de copial-as nas suas modas praticas para as praias e estações de aguas.

O systema de saias com muitas bluzas é o mais pratico e commodo. Essas saias tanto podem ser de tecido de seda como de lã ou algodão. Com ellas poderão ser usados tanto os jumpers condizentes como o pull-over ou os chandails tricotados.

As saias de kasha, com algumas pregas duplas ou pregas feitas a machina, dispostas em grupos e sem roda excessiva — desconfiemos do vento — e as de toile de seda e as de linho são as mais praticas.

Na escolha das côres deve-se procurar as que não desbotam com facilidade sob os raios ardentes do sol das praias. O branco guarnecido com vermelho ou com azul marinha é sempre o mais pratico.

Os roxos e os verdes são os coloridos que mais depressa desbotam. Os rosas e os azul claro teem a vantagem de desmerecer sem ficarem ridiculos.

Os vestidos da noite são cada vez mais irregulares em baixo: *panneaux*, godets de um ou dos dois lados e sobretudo o movimento descido atrás. Como tecido o mais empregado é a mousseline de seda com desenhos. Esses desenhos são grandes para os vestidos da noite e miudos para os do dia. Em geral o fundo desses tecidos para os vestidos da noite são pretos com desenhos vistosos.

Os laços guarnecem de novo os nossos vestidos e chapéus, depois de terem estado tantos annos banidos. São os grandes laços das faixas, em tafetá, em velludo, em setim, assim como os laços incrustados de renda, bordados com seda, metal ou contas. Os mais interessantes desses laços são os de *strass*, bordados sobre os vestidos de setim ou velludo preto, rubi ou azul saphira. Entre os mil empregos da fita, não se deve deixar de citar os cintos e as gravatas, que estão em moda actualmente.

As rendas mais empregadas para os vestidos da noite são as chamadas *dentelle chenillée*. Essas rendas são um pouco pesadas, fazendo lembrar as de guipure, e são de uns tons completamente inéditos: um azul muito vivo, puxando para o bleu *roy*, e um bello vermelho toreador, bem côr de sangue. São esses os tons que Bauer poz na moda.

A verdadeira mulher é aquella que é capaz de levar o seu rosario até á cruz, conservando no soffrimento o seu bello sorriso.

BERTHE BERNAGE

:: :: ULTIMOS MODELOS :: ::

1 — Vestido de *mousseline* de seda branca com grandes rosas côr de rosa, faixa de crépe rosa. 2 — Vestido de crêpe *georgette* beige rosado, a faixa *drapée* amarra-se do lado. 3 — Vestido de crêpe-setim preto guarnecido com renda *ficelle*, os punhos de renda são amarrados por estreitas fitas de setim. 4 — Vestido de crêpe *georgette* branco, a saia guarnecida com grupos de finas pregas que dão roda á saia: a bluza com golla e punhos de crêpe branco com pintas côr de rosa tambem é côr de rosa o *festonné* que os termina.

Como se póde absorver uma cutis velha

(Da Revista "Popular Monthly")

Uma jovem que se assigna "Desconsolada" nos escreve: « Experimentei de tudo para minha pobre e horrivel cutis, que é muito aspera e cheia de manchas". E nos pergunta se "realmente existe alguma cousa que possa remediar efficazmente". E' sempre prejudicial para a pelle o emprego dos crêmes que se vendem em frascos ou potes. O unico modo de transformar uma cutis má é substituil-a por outra. E isto se obtém com o uso da cêra mercolized (em inglez: "pure mercolized wax") que se pode encontrar em qualquer pharmacia e que se applica como se fosse coldcream, todas as noites, retirando-a pela manhã com um pouco de agua morna. O tecido morto da pelle fica absorvido, permittindo assim que surja uma nova cutis rosada, louça e formosa. O tratamento que aqui deixamos recommendado não causa inconveniente algum; pelo contrario, offerece a vantagem de não deixar transparecer a sua applicação, porquanto a cutis velha se desprende imperceptivel e progressivamente.

O CONDEMNADO

Em 1033, Amaury de Gassin, filho mais moço de uma pobre mas nobre familia, abandonou o seu povoado natal em busca de aventuras. Assim foi que, certo dia, se encontrou em Clermont, onde parou e se installou no albergue do Grande Monarcha.

Na mesma noite da sua chegada, passeava pelas ruas desconhecidas d'aquella cidade quando, de repente, ouviu um ruido de passos precipitados e gritos de quem pedia soccorro. Quasi no mesmo instante, uma jovem e um homem de estatura herculea appareceram, perseguidos por quatro embuçados. Sem vacillar um só instante, Amaury puxou da espada e, cortando o caminho aos aggressores, intimou-lhes:

—Alto lá, villões! Ou ai dos vossos ossos!

Longe de obedecer, os desconhecidos desembainharam as suas espadas e cercaram, gumes acerados rebrilhando e scintillando, o imprudente jovem. Este, porém, era um espadachim intemerato. Fez frente aos seus adversarios e até logrou ferir um delles, o que motivou a retirada precipitada dos malandrins que, levando comsigo o ferido, proferiram furiosas ameaças.

A joven e o seu companheiro, ainda sob a forte emoção, agradeceram calorosamente ao seu salvador, perguntando-lhe quem era. Amaury lhes disse o seu nome e, por sua vez, quiz saber com quem tinha a honra de falar.

— Mais vale que o ignoreis — foi a unica resposta recebida, máu grado a sua surpreza.

Em seguida, após reiterados protestos de agradecimento, as duas enigmaticas pessoas desappareceram; sem que o seu protector pensasse em seguil-os.

Amaury regressou a casa e adormeceu sonhando com a graciosa desconhecida e promettendo a si proprio tentar vêl-a de novo.

No dia seguinte, tratou de obter informações em diversos logares, mas ninguem poude oriental-o sobre a identidade da mysteriosa jovem.

*

Em verdade, as duas pessoas atacadas não eram outras senão o carrasco Gaulthier Billot e sua filha Joanna.

Naquelles tempos remotos, o executor da justiça e sua familia eram objecto do desprezo publico vendo-se obrigados a viver afastados da população e a não sahir á rua senão depois do anoitecer.

Numa d'essas sahidas nocturnas, Gaulthier Billot e sua filha haviam encontrado um bando de jovens nobres, os quaes acharam divertido dar lhes caça. A má estrella de Amaury, porém, quizera que o chefe do bando fosse precisamente o barão de Epirat, um dos mais intimos amigos do senhor de Beignat, preboste da cidade.

Se o jovem provinciano não lograra obter informes sobre o que desejava, em compensação a noticia da sua aventura chegou aos ouvidos do preboste. Mais preoccupado em vingar o seu amigo do que em ser imparcial, Thomaz de Beignat apressou-se em mandar deter e encarcerar Amaury de Gassin.

*

Fazia mais de um anno que o nosso heroe se consumia no fundo de um lôbrego calabouço, quando um crime espantoso encheu de indignação os habitantes de Clermont.

O barão de Epirat, precisamente o mesmo que tinha sido ferido por Amaury, envenou o seu proprio pae, para herdar mais depressa a sua fortuna. Entretanto, apezar das precauções tomadas pelo assassino, o rumor publico accusou-o da morte do ancião e o grande senescal viu-se obrigado a ordenar a sua detenção.

O processo foi acabrunhante para o barão, terminando pela condemnação á fôrca, tendo envolvida a cabeça no véo negro dos parricidas. Esta justa sentença preoccupou altamente o preboste Thomaz de Beignat. Este se achava ligado ao barão de Epirat por diversas dividas de gratidão; por isto só pensava em como proceder afim de subtrahir o amigo a tão horrivel castigo.

— Por que não substituir o barão pelo meu prisioneiro? — machinava elle. Ambos são da mesma estatura. Demais, a levantar do parricida o negro véo ninguem se atreverá. Para maior precaução, farei amordaçar esse individuo... Emquanto isso, o barão de Epirat poderá, disfarçado, escapar-se da prisão e ir para o extrangeiro...

A consciencia do preboste rebellou-se por um momento, á idéa de que iria morrer um innocente; como este, porém, não tinha defensor nem protector, Thomaz de Beignat impôz silencio aos seus escrupulos.

Na vespera da execução, penetrou sózinho na cellula do barão de Epirat, facilitou-lhe um disfarce e occultou-o em sua propria casa, esperando uma occasião favoravel para fazel-o sahir da cidade. Na manhã seguinte, e d'esta vez em companhia do carrasco, desceu ao calabouço de Amaury. Os soldados da escolta não podiam vêr, do lado de fóra, o rosto do condemnado. Mas o carrasco reconheceu logo o homem generoso que o havia auxiliado certa noite; adivinhando a tenebrosa machinação do preboste, a custo reteve a sua indignação que ia explodir. Podia elle, porém, personagem por todos mal visto, entrar em lucta aberta contra o poderoso preboste?...

Sem deixar transparecer os sentimentos que o agitavam, limitou-se a obedecer. Não obstante, ao amordaçar o infortunado Amaury, teve o cuidado de não apertar

demais a mordaça. Depois, vestiu-o com um habito de penitente e cobriu-lhe a cabeça com o véo negro dos condemnados.

Pôz-se em marcha o funebre cortejo. Durante o trajecto, Billot pensava ter achado um meio de salvar o desgraçado, ou pelo menos de fazel-o ganhar tempo. Ao chegar ao logar da execução, abandonou por um momento o cortejo, foi a casa, chamou a filha e sussurrou-lhe qualquer coisa em voz baixa. Depois voltou, correndo, a occupar o seu logar.

Já Thomaz de Beignat lia a sentença. Ao terminar este a leitura, uma voz juvenil exclamou:

— Suspendei a execução! Tomo por esposo o condemnado!

Era Joanna que, após a ligeira conversa tida com o seu pae, atravessara a multidão e conseguira chegar ao pé do cadafalso.

Segundo os costumes em vigor naquella época, um tal pedido tinha de ser forçosamente attendido. Si o condemnado acceitasse o casamento, este deveria celebrar-se immediatamente, emquanto se enviava ao rei um recurso de graça.

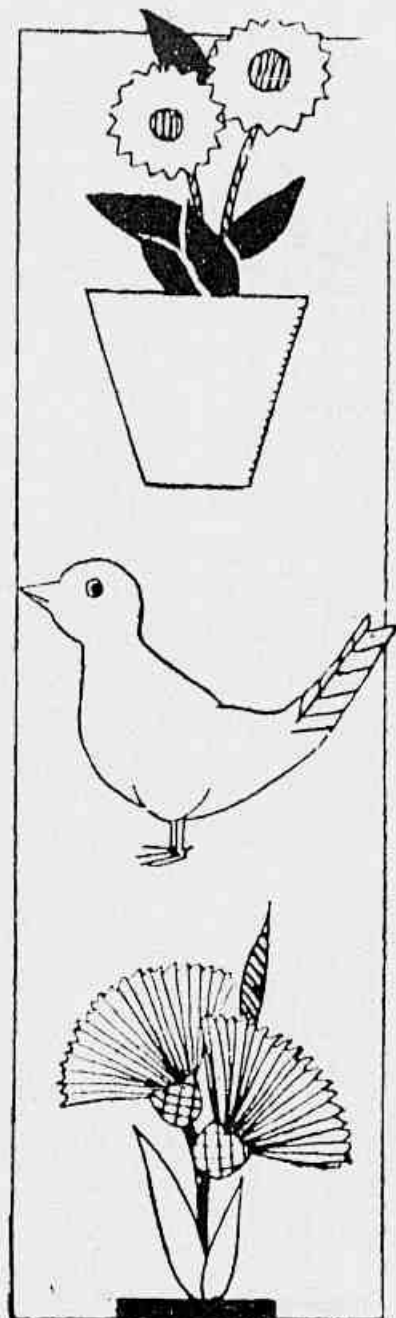
Ao ouvir a voz da jovem, Amaury sahiu do entorpecimento em que se achava e esforçou-se por desembaraçar-se da mordaça que o impedia de fallar.

Por sua parte, Thomaz de Beignat não poude conter um estremecimento. Tentou fazer executar a sentença; mas Joanna repetiu com mais força ainda:

— Tomo por esposo o condemnado!

O grande senescal mandou então sus-

MODA INFANTIL

1 — Vestido para mocinha, de crêpe da China azul marinha; a saia *en-forme* e a bluza de crêpe da China rosa, bordada com contas azul marinha. 2 — Vestido de *shantung* branco com barra do mesmo tecido azul, os *bleuets* são feitos com fita azul franzida e os calices e as folhas bordados com seda verde. 3 — Vestido de kasha beige, guarnecido com pespontos pretos formando quadrados. Sobre cada ponto dessas linhas de pespontos está pousado um vaso recortado no *drap* preto e festonado com seda preta. As flôres são recortadas no *drap* azul vivo e côr de abobora, as folhas no *drap* verde. As flôres são presas no vestido sómente pelo miolo, que é bordado com seda amarella; as hastes são bordadas com seda verde. 4 — Vestidinho de *shantung* branco: uma tira do mesmo tecido côr de limão termina com um canariozinho, que póde ser recortado no tecido e applicado ou todo bordado com seda amarello esverdeado.

pender a execução e o padre que deveria assistir ao condemnado nos seus ultimos momentos foi encarregado de preencher as formalidades da boda. Ao escrever-se no registro o nome de Raul de Epirat, o condemnado conseguiu desprender-se da mordaça e exclamou:

— Não conheço esse senhor. Chamo-me Amaury de Gassin, gentilhomem provinciano.

O padre Antonio tirou-lhe então o véo, e todos puderam ver de que vilania Amaury ia sendo victima. Em seguida, o senescal mandou desamarrar o prisioneiro e interrogou-o detalhadamente.

Thomaz de Beignat logo se viu perdido; mas, não querendo succumbir sem primeiro vingar-se, sacou da espada e enterrou-a no peito do carrasco. Gaulthier Billot cahiu por terra e Joanna precipitou-se para soccorrel-o, o mesmo fazendo Amaury.

Os seus olhares cruzaram-se então, e a jovem poude lêr nos olhos do gentilhomem o seu reconhecimento e a sua ardente gratidão.

— Desgraçada de mim! não poude ella impedir-se de exclamar; — agora que sabeis quem eu sou, me recusareis sem duvida com horror!

— Não o permitta Deus! — replicou vivamente Amaury; — damas muitas e de alta linhagem poderiam invejar a nobreza do vosso coração, ainda que de um verdugo sejaes filha!

— Joanna não é minha filha! — balbuciou então o ferido. E' uma menina abandonada que ha vinte annos recolhi. O padre Antonio, aqui presente, a quem me confessei naquella época, foi quem me aconselhou a adoptal-a. Elle poderá dar testemunho da verdade da minha confissão.

— Gaulthier Billot diz a verdade — confirmou o padre.

Durante esta scena, Thomaz de Beignat havia tentado fugir; mas logo fôra detido pela multidão, que o detestava pela sua crueldade.

Graças á energia com que o senescal de Clermont instruiu o summario, justiça se fez promptamente. O preboste traidor e o barão parricida soffreram o castigo supremo. Amaury de Grassin, libertado, recebeu uma bôa parte dos bens confiscados aos dois perversos, em compensação pelo prejuizo que ambos lhe haviam causado.

Vendo-se rico, Amaury regressou á sua provincia em companhia da sua esposa Joanna e de Gaulthier de Billot, que se curára da sua ferida e renunciára com prazer ao triste officio.

Guarnição de crochet para porta ou janella

Essa guarnição poderá ser executada por qualquer pessôa. As flôres, folhas e hastes serão feitas antes e presas em seguida no fundo durante a sua execução por aquellas que sabem bem o *crochet* e applicadas por cima por aquellas que não tiverem a mesma habilidade.

Ha dois modelos de flôres. A flôr fig. 1 tem cinco petalas e o seu centro tem em volta uma carreira de bolinhas. A flôr fig. 2 tem cinco ou seis carreiras de petalas e as folhas fig. 3 são são tambem de facil execução.

O fundo fig. 4 é feito com ordens de barrettes e ordens de malhas cruzadas alternadas. Fig. 5 o é picot que que termina a guarnição. A franja póde ter as bolas feitas com o *crochet* ou serem de contas de madeira.

Deve-se, antes de começar a fazer a grade do fundo, fazer um molde exacto da guarnição em papel tela de architecto que se forrará com jornaes para obter-se a consistencia necessaria.

Damos o conselho de, em vez de fazer a carreira aberta antes do picot, a executal-a em ponto fechado, isso dando mais firmeza ao trabalho.

Essa guarnição pode ser feita com linhas de côr, mas terá um aspecto mais distincto se fôr executada com linha de um só tom — branco, beige, ou da côr que dominar no aposento para o qual fôr destinada.

CONSELHOS SOCIAES

E' bom de vez em quando lembrarmos-nos de que uma resolução tem muito mais valor quando é logo posta em execução.

Dá-se-lhe valor agindo e só se aprende agindo. Pensar numa coisa não tem senão um interesse relativo; não se deve pensar senão em vista da acção. Na escrivaninha de mais de um homem de negocios dever-se-hia ler esta divisa: — "Vou fazer já". A coisa é desagradavel? Assim que ella ficar feita, não se terá mais de pensar nella. E' uma provação para os nervos ter em vista uma porção de coisas pequenas a fazer que não se teve a coragem de executar. Uma historia que se conta sempre ás creanças e que deveria ser lembrada a muitas pessôas grandes: "Um menino cahiu doente sem que se soubesse porque; o medico foi chamado e declarou que o pequeno estava muito cansado e precisava de muito descanso. Ora, alem dos seus deveres do collegio muito insignificantes, aquelle pequeno não tinha outro trabalho a cumprir senão todos os dias encher de lenha uma caixa de madeira. Diante da insistencia do medico, os paes vigiaram o filho e viram que elle adiava sem cessar aquelle trabalho caseiro do qual estava encarregado. Pensava nelle todo o dia, aborrecia-se, mas não podia deixar de adiar até ao ultimo momento da tarde aquella maçada. Para o seu organismo, o effeito era o mesmo que se elle tivesse carregado lenha todo o dia".

Carregam todo o dia a sua tarefa de lenha? Em outros termos, dizem-se mais de vinte vezes em duas horas: "E' preciso absolutamente que escreva esta carta, que faça esta visita, que termine esta costura, que faça este artigo". Assim que este pensamento nos vem á cabeça abatemos-nos como um pneumatico furado por um prego.

E' uma encommenda que temos que fazer, é a roupa que temos que contar para a lavadeira: em vez de ir logo fazer, fica-se todo o dia amofinada com essa preoccupação. O espirito sem cessar numa guerra civil: uma metade empurrando para a acção á que quer absolutamente ficar em repouso.

PENSAMENTOS

Assim que ella ama, a mulher parece ter necessidade de estragar a sua felicidade com o medo e a desconfiança.

M. TINAYRE.

A duvida é um nevoeiro que esconde muitas vezes bellos horizontes.

A. MASSENET

A MODA :: :: ::
:: :: :: EM PARIS

:: :: :: A MODA
EM PARIS :: :: ::

PENSAMENTOS

Os encargos exagerados, os fardos pesados de mais, os sacrificios não tornarão a nossa vida superior. O dever não nos impõe o que é acima das nossas forças. Como o surmenage intellectual, o surmenage altruista leva á paralisia geral, ou a uma loucura qualquer.

J. H. Rosny.

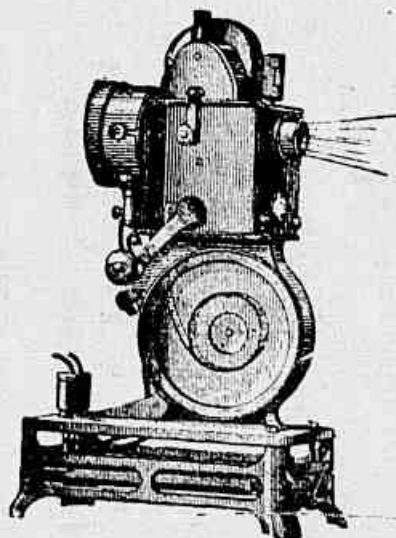
E' mais facil precipitar-se na morte que assistir impotente, immovel, captivo da sua segurança á immolação daquelle que se ama.

J. Rostand.

—

De uma confidencia á indiscreção, não ha senão a distancia que vae da orelha á bocca.

—

Na vida uma illusão succede a outra... e a existencia só vale alguma coisa emquanto é assim.

Bebe Daniels

NOSSA ALIMENTAÇÃO

COZINHAR EM BANHO-MARIA

Esta expressão *banho-maria* foi tirada do vocabulario dos alchimistas, que tinham feito de Maria, irmã de Moisés e de Arão, uma especie de prophetisa cujo nome associavam aos seus trabalhos mysteriosos. No seculo XV conhecia-se já, com o nome de *balneum Mariae* (banho de Maria), a operação culinaria que consiste em cozinhar qualquer alimento numa vasilha mettida dentro de outra contendo agua fervendo.

MENU DE JANTAR

SOPA DE LEGUMES

CREME DE PEIXE RAVIGOTE

SALADA DE ALFACE

POMBOS DE ESPETO

PETITS-POIS

ENTRECOTE

BATATAS DELPHINAS

BOLO DE AMENDOAS

SOPA DE LEGUMES

Um punhado de azedinhas, uma alface, um alho-poireau, duas cenouras, duas batatas, duas cebolas, um punhado de ervilhas, alguns tomates ou duas colhéres de môlho de tomates, uma colhér de manteiga.

Lava-se em muitas aguas a alface, azedinha, o alho *poireau;* depois picar e passar por agua fervendo alguns minutos (4 a 6); em seguida cozinhar na manteiga em fogo brando. A' parte põe-se para cozerem em agua e sal as ervilhas, as batatas, as cenouras cortadas em juliana. Na agua em que foram cozidos esses legumes juntar os legumes preparados na manteiga e juntar os tomates; se fôr necessario, juntar mais agua ou caldo e deixar cozinhar em fogo brando mais um quarto de hora. Na hora de servir juntar um pouco de manteiga e servir com pão torrado frito na manteiga.

CREME DE PEIXE RAVIGOTE

500 grs. de carne de peixe, da qual se tirou as espinhas e as pelles; 100 grs. de manteiga, um pouco de leite, de farinha de trigo e uma chicara de nata.

Tendo-se cozinhado o peixe pica-se, depois amassa-se a sua carne com a manteiga e em seguida junta-se o môlho que se fez com o leite, a farinha de trigo e a nata (na falta d'esta põe-se uma colhér de manteiga); verifica-se se está bem temperado e junta-se uma colherinha de alcaparras. Põe-se na geladeira duas ou tres horas, e na occasião de servir despeja-se dentro de um prato de crystal e cobre-se por cima com o môlho *ravigote;* guarnece-se com ovos duros cortados em pedacinhos, beterrabas cozidas, tambem cortadas muito miudo, e salsa picadinha.

MOLHO RAVIGOTE

Picar muito fino agrião, cerefolio, estragão, um pedacinho de aipo e espinafres. Socar tudo muito bem no pilão e juntar uma colherinha de alcaparras; continuar a socar até

MODELOS PARA A PRAIA

1 — Vestido de toile de seda branca, guarnecido com o mesmo tecido vermelho. O casaco é de tecido vermelho, forrado de branco. 2 — Vestido de shantung branco; a bluza e o lenço são guarnecidos com o mesmo tecido verde imitando vagas, que uns pontos de seda do mesmo verde terminam. 3 — Vestido de linho azul; uma grande gaivota, golla e bolso são cortados no linho azul marinha e applicados na bluza deste vestido. 4 — Saia de kasha azul marinha, bluza de crêpe de Chine branca, guarnecida e bordada com seda azul marinha.

1 — Vestido de juvenil aspecto, de crêpe de Chine cinzento claro com pintas vermelhas e pretas. Golla e punhos de organdi branco.
2 — Saia de setim preto e bluza do mesmo tecido formada por tiras cinzento muito claro, mais escuro e preto.

formar uma massa, incorporar uma gemma crua e ir juntando, gotta a gotta, azeite até o môlho ficar na consistencia de *mayonnaise*; temperar então com um pouquinho de vinagre e de sal.

POMBOS DE ESPETO

Escolher pombos bem gordos e novos; depois de depennados e bem limpos recheial-os com o seguinte. Faz-se um picado com os figados dos pombos, um pedaço de bacon, algumas cebolinhas, salsa e um pouco de miolo de pão; tempera-se com sal, pimenta e liga-se com um ovo batido. Enchem-se os pombos com o recheio e coze-se. Enfiam-se no espeto separando cada pombo com uma folha de louro; mergulha-se o espeto na gordura derretida e frita-se em bom fogo. Durante esse tempo recolher a gordura que vae cahindo; pica-se uma bôa fatia de presunto, junta-se um pouco de miolo de pão; molhar com vinho branco ou vinho madeira e um pouco do môlho dos pombos; deixar ferver durante algum tempo depois tirar a gordura e assim que tirar do fogo juntar algumas gottas de sumo de limão.

Servir os pombos deitados sobre as folhas de louro e o môlho na molheira.

ENTRECOTE

Põe-se para assar a entrecôte numa frigideira com manteiga. Assim que estiver assada guarda-se num logar quente. Na frigideira onde foi assada junta-se uma ou mais cebolas picadas e um pouco

1 — Vestido de mousseline amarella com grandes flôres brancas e o centro amarello escuro.
2 — Vestido de crêpe de Chine *bois de rose*, guarnecido com plissados e pontos abertos *échelle*.

1 — Vestido de crêpe da China *vieux rose*, a parte plissada, e a parte lisa de crêpe marocain do mesmo tom.
2 — Vestido de crêpe *marocain* azul acinzentado, guarnecido com um galão de seda côr de aço; botões de aço, golla e punhos de crêpe branco.
3 — Vestido de crêpe da China marron, todo trabalhado de nervures, que continuam em pregas na saia. Cinto de pellica beige.

de vinho tinto; liga-se o môlho com um pouco de manteiga e um punhado de salsa picada e despeja-se por cima da carne.

BATATAS DELPHINAS

Tira-se as cascas de algumas batatas cozidas e passa-se por uma peneira; liga-se no fogo mexendo com um pouco de leite.

A' parte, faz-se aquecer um copo de agua levemente temperada com sal; quando estiver quente vae-se juntando aos poucos farinha de trigo em quantidade sufficiente para formar uma massa. Trabalha-se bem com uma colhér para evitar os caroços e liga-se com um ou dois ovos. Retira-se do fogo e mistura-se pouco a pouco a massa de batatas mexendo sempre.

Deixa-se descansar a massa algumas horas, tira-se, com a ajuda depois de duas colhéres, bolas do tamanho de um ovo de pombo, que se põe para fritar na gordura. Essas bolas crescem muito.

BOLO DE AMENDOAS

Põe-se na balança tres ovos, e pesa-se com peso igual farinha de trigo, assucar e manteiga. Soca-se bem 200 grs. de amendoas. Junta-se tudo numa vasilha e mistura-se o melhor possivel; junta-se um calice de licor curação. Depois de estar tudo muito bem amassado põe-se essa massa dentro de uma fôrma baixa forrada com papel untado com manteiga.

Põe-se para assar em forno moderado e tira-se o bolo da fôrma antes de completamente frio.

PENSAMENTOS

A inveja é um rancor que não póde supportar a felicidade dos outros.

LA ROCHEFOUCAULD

Deus não tem templo mais augusto que a natureza, nem tabernaculo mais sagrado que o coração do homem.

A. CARNEGIE

1 — Vestido de tussor branco, guarnecido com pespontos de seda azul marinha. 2 — Vestido de toile de seda branca, saia en-forme. Botões de madreperola.

Vestido de crêpe de Chine azul com pintas de velludo preto.

Preceitos de hygiene

A MULHER ARTHRITICA

O arthritismo na mulher mostra-se sob uma apparencia menos tragica que no homem, isso provindo provavelmente d'ella ser mais sobria em questão de bebidas. No emtanto, pequenos signaes reveladores apparecem. Muitas vezes é o apparecimento da gordura um dos primeiros symptomas, que no emtanto dá ao individuo um aspecto florescente, enganador.

Lembrem-se que os dois grandes amigos do arthritismo são o sedentarismo e a superalimentação: o equilibrio da saude num arthritico depende de uma relação harmoniosa entre a acção physica e a alimentação. O organismo absorve as materias, transforma-as e elimina o que não presta. A arthritica tem sempre uma tendencia a eliminar insufficientemente e, por conseguinte, é uma candidata a pequena intoxicação alimentar.

Uma conclusão impõe-se. As mulheres arthriticas devem ser moderadas na sua alimentação. Dirigirão seus menus antes para o vegetarismo, porque esse methodo alimentar é menos toxico que o carnivoro. Comer pouco e agir muito, é essa a melhor receita que póde fazer um medico a uma arthritica.

Agir muito, que quer isto dizer? Ter uma vida activa? Não confundamos. Naturalmente, a actividade da vida já é alguma coisa, mas é preciso ir mais longe: é á pratica dos sports ao ar livre que é necessario pedir esse consumo muscular de que o organismo

Guarnições bordadas para a roupa de baixo e de creança

Bouquet, guirlanda ou corôa serão á vontade bordados ao *plumetis*, com o ponto de nó, bordado inglez ou *cordonnet*. No mesmo tom, ou branco sobre côr, ou de côr sobre branco.

Com estes desenhos bordar-se-hão lenços com o *bouquet* ou a corôa. Uma bluza de crêpe de Chine rosa guarnecida com pontos abertos terá de um lado um *bouquet* bordado com seda azul. Para a roupinha das creanças esses desenhos poderão ser muito aproveitados, assim como para as roupas de baixo das quaes damos alguns modelos.

Vestido de crêpe de Chine cinzento claro com desenhos azul marinha. Os tres babados enforme são levemente franzidos, gravata e faixa *drapée*, do proprio tecido do vestido.

do arthritico tem grande necessidade.

Naturalmente muitas são as mulheres que não se podem dedicar aos sports, tendo seu tempo todo tomado com seus afazeres caseiros, educação dos filhos ou um trabalho remunerador. Mas todas devem fazer um esroço para dar um passeio a pé. A marcha a pé é talvez o melhor de todos os exercicios.

A arthritica que fizer pelo menos seus quatro kilometros a pé todos os dias póde ficar certa de que nenhum outro medicamento substituirá esse passeio, que fará agir todo o systema muscular e forçará com isso a eliminação.

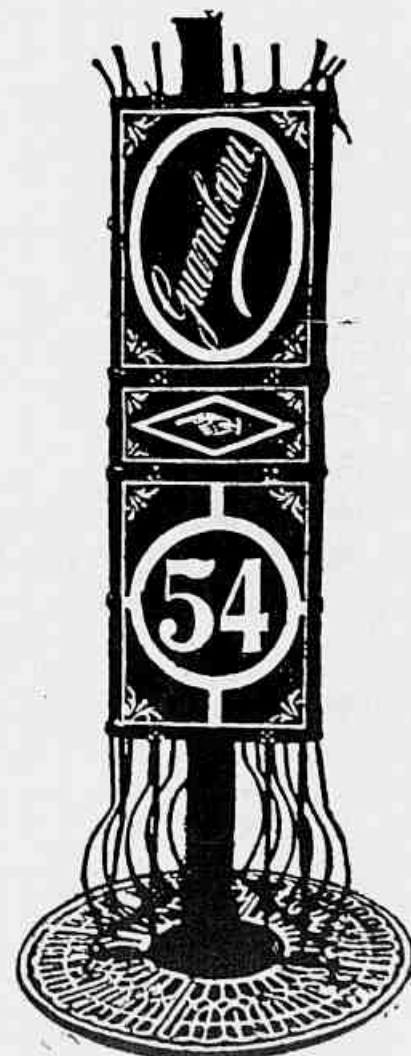
A unica coisa que dá valor á vida é o amor da belleza eterna.

PLATÃO

PARA AS MÃES DOLOROSAS

Nada é mais maravilhoso que a belleza dos mortos.

Se disserem que a bala ou o obús, derrubando-os, os cobriu como horror do sangue, não creiam! Não é verdade. Graves, soberbos, esculpidos pelo genio extraordinario da morte, todos aquelles soldados se deitaram na relva como reis, vestidos de ferro, de purpura e ouro...

Mães! Mães de luto!

1 — Vestido de crêpe de Chine, fundo vermelho com pintas amarellas e pretas, gravata e faixa do proprio tecido. 2 — De crêpe-setim *vert-d'eau*. Uma tira que sae do proprio decote amarra-se em gravata, e a saia en-forme tem uma ponta mais comprida do lado esquerdo.

Mães de meu paiz! Que o indizivel horror dos seus corações se arranque!

Estavam alli, muito quietos, aquelles heroes sem macula.

Juro-lhes que podem afastar as suas mãos apavoradas, que todos tinham impressa nos seus rostos a calma serena e divina.

Nenhum, estão ouvindo, nenhum que não estivesse assim!...

E' preciso acreditar. E' preciso. Chamo o céu em testemunho.

Mães levantem a cabeça. Vim de lá! Vi-os! Todos os seus filhos estavam tão bellos como Jesus.

HENRI BATAILLE

O QUE É MELHOR ?

O que é o melhor: ser amado, mas o que se póde amar, ou então, vencido, ferido, encantado, soffrer sózinho o mal supremo?

Receber um beijo perturbador e não poder corresponder, ou sentir o seu desejo ardente perto do gelo sem derretel-o?

Ouvir uma confissão de amor e não encontrar senão palavras indifferentes em resposta, ou então gritar phrases loucas?

Esperar sem ansiedade á noite seus passos ligeiros e fieis, ou perturbado, com medo e esperança, correr em pranto para ella?

Porque o amor é um divino mal que nos esmaga ou nos roça levemente. A distribuição não é igual: é preciso que um ou outro chore.

A. SAMAIN.

1 — *Manteau* de kasha beige claro, guarnecido com pespontos *marron*. 2 — Vestido de *shantung* verde *jade* com pespontos de seda preta.

NÃO ACCUSES O AMOR

Não accuses o amor, porque não é do amor a culpa. O amor é mais profundo que nossos sonhos humanos: porque a sua aza deslizou na tua mão, não vás renegar a graça das suas rosas!

Não accuses o amor, o amor é simples e recto. São as nossas vaidades que o fazem sossobrar. Não blasphemes contra o infinito pelas suas caricias, porque a caricia morreu sob o teu tecto.

Que lhe reprovas tu? A sua traição, talvez? Ou a sombra onde se esconde o extase do passado? Mas quantos o esperaram sem o ver apparecer! Não te teria trahido se não te tivesse embalado!

Vê como vibras ainda com a sua suprema recordação, o seu sopro ainda aquece o teu coração despedaçado. Deixa as lagrimas, os desesperos, os queixumes para todos esses desgraçados que o não conheceram.

Em vez de exasperar a dôr e cingir de amargura a tua fronte desanimada, ergue os braços para Deus, que na sua infinita ternura fez com que conhecesses um momento a sua eternidade.

E. PREVOST.

A paz do coração é o paraizo do homem.

Mme. Selda Potocka, antiga assistente da clinica do dr. Buchener, de Londres, responderá a todas as consultas sobre o tratamento da pelle e do cabello e hygiene da mulher. Dirigir correspondencia para a rua Paisandú 111 — Rio de Janeiro

Mme. G. (Copacabana) — Fricções diarias depois do banho com *Perfume Selda* na nuca, ventre e ancas.

Elegante — E' preferivel limar as unhas de quatro em quatro dias: limadas as unhas, adquirem maior vigor. A pelle que contorna as unhas facilmente se remove com uma fina espatula molhada no *Crême Neve*. Para dar ás unhas um lindo tom rosa e brilho, tenho um preparado novo em forma de pomada, polindo-as em seguida com um polidor.

Manolita Harra — As sardas apagam-se com applicações da *Loção para os Cravos*.

Diversas vezes ao dia, humedeça o rosto nos sitios onde tenham apparecido as sardas com a *Loção dos Cravos*, logo depois applique o *Crême Neve* e o *Pó Hygienico Branco*. De noite, ao deitar, applique *Pomada dos Cravos* e o *Pó de Lyrio*, as sardas desapparecerão com uma rapidez magica.

Passe uma pequena escova, ligeiramente humida de *Loção para as Pestanas*, sobre uma rolha queimada. Em seguida com a escova levantam-se as pestanas, seguindo a linha arqueada das sobrancelhas. Esta *Loção* destina-se a fazer escurecer as pestanas e sobrancelhas, avigorando as delicadas raizes.

Olga — Para combater as manchas da gravidez deve antes de se deitar fazer uma leve massagem com a *Pomada para os Cravos*, lavando em seguida o rosto com agua morna e sabonete *Sylkale*. Ao levantar faça novamente a massagem e applique depois o *Pó de Arroz Hygienico*.

Mariela — Em logar do crême que usa para fixar o pó, aconselho a *Loção de Embellezar a Pelle*, é o melhor remedio para a pelle secca e aspera.

Rosalina — O meu *Dentifricio* e *Pasta para os dentes* evita a carie dos dentes, dando alvura e brilho ao esmalte, fortificando as gengivas e dando-lhes a côr saudavel do coral.

SELDA POTOCKA.

CONSULTORIO ODONTOLOGICO

Toda a correspondencia para esta secção deverá ser enviada para o consultorio do cirurgião-dentista ALEXANDRINO AGRA, *á rua Rua Rodrigo Silva, 28 - 1.° andar. — Telephone* 1838 *Central — Rio de Janeiro*

UM CONSELHO POR SEMANA

Toda a creança deve ser obrigada pelos paes a tratar dos dentes.

Uma bôa dentadura influe poderosamente no desinvolvimento da creança, quer physico, quer intellectual.

As estatisticas demonstram que as creanças que mais aproveitam nas aulas são as que possuem dentes perfeitos ou cuidadosamente tratados.

✤

Delmo Soares (S. Paulo) — O "Boletim Odontologico" é orgam da Associação Central Brasileira de Cirurgiões-Dentistas e é publicado mensalmente. A sua tiragem augmenta de numero para numero, tendo circulação em todos os Estados do Brasil.

Victoria (Minas Geraes) — Não deve usar.

Salustiano de Menezes (Pernambuco) — Naturalmente.

Ferreira (Minas Geraes) — O bicarbonato de sodio, por exemplo.

Xantico (Alagoas) — Recommendo exame de raio x.

Bento Cerqueira (Minas Geraes) — Antes das refeições, de preferencia.

Adamastor (Minas Geraes) — O 3.º Congresso Odontologico Latino-Americano está marcado para Julho do anno proximo.

Foram convidados officialmente todos os paizes da America Latina.

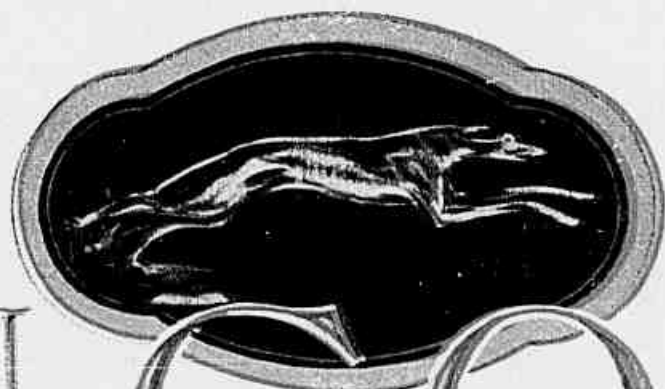
Carlos Simões (Minas Geraes) — Antes dos seis annos é raro.

Felix de Almeida (S. Paulo) — Não deve fazer uso.

Delmira Herculano (Minas Geraes) — O bicarbonato, por exemplo.

Vicente Lima (Minas Geraes) — Não conheço ainda.

ALEXANDRINO AGRA.

CONDUZIR um cavallo de puro sangue, agil e vigoroso, sentil-o obedecer, docil, ás mais subtis exigencias, sem hesitações, comprehendendo instinctivamente a vontade do cavalleiro, ou ainda lançal-o a galope para contel-o, repentinamente, com uma simples pressão da mão ou do pé -- é prazer identico ao que experimenta quem dirige um carro Lincoln.

LINCOLN MOTOR COMPANY

Divisão da Ford Motor Company

RIO DE JANEIRO — PORTO ALEGRE — RECIFE — SAO PAULO